



EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

DE OLHOS FIXOS EM JESUS, AUTOR E CONSUMADOR DA FÉ



RIMINI, 14-16 DE ABRIL DE 2023

DE OLHOS FIXOS EM JESUS, AUTOR E CONSUMADOR DA FÉ

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2023

Na capa: Beato Angélico, *Apresentação de Jesus no Templo*, fresco, pormenor, 1442, Florença, Museu de São Marcos. © Raffaello Bencini/Archivi Alinari, Florença.

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé”, o Santo Padre Francisco dirige a sua cordial saudação, desejando que estes dias de reflexão suscitem o desejo de olhar com confiança para o futuro na consciência de que Cristo ressuscitado mudou a direção da história, abrindo um horizonte de esperança sobre nós mesmos, sobre a realidade, sobre o mistério da vida. Com tal desejo, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e envia, de bom-grado, a bênção apostólica, penhor de todo o bem desejado.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
13 de abril de 2023

Sexta-feira, 14 de abril, noite

Sergei Rachmaninov

Vésperas, op. 37, Aleksandr V. Svešnikov – Coro da Academia de Estado da URSS

“Spirto Gentil” n. 17, (Ricordi-BMG) Universal

■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA

Daive Prospero

Invoquemos o Espírito Santo, para que nos dê a simplicidade de coração das crianças, cheias de curiosidade e desejo, que não receiam nada e não colocam nenhuma objeção ou perplexidade diante da novidade que encontram; e para que nos conceda a disponibilidade para acolher os frutos da Sua ação, bem como podermos ser por esta regenerados no caminho destes dias.

Vinde, Espírito Santo

Em primeiro lugar, a leitura do telegrama do Santo Padre:

«Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema “De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé”, o Santo Padre Francisco dirige a sua cordial saudação, desejando que estes dias de reflexão suscitem o desejo de olhar com confiança para o futuro na consciência de que Cristo ressuscitado mudou a direção da história, abrindo um horizonte de esperança sobre nós mesmos, sobre a realidade, sobre o mistério da vida. Com tal desejo, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e envia, de bom-grado, a bênção apostólica, penhor de todo o bem desejado. Cardeal Pietro Parolini, Secretário de Estado de Sua Santidade».

Nestes dias, seguirão os Exercícios espirituais conosco, os que estamos aqui em Rimini, os amigos ligados de Itália e de mais 30 países. Nas próximas semanas, viverão os Exercícios outros 69 países.

Passou um ano desde os últimos Exercícios da Fraternidade pregados pelo padre Mauro-Giuseppe Lepori (Abade Geral dos Cistercienses), e estou verdadeiramente contente de que também este ano seja ele a acompanhar-nos nas meditações destes dias. Agradeço-lhe do fundo do coração, em nome de toda a Fraternidade, pela sua preciosíssima disponibilidade. Parece-me que correu bem da última vez! [*aplausos*].

Por que é que ainda estamos aqui? Por que é que voltámos?

Foi um ano decididamente intenso, rico em acontecimentos e provocações importantes para a nossa vida. Os Exercícios do ano passado assinalaram um marco fundamental do nosso caminho; estávamos ainda mergulhados em discussões e interpretações sobre as circunstâncias que estávamos a atravessar, quando o padre Mauro nos voltou a colocar, com força, diante das palavras que Jesus dirige a Marta: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas; mas uma só é necessária».¹ Palavras que ecoaram para nós como uma pergunta: onde identificamos na nossa experiência quotidiana esta única coisa que vale?

O primeiro dado a reconhecer é que, ao longo do caminho percorrido nestes meses, fomos acompanhados. O próprio *don* Giussani, com a sua característica discrição, que quem o conheceu bem recorda, acompanhou-nos no trabalho dramático que tivemos de enfrentar. Não o digo de forma fideísta, mas sim com boas razões. Ou seja, digo-o pensando no quão mais difícil teria sido navegar através da tempestade do último ano e meio, se não tivéssemos sido acompanhados – por uma feliz e não casual coincidência – pela memória incessante de *don* Gius, que as celebrações pelo centenário do seu nascimento tornaram tão fortemente viva entre nós em todo este tempo. Celebrações que, entre outras coisas, nos levaram até à Praça de São Pedro, a 15 de outubro, como bem nos lembramos, convocados pelo Santo Padre. Que reviravolta representou o encontro com o Papa! Para quem nele participou com simplicidade, foi verdadeiramente um novo início. Quantos de nós dali saímos abandonando dúvidas e incertezas, com o coração cheio de promessa e relançados numa tarefa fascinante: erguemos o olhar, que se tinha debruçado um pouco sobre as nossas questões internas, para voltar a fixá-lo nos olhos d’Aquele que, através do carisma de *don* Gius, nos escolheu para coisas grandes. Pedro, com a força que Deus concede aos seus ministros na Terra, reergueu-nos e voltou a dar-nos certezas: a certeza de que somos desejados, amados, estimados. Recordámo-nos da palavra que, tal como já ao profeta Jeremias, Deus nos dirigiu também a nós: «Amei-te com um amor eterno», diz o Senhor, «e nunca te abandonarei».²

¹ Lc 10,41-42.

² Cfr. Jr 31,3.

Por isso, trabalhámos durante três meses sobre as palavras que o Papa nos disse naquele dia, encontrando nelas algumas indicações fundamentais sobre a melhor forma melhor para viver com maturidade a grande responsabilidade que nos é confiada, que é a de contribuir, através das nossas vidas e da comunhão, para a frutificação do carisma que, através de *don* Giussani, Deus confiou à Igreja. Pudemos assim experimentar na pele o que significa aquilo sobre o que refletimos este verão na Assembleia Internacional de Responsáveis e sobre o que trabalhámos nas nossas comunidades até à audiência com o Papa: a co-essencialidade entre carisma e instituição. Ou, para usar as palavras do Santo Padre, entre «o carisma e a autoridade, que são complementares, ambos necessários».³

Como se devem lembrar, no último verão comparámos as figuras de Pedro e João, concluindo a Introdução daquele gesto com duas perguntas. Num primeiro momento, perguntávamo-nos por que é que o Senhor quis que existisse esta irredutível tensão na comunhão entre carisma e instituição, uma unidade em tensão, de modo a que não exista um ponto único através do qual passa toda a profecia, toda a Graça, toda a ação do Espírito. A resposta a tal pergunta hoje parece-nos mais clara devido à experiência que vivemos caminhando juntos, paternalmente assistidos pela autoridade da Igreja. A segunda pergunta, se bem se lembram, tinha ficado um pouco em suspenso: se é verdade que João era o mais carismático, perguntávamo-nos, por que não escolhê-lo a ele em vez de Pedro como guia da Igreja? Por que não escolher o discípulo «que Jesus amava» (são palavras do Evangelho)?⁴ Hoje, à luz das palavras do Papa Francisco, creio que podemos compreender, pelo menos um pouco, do significado da escolha feita por Jesus. Creio que todos trazemos ainda impressa na memória a voz de *don* Giussani, que ecoa na Praça de São de São Pedro e faz vibrar o coração com um dos seus poderosos comentários ao «sim de Pedro».⁵ Este «sim» tão pobre, simples e ao mesmo tempo grandioso, porque capaz de vencer todo o sentimento

³ Francisco, «Arda nos vossos corações esta santa inquietação profética e missionária», *supl.de Passos*, n. 04/2022, p. 17.

⁴ Cfr. *A vida: resposta ao chamamento de Outro*, Apontamentos da Síntese de Davide Prospero na Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação, La Thuile (AO), 30 de agosto 2022, *clonline*.

⁵ Cfr. *Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 1989, Rimini, transcrição de um dos vídeos presentes na exposição virtual GIUSSANI100; agora em L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, por Julián Carrón, Bur, Milão 2019, pp. 135-136.

de indignidade, de pequenez que enche o coração de Simão. Pois bem, quando o Papa falou da humildade como condição indispensável para responder de forma adequada ao chamamento do tempo presente, não pude deixar de sentir nesta insistência de Francisco o eco da voz de *don Gius* que fala de Pedro, este rude pescador a quem o Senhor, ao confiar a enorme responsabilidade da sua Igreja, não faz senão uma única pergunta: «Amas-me?», «Amas-me?».

Visitei, nos últimos meses, muitas das nossas comunidades em todas as regiões de Itália e também no estrangeiro: pude verificar que a preocupação do Santo Padre nos sugere o caminho para fazer vir à tona aquela «potencialidade» do carisma que, como ele nos disse, «ainda deve ser em grande parte descoberta». ⁶ É um ponto que reconheço como sendo muito importante, pelo que vos peço que me deixem aprofundá-lo um pouco.

O que é a humildade, esta humildade de que fala o Papa? A humildade não é dizer: «Não valho nada, não sou nada». A humildade, pelo contrário, é dizer: «Eu não sou nada, mas Tu és mais forte do que o meu nada, do que a minha pequenez; e se me chamares para coisas grandes, aqui estou; frágil e limitado como sou, aqui estou. Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo, estou contigo, consciente de que só com a Tua ajuda, só se Tu estiveres comigo, posso fazer aquilo que me pedes». A humildade, em suma, é reconhecer que eu não tenho mais nada senão este «sim». E, no entanto, este «sim» basta, se enquanto o disser não me puser a pensar que posso fazer por mim, se enquanto o disser estiver completamente consciente de que sem a Sua ajuda constante eu não posso percorrer nem sequer um metro. A humildade, para mim, é isto.

Mas foi precisamente esta primeira pergunta dirigida por Jesus a Pedro que me ajudou a refletir neste ano. Para sermos precisos, da primeira vez Jesus não pergunta a Pedro: «Amas-me?», e pronto. Mas sim: «Amas-me mais do que estes?».⁷ Imaginemos a cena: ali perto estava certamente também João, e Jesus pergunta-lhe: «Amas-me mais do que estes? Amas-me mais do que ele? Ele, que estava junto da cruz a fazer companhia à minha mãe, desfeita pela dor, enquanto me crucificavam, depois de me teres negado três vezes! Ele, que estava apoiado em mim, com a cabeça no meu coração, na grande hora da Última Ceia, ele a

⁶ Francisco, «Arda nos vossos corações... », op. cit., p. 15.

⁷ Jo 21,15.

quem confiei a identidade do traidor. Ele, que quando estava no sínédrio e me processavam, me insultavam, me cuspiam e me flagelavam, estava ali comigo, sempre perto. Ele, que enquanto tu me negavas, tinha tido a coragem de dizer que era um dos meus, que me pertencia». «Amas-me mais do que ele? Podes dizer isto?». É claro que a *esta* pergunta, Pedro não podia responder com um «sim», com aquele «sim»! E, com efeito, não é a esta parte da pergunta que responde. Cada confronto, cada comparação sobre quem é o melhor, o mais corajoso, o que ama mais, ou o mais inteligente, já não conta, já não tem importância. Aliás, não só já não conta, como é ainda mais bonito assim: a humilhação do confronto transforma-se precisamente num valor positivo, porque é como se tornasse o «sim» de Pedro ainda mais humilde, ou seja, límpidamente consciente do facto de que é escolhido não porque é o melhor, mas apesar da sua indignidade, da sua pequenez diante duma tarefa para a qual no fundo ninguém (nem mesmo João!) está à altura.

Começa-se assim a intuir pelo menos uma das possíveis respostas a esta famosa pergunta: porquê Pedro e não João? A resposta que nestes meses se tornou cada vez mais clara para mim é a seguinte: porque ninguém mais e melhor do que ele, o que negou, podia ter claro que tinha necessidade, para fazer bem a sua tarefa, não só da graça de Jesus, mas também do contributo de João, de André, de Paulo e de todos os outros.

A mesma coisa me parece ser verdadeira para nós: eu preciso do Senhor, claro – e como preciso! –, mas preciso também de ti. Porque se não reconhecesse precisar de ti, além de precisar do Senhor, acabaria facilmente por pensar que sou eu o único mediador da graça de Jesus, voltando a cair no personalismo e na autorreferencialidade contra os quais a Igreja nos alerta. Daqui a nossa insistência deste ano em recenter o olhar na nossa *comunhão*. Sem esta humildade, a humildade que nos torna conscientes de precisarmos uns dos outros, mesmo no seio dum seguimento claro e límpido da autoridade indicada, todos nós ficamos prisioneiros da nossa parcialidade, das nossas particularidades.

Prosseguia o Papa Francisco: «E resumiria esta atitude de humildade com dois verbos: *recordar*, ou seja, restituir ao coração, recordar o encontro com o Mistério que nos conduziu até aqui; e *gerar*, olhando em frente com confiança, ouvindo os gemidos que o Espírito expressa novamente hoje. “O homem humilde, a mulher humilde tem a peito também o futuro, não apenas o passado, pois sabe olhar para a frente,

sabe olhar para os rebentos, com a memória cheia de gratidão. O humilde gera, o humilde convida e impele para aquilo que não se conhece”».⁸

Realiza-se assim «o milagre da mudança», que só o seguimento de Cristo torna possível na nossa vida, como estudámos na Escola de Comunidade destes últimos meses: «Nada mais é pedido ao homem senão que mantenha fiel e lealmente em si o desejo e a vontade de ser humilde e obediente diante da grandeza do Ser que o faz».⁹

É a presença de Cristo entre nós que, com o tempo, vence todas as nossas fragilidades, as nossas pequenezes, as nossas ninharias. Não porque, por artes mágicas, as elimine, mas porque, com o tempo, faz com que não sejam determinantes, redimensiona-as cada vez mais. Por isso, é cada vez mais predominante entre nós a ligação a Cristo. De facto, é esta ligação o único e verdadeiro caminho para a *unidade*, para a vitória da unidade sobre a divisão.

Logo a seguir à Audiência de 15 de outubro, escrevi-vos estas palavras: «A nossa missão tornou-se concreta: a proposta educativa dos próximos anos terá como objetivo o de fixarmos os passos do caminho traçado pelo Santo Padre. Quanto mais estivermos disponíveis para os seguir, tanto mais a nossa companhia, na fidelidade ao carisma recebido, será lugar vivo de luz, de unidade e de esperança para a Igreja e para toda a humanidade, e poderá corresponder mais – ainda que com todos os limites das nossas pobres pessoas – à expectativa que o Papa Francisco nos transmitiu com vigor paterno: de vós “a Igreja, e eu mesmo, esperamos mais, muito mais”».¹⁰

Os Exercícios que nos preparamos para fazer são uma etapa fundamental desse caminho, considerando também as recomendações que nos foram feitas nos últimos meses pelo Prefeito do Dicastério para os leigos, a família e a vida, o Cardeal Kevin Farrell – a quem, além de tudo, agradeço muito estar aqui nestes dias a viver connosco estes Exercícios Espirituais –, a recomendação, dizia eu, sobre a importância duma formação adequada sobre o tema do carisma. Por isso, juntamente com o padre Lepori e os amigos que guiam a nossa companhia, considerámos

⁸ Francisco, «Arda nos vossos corações...», op. cit., p. 14.

⁹ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 98.

¹⁰ D. Prosperi, *Carta a todo o movimento depois da Audiência com o Papa Francisco*, Milão 20 de outubro de 2022, *clonline*.

útil para o caminho espiritual da Fraternidade dedicar o gesto dos Exercícios e o trabalho sobre eles que depois faremos, nos grupos de Fraternidade, ao aprofundamento das virtudes teológicas – Fé, Esperança e Caridade – através do olhar particular do nosso carisma. Estas virtudes investem o homem do amor de Cristo, tornando-o capaz de viver plenamente em relação com Deus. Isto fundamenta e determina a ação do cristão. Giussani falou e escreveu muitíssimo sobre este tema: basta pensar no conteúdo de textos como *É possível viver assim?* e *Si può (veramente?!) vivere così?*.

Este ano, vamos fixar a nossa atenção na fé. O que é a fé? Que experiência da fé fazemos e que experiência podemos fazer dela na nossa companhia?

Para dar início ao gesto, permito-me voltar a propor-vos as palavras que *don* Giussani dirigia a um pequeno grupo de amigos, reunidos como nós para os Exercícios Espirituais em 1968. São palavras que já o Julián nos deu a ouvir na Jornada de Início de Ano de 2018, pela viva-voz de Gius. Parecem ter sido pensadas e ditas para nós, hoje! Dizia Giussani:

«É a fé que nós procuramos, é a fé em que queremos penetrar, é a fé que queremos viver. À nossa volta parece que tudo colabora, que tudo é conivente com uma força operante que tenta eliminar esta fé, ou desestabilizá-la, ou esvaziá-la, ou reconduzi-la a categorias meramente racionais, a categorias naturalistas. Fora e dentro do mundo cristão, dentro e não só fora, agora. É a fé autêntica, ou a autenticidade da fé, o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa. Precisamente por isso é que o discurso destes dias e o trabalho destes dias indica alguma coisa em que cada um de nós arrisca, arrisca-se a si mesmo. Por isso tentámos ser claros no entendimento antes de vir aqui. Nós estamos prontos a falar com toda a gente, a ir a qualquer lugar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a palavra seja palavra, “expressão”, e onde a relação seja “coração”, cordial, onde a companhia seja positiva, onde as palavras tenham um significado, e o pão seja pão, e a água seja água».¹¹

Bem, agora podemos responder à pergunta inicial: por que é que estamos ainda aqui? Para mendigar a Sua presença.

¹¹ «A Introdução de Luigi Giussani aos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy (Varigotti, 1 de novembro de 1968)», por Julián Carrón, em “*Vivo*” *quer dizer presente!* Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação, *clonline*

Estejamos disponíveis para ouvir, na modalidade invocada pelas palavras do Papa recordadas há pouco: «O humilde gera, o humilde convida e impele para aquilo que não se conhece».

■ INTRODUÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

«*Os meus olhos viram a tua salvação*»

Reavivar o carisma

Conta-se na *Vida* de São Bernardo de Claraval que, para despertar o desejo de conversão, ele repetia a si mesmo frequentemente a pergunta: «*Bernarde, ad quid venisti?*» – «Bernardo, para que vieste?». ¹² Não se trata de perguntá-lo para lamentar a perda da paixão inicial, ou para tentar reavivá-la à força, mas para reencontrar a consciência de que aquele fogo inicial continua a ser um mistério escondido na nossa vida, ou na vida de uma comunidade, ou de uma relação como a relação matrimonial.

São Paulo escreve a Timóteo: «Conservo a lembrança da tua fé tão sincera, que foi primeiro a de tua avó Lóide e de tua mãe Eunice, e que, estou certo, habita também em ti. Por isso, exorto-te a que reavives o dom que Deus te fez pela imposição das minhas mãos». ¹³

Timóteo é ainda jovem, porém Paulo convida-o a não adiar a tarefa de atizar o fogo do dom de Deus (literalmente: do *carisma* de Deus) que o habita profundamente. A «fé sincera» que recebeu por tradição, da avó e da mãe, e o dom sacramental da sua vocação, recebido pela imposição das mãos de Paulo, não são realidades que se devem repescar nostalgicamente no passado, como quando se vai rever o álbum de fotografias duns dias memoráveis, mas brasas ardentes que temos a responsabilidade de reavivar, de atizar (literalmente, o termo grego poderia ser traduzido por: «renova a vida do fogo», do fogo de Deus).

A paixão inicial, o fervor, o ardor do primeiro encontro, do «primeiro amor», como se diz no Apocalipse, ¹⁴ a sinceridade da fé sincera, não hipócrita, não coberta pela poeira das interpretações, das teorizações, pois bem: tudo isto pode ser reavivado, pode ser atizado. Porquê? Porque permanece, não se extingue. Como assim? Mas, porque não fui eu que

¹² Guilherme de St. Thierry, *Vita prima*, I, 4; PL 185, 238.

¹³ 2Tm 1,5-6.

¹⁴ Ap 2,4.

acendi tudo isto, que me dei tudo isto! Trata-se de um «carisma de Deus», de um dom da graça de Deus, de uma manifestação do Espírito Santo. Então, quando uma pessoa se dá conta de que, pelo contrário, deixou que as brasas se cobrissem de infinitas camadas de cinzas, de descuido, de esquecimento, de distração, de desleixo, dá-se conta, de repente, de quanta cinza se cobriu a relação com a mulher, com o marido, a comunidade, a vocação, a companhia de pessoas inerente ao carisma que se encontrou, ou os sacramentos recebidos, do batismo em diante, e que se continua a receber, quando uma pessoa se dá conta de tudo isto, o que deve fazer?

Bastaria retomar consciência de que o carisma, o dom de Deus, debaixo de tudo isto, existe, está vivo, arde. Não porque nós somos bons, mas porque Deus é misericordioso e fiel! O carisma é «dom gratuito de Deus» e, como escreve São Paulo aos Romanos a propósito da eleição de Israel, «os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis!».¹⁵ Deus, pela sua natureza, não pode retirar um dom, porque tudo é gratuito n'Ele, que é Amor. Retirar um dom, para Deus, seria como renunciar a ser Ele mesmo. Num certo sentido, o inferno é o “depósito eterno” dos dons irrevogáveis de Deus.

Um carisma, uma vocação, uma graça, mas também e sobretudo o dom da vida, o dom de existir, e de sermos quem somos, de termos uma alma, não são nunca para «refazer», para «recriar»: são para reavivar, são para atizar.

E isto, sempre, e ainda que se seja quase santo. Timóteo era um ótimo discípulo e um ótimo jovem pastor. Paulo recomenda-lhe, porém, que reavive o carisma, também sacramental, que recebeu, porque este nunca é garantido, e não pode sê-lo, porque o carisma é o dom de Outro. Paulo escreve esta Carta a Timóteo provavelmente durante a sua última estadia na prisão, ou seja, entre os anos de 58 e 62 depois de Cristo. O que quer dizer, cerca de trinta anos depois do Pentecostes. É como se para nós a morte e a ressurreição de Jesus, e o Pentecostes, que se deu cinquenta dias depois, tivessem acontecido por volta de 1993. Nós pensamos que, ao início, a comunidade cristã vivia do carisma do Pentecostes como se nada fosse. Na verdade, desde logo, os apóstolos tiveram sempre de renovar o convite a reavivar o dom do Espírito, a não o entristecer,¹⁶ a não o extinguir.¹⁷ E nisto vemos que o Pentecos-

¹⁵ Rm 11,29.

¹⁶ Cfr. Ef 4,30.

¹⁷ Cfr. 1Ts 5,19.

tes não foi uma descarga de energia inicial que faz funcionar a Igreja mecanicamente até à Parusia, mas que também este, como Cristo, é um acontecimento sempre presente que a liberdade deve constantemente acolher e deixar agir. E isto é, precisamente, o reativar do carisma a que somos sempre convidados pela Igreja.

«Reaviva em ti»

Mas como é que se dá isto? Temos de o admitir: sofremos todos duma incapacidade estrutural em manter vivo o fogo do que há em nós. E quanto mais pensarmos que se conserva aceso por si, mais vemos que esmorece, que se cobre de cinzas, que faz mais fumo do que chama. Que terno pai era São Paulo para o seu discípulo predileto Timóteo, e para tantos outros! É como se lhe escrevesse: «Timóteo, não te escandalizes se sentires diminuir cada vez mais aquele fervor do dom de Deus que recebeste, se sentires diminuir, na usura dos dias e do ministério, aquela paixão que ao início te parecia que nunca iria esmorecer. Não te espantes que seja assim. Aquilo que podes fazer é recomeçar cada dia a reavivá-lo, a reavivá-lo em ti, em primeiro lugar em ti, e é isso que o reavivará também nas pessoas a ti confiadas, nas comunidades pelas quais és responsável, e no mundo inteiro!».

Muitas vezes, temos uma ideia do carisma como se fosse uma espécie de capa atirada sobre um determinado grupo de pessoas e que, para permanecermos fiéis ao carisma, temos apenas de estar atentos a não sair de debaixo da capa ou, se preferirmos, do recinto. Pelo contrário, como no dia de Pentecostes, o dom de Deus é, isso sim, um vento forte que investe todos os presentes, mas o fogo que dele emana vai pousar-se sobre cada um deles, uma chama para cada um, como pousada pelo Espírito com atenção e cuidado maternal. O Espírito escolhe para cada um a modalidade e forma do pousar do carisma sobre ele. O dom de Deus é o único Espírito, mas torna-se perceptível e é vivido quando é acolhido pessoalmente por cada um. E é em cada coração que cada um reconhece o carisma específico que uma companhia, um povo de pessoas, recebe. No fundo, também a comunhão que liga muitos num carisma particular não pode ser reconhecida senão no coração de cada membro. Um pouco como dizem os dois discípulos de Emaús: «Não

estava o nosso coração a arder cá dentro quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?».¹⁸ O coração de ambos atestava o carisma que os unia.

«Reaviva *em ti*». A consciência de que o dom de Deus, ainda que comum, é reavivado em cada um de nós para reavivá-lo entre todos, é fundamental para permanecermos unidos num caminho vocacional, numa missão. Quantas vezes, por exemplo no casamento ou nas comunidades, nos queixamos do apagar do dom inicial, e ficamos ali a queixarmo-nos dos outros que não colaboram para reavivar o carisma. Se percebêssemos, em vez disso, como é forte a liberdade individual que humildemente começa por si, começa a reavivar em si o dom recebido! É verdadeiramente como atizar um fogo e o fogo, quando arde, comunica-se pela sua natureza. O Espírito Santo, quando prende uma pessoa, talvez até a mais insignificante, como um fio de palha, começa um incêndio! Mas é o Espírito, o Fogo, que se espalha, não a palha ou a lenha que lhe permite arder.

Por isso, a responsabilidade em relação a um carisma grande para a Igreja e a glória de Cristo no mundo é total em cada um de nós, joga-se toda em cada um de nós.

Sublinho isto porque muitas vezes embatemos em pessoas que se queixam do enfraquecimento do carisma no seu conjunto, ou nos responsáveis, mas que depois não se colocam a questão sobre onde é que está o carisma na sua relação com a mulher ou o marido, na relação com os filhos, ou com o trabalho, ou nas escolhas de envolvimento político, no uso do dinheiro, da forma de ouvir as notícias e reagir às mesmas, na forma de gerir o tempo, na oração, etc. É nessa capilaridade pessoal que um carisma vive ou não vive, talvez seja a coisa mais importante na história da Igreja.

Como vos dizia o Papa na audiência do passado 15 de outubro: «Mas além do serviço da autoridade, é essencial que, em todos os membros da Fraternidade, permaneça vivo o carisma, para que a vida cristã conserve sempre o fascínio do primeiro encontro».¹⁹

Em suma: o carisma reaviva-se nos nossos corações! E quando se fazem gestos como estes Exercícios, a audiência do Papa, os grandes Meetings, tudo é vivo se o carisma se reaviva em mim, em ti, em cada um de nós.

¹⁸ Lc 24,32.

¹⁹ Francisco, «Arda nos vossos corações... », op. cit., p. 17.

Uma plenitude humana extraordinária

O Evangelho, o Novo Testamento, está cheio de exemplos de pessoas que viveram isto de forma extraordinária, ainda que simples, para que nos pudesse ser transmitida esta beleza fascinante de humanidade nova, de vida nova.

Olhemos para o velho Simeão, que aparece no dia da apresentação do Menino Jesus no Templo de Jerusalém quando tinha quarenta dias:

«Ora, residia em Jerusalém um homem chamado Simeão; era justo e piedoso, esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nele. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor. Impelido pelo Espírito, veio ao Templo, e quando os pais trouxeram o Menino Jesus a fim de cumprirem o que ordenava a Lei a Seu respeito, tomou-O nos braços, bendisse a Deus e exclamou:

“Agora, Senhor, podes deixar o Teu servo
partir em paz, segundo a Tua palavra,
porque os meus olhos viram a Salvação,
que preparaste em favor de todos os povos:
Luz para iluminar as nações
e glória de Israel, Teu povo”.

Seu pai e Sua mãe estavam admirados com o que se dizia d’Ele. Simeão abençoou-os e disse a Maria, Sua mãe: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma, a fim de se revelarem os pensamentos de muitos corações”». ²⁰

Cada noite, nas Completas, o seu Cântico como que resume, recolhe e muitas vezes resgata o sentido do nosso dia, recordando-nos que um dia tem sentido se nele vivermos o sentido de toda a nossa vida, que consiste em desejar e abraçar Jesus Cristo. Toda a vida vale, tem sentido, é-nos dada, é-nos pedida só para isto: desejar, esperar Cristo e abraçá-lo na simplicidade da sua vinda na carne; um Menino de quarenta dias que está ali nos nossos braços, que está ali contra o nosso peito, ou seja, no afeto do nosso coração, que está ali no nosso olhar. *Está ali*, e não apenas no sentido das dimensões do seu pequeno corpo. Está ali no

²⁰ Lc 2,25-35.

sentido de *ficar*, como misteriosa vontade, misteriosa liberdade de Deus de se permitir ficar conosco, de dar-se, para encher os nossos braços, o nosso coração, a nossa vida, o espaço humano da nossa vida.

Simeão deixou toda a sua vida livre, vazia, sequiosa disto, deste abraço que o enche, que o realiza. Para este abraço, para além do qual não há mais do que a eternidade do abraço do Pai.

Um dom do Espírito que faz abraçar Cristo

Veremos como a fé é isto, deve ser isto para não ser abstrata, para não ser só uma ideia, uma convicção cerebral, ou sentimental.

Mas aquilo que é urgente que fixemos esta noite, e que – espero! – irá favorecer o silêncio com que entraremos nesta noite e viveremos estes dias, é como o abraço de Simeão e a sua confissão de fé – «Ele está aqui! Ele é a salvação! Ele é a luz do mundo!» – seja o acender de um carisma do Espírito Santo que enche a sua frágil pessoa e tem dimensões universais.

Neste pequeno episódio, é evidente que *o carisma é sempre um dom do Espírito que faz reconhecer e abraçar Cristo*.

Por três vezes, em três versículos, Lucas sublinha a obra do Espírito neste ancião. Não sabemos quem era, o que fazia na vida. Retratá-lo como sacerdote é uma tradição não fundamentada neste Evangelho. Simeão era simplesmente um homem, um homem educado no povo de Deus, formado pela Lei e pelos profetas, formado pelo desejo de salvação, de luz, de santidade, ou seja, de Deus, que enchia o seu coração, esvaziando-o de tudo o resto. Um homem, diz o Evangelho, «justo e piedoso»,²¹ ou seja, um homem consciente de que, apesar da tendência para o pecado que temos em nós, somos feitos para um desígnio verdadeiro sobre nós, um desígnio bom sobre nós, para uma justiça, um sermos justos, ajustados, e só nisso o coração pode encontrar paz; só nisso o coração pode encontrar uma verdade sobre si não só conhecida, mas experimentada.

Simeão sabia que o homem e a mulher foram criados justos (que a criatura humana foi criada justa), ajustados perfeitamente ao Criador e

²¹ Lc 2,25.

a toda a criação, no seio de um amor que harmoniza tudo na beleza da luz de Deus, porque feitos à sua imagem e semelhança.²²

Mas Simeão sabia também, experimentava em si, todo o nosso limite em restabelecer esta justiça, em reajustarmo-nos a Deus, entre nós, entre o homem e a mulher, a reajustarmo-nos à criação inteira. Por isso era «piedoso», ou seja, anelava com tudo de si mesmo a uma salvação que não podia dar-se. Anelava a um Salvador. E até o encontrar, toda a sua justiça, a verdade da posição justa da sua pessoa, concentrava-se no desejo, no pedido, na espera d'Aquele que iria encarnar a consolação de Israel.

«Residia em Jerusalém um homem chamado Simeão; era justo e piedoso, esperava a consolação de Israel e o Espírito Santo estava nele».²³ Pode haver um retrato de homem verdadeiro mais completo do que este? Que plenitude de humanidade, alguém que deseja a justiça, consciente de que deve esperá-la e recebê-la de Outro, e que a deseja como um bem para todo o povo, uma consolação para todo o povo! Por isso Deus lhe corresponde, e se compadece desta humilde e total verdade de si, dando-lhe a companhia do Espírito, que é a Comunhão de Deus, em Deus. Deus compadece-se tanto da verdade humana dum desejo sincero de Salvação que a cobre com a sombra do Espírito, como que para a proteger, como que para não deixar apagar-se esta pequena chama que todo o mundo ameaça, que tudo tende a extinguir no coração do homem.

Simeão esperava e Espírito estava sobre ele. Esperava e o Espírito vinha imediatamente atizar nele este dom, o dom dum coração inquieto no desejo de Deus e da consolação do povo.

Isto recorda-nos que *o primeiro carisma do homem, o primeiro e fundamental dom de Deus em nós, é o coração feito para encontrar Cristo*, o coração inquieto por Deus. O primeiro (e único, no fundo) carisma fundamental é este «sermos feitos por Deus», um carisma ontológico, que coincide com o nosso ser, mas do qual a inquietação é consciência: «Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto, enquanto não repousa em Ti».²⁴

É um carisma ontológico, estrutural, mas também histórico, existencial, que se reflete em tudo aquilo que acontece na nossa vida e no mundo.

²² Cfr. Gn 1,26-27.

²³ Lc 2,25.

²⁴ Santo Agostinho, *Confissões* I, 1,1.

A familiaridade com o Espírito Santo

Para Simeão, a complacência de Deus pelo seu desejo era uma familiaridade, uma amizade: o Espírito, com efeito, fala-lhe, não importa como, e move os seus passos, impele-o e acompanha-o: «Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor. Impelido pelo Espírito, veio ao Templo». ²⁵ Simeão vivia em grande intimidade com o Espírito Santo.

Nós estamos um pouco habituados a tratar o Espírito como um estranho, ou como um Sopro sem rosto. Não estamos habituados a viver uma familiaridade com Ele, a ter uma relação com Ele, logo a dialogar com Ele e a caminhar com Ele. Porém, Ele fá-lo conosco, trata-nos assim. É evidente que a familiaridade com o Espírito Santo conduziu Simeão ao encontro e à familiaridade com Jesus, porque o Espírito Santo é a familiaridade de Deus e em Deus. O Espírito Santo é o Dom de Deus por excelência, é o Dom absoluto de Deus, é Deus que nos dá o seu Dar-se na Trindade. Quem acolhe grandes carismas, e quer acolhê-los até ao fundo do dom que são para a Igreja, não pensa tanto no acolhimento do carisma específico enquanto tal, mas no acolhimento do Espírito em cujo dom todos os carismas estão contidos e são dados. Estas pessoas têm, por isso, grande familiaridade com o Espírito, sobretudo na forma do pedido. Quanto insistiu *don* Giussani na invocação «*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*»! Esta revela e transmite uma familiaridade com o Paráclito que nunca será suficiente aprendermos.

Quem quer acolher um carisma particular de um fundador, desnatura o próprio carisma, redu-lo a “alguma coisa”, normalmente a um pacote de regras, de ideias, de atitudes e palavras, se não acolher do fundador a familiaridade com o Espírito Santo que anima cada carisma de vida divina, de graça e que torna Cristo familiar. E a Igreja sempre percebeu, desde o Pentecostes, que a melhor e mais íntima familiaridade que podemos ter com o Espírito Santo é a da Virgem Maria, aquela familiaridade vivida através de Nossa Senhora, aquela que os apóstolos foram os primeiros a fazer sua. Sim: «*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*»!

²⁵ Lc 2,26-27.

Conduzidos pelo Espírito para Cristo

Simeão foi ao Templo, naquele dia, «conduzido pelo Espírito». Mas não como uma marioneta telecomandada do alto. Por que é que Simeão é assim tão dócil ao Espírito? Talvez porque é seu escravo? Não: é dócil porque quer alcançar a plenitude da sua vida que o Espírito lhe prometeu. O Espírito conduz-nos à nossa realização, conduz-nos a Cristo. Conduz a inquietação do coração para a sua paz. Como explica São Paulo, outro grande íntimo e amigo do Espírito Santo: «O Espírito vem em ajuda da nossa fraqueza, pois não sabemos o que devemos pedir em nossas orações, mas é o próprio Espírito que intercede por nós com gemidos inefáveis. Aquele que perscruta os corações bem sabe qual é o empenho do Espírito, pois é em conformidade com Deus que Ele intercede pelos Santos».²⁶

Nós não somos capazes de desejar de forma pura, sincera, aquilo que realiza o nosso coração, aquilo que vale mais do que a vida, aquilo para que existimos; inquinamos este desejo com muita presunção ou ambição, desejando outras coisas que não são verdadeiramente a nossa realização. Não temos necessidade apenas da realização, mas da decisão de persegui-la, do caminho para alcançá-la e do encontro para abraçá-la. É o Espírito que, pela graça de Deus, pela misericórdia do Pai, nos dá tudo isto, durante toda a nossa vida, através de etapas e percursos misteriosos. E quando uma pessoa chega a Cristo, percebe que tudo ganha sentido, que havia um guia através de toda aquela floresta repleta de obscuridade e insídia: a condução do Espírito Santo, que fala ao coração, que indica o caminho e nos incita a segui-lo e nos conduz à meta. Era este o guia que nos levava a Cristo!

Alguma vez parámos a olhar para trás, a repensar o nosso caminho? Nunca nos demos conta de que alguém nos guiava, misteriosamente, através de mil instrumentos: uma palavra, um encontro, uma leitura, uma experiência, uma dor, uma desilusão, uma queda ou um espanto, uma emoção diante do belo, do bom, da verdade?

Talvez nunca tenhamos agradecido ao Espírito Santo por tudo isto. E isso não é grave para Ele, mas sim para nós, que assim nos privamos duma consciência grata da nossa vida, o que quer que tenha acontecido.

²⁶ Rm 8,26-27.

E se muitas coisas na vida nos parecem pouco dignas de gratidão, e nos levam mais depressa à queixa e ao rancor, talvez devêssemos repensá-las à luz do verdadeiro objetivo da vida que o Espírito nos revela, aquele que prometia a Simeão: «Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor».

Ver Cristo, abraçar Cristo: é este o valor e o objetivo de toda a vida, ainda que o encontro se dê só no fim, como para Simeão, como para a profetiza Ana, ou para o bom ladrão. O Espírito não nos promete sucesso, riqueza, saúde, honrarias. O Espírito não nos tira o facto de termos de morrer. *O Espírito promete-nos e faz-nos experimentar no coração que a nossa vida não é definida pela morte, mas pelo encontro com Jesus.* «Definir» é composto pelo verbo «finire» (*no latim, nt.*), intensificado pela partícula «de». Equivale a de-terminar. Pois bem, o que nos de-*finiria* e de-*terminaria* mais fortemente do que a morte? A morte, na experiência humana, parece definir e determinar toda a vida, toda a história humana. Pensemos no espetáculo de morte que são a guerra na Ucrânia, o massacre dos migrantes no Mediterrâneo, o terramoto na Turquia e na Síria, os tiroteios nos Estados Unidos, para não falar do espetáculo de morte constante e oculto que são os milhões de crianças abortadas... Porém, eis que o Espírito anuncia a Simeão que este sentimento não é verdadeiro, não é justo: antes de morte, a sua longa vida é definida pelo encontro com Cristo. E esta é uma definição que a morte não poderá exceder, substituir. Ao encontrar Jesus, ao abraçar Jesus, Simeão exulta na certeza e na paz de que é Jesus a definir a sua vida desde sempre e para sempre, em tudo, incluindo na sua morte.

A irradiação universal de cada carisma

O encontro com Cristo abate todos os limites da vida: não só a morte, mas também a solidão, também o fechamento sobre nós mesmos ou sobre os nossos correligionários. Com efeito, Simeão canta imediatamente a universalidade da salvação trazida por Cristo:

«Agora, Senhor, podes deixar o Teu servo
partir em paz, segundo a Tua palavra,
porque os meus olhos viram a Salvação,
que preparaste em favor de todos os povos:

Luz para iluminar as nações
e glória de Israel, Teu povo».²⁷

Este homem, na velhice do corpo, traz um desejo, uma paixão de jovem apaixonado, de menino que se deixa espantar por sinais imperceptíveis, que mais ninguém vê, como aquele casal de jovens esposos que, no templo imenso e no meio da multidão, leva um recém-nascido e duas pombas para o rito da Apresentação. Sabe-se lá quantos casais e quantas crianças se apresentavam todos os dias no templo de Jerusalém! Mas este homem não era «justo e piedoso» só para si, não esperava o Messias só para si. Trazia dentro de si a espera de todo o povo de Deus, aliás: a espera de «todos os povos», de «todas as gentes». Nenhum dom de Deus, nenhum carisma, com efeito, é só para nós mesmos, ou só para um círculo restrito, porque isso quererá dizer que a sua chama não seria chama, não seria ardente, não iluminaria com uma verdadeira luz. A luz é o símbolo mais explícito do carisma, do dom de Deus, do amor de Deus, porque se não é impedida, se não encontra obstáculos, irradia até ao infinito. E se encontra obstáculos, ilumina-os também a eles, transforma-os em reflexo do Seu dom.

Os dons de Deus, dizíamos, são irrevogáveis, mas nós podemos sufocá-los, podemos reduzir a sua irradiação. Cada carisma é para uma irradiação infinita, ainda que seja o carisma mais insignificante, mais escondido. Penso sempre numa senhora que, na Etiópia, nos convidou para um café. Lá, quando se convida para um café, não é como aqui, que em trinta segundos se mete a cápsula na máquina, se carrega num botão, se enche a chávena, se pega nela e se bebe em dez segundos, continuando a conversar e esquecendo imediatamente que se bebeu um café. Era todo um cerimonial.

São Paulo, quando elenca os vários dons do Espírito, entre outros mencionava também o dela: «Mas, como possuímos dons diferentes, consoante a graça que nos foi concedida, se é o dom da profecia, seja usado em proporção com a fé. Se é o do serviço, que o seja em servir. Quem tem o dom de ensino, que o empregue a ensinar; quem tem o de exortação, que o empregue a exortar; aquele que reparte, faça-o desinteressadamente: aquele que preside, faça-o com zelo; aquele que exerce misericórdia, faça-o com alegria».²⁸

²⁷ Lc 2,29-32.

²⁸ Rm 12,6-8.

A beleza daquele servir e acolher correspondia a um carisma não sufocado na sua irradiação, graças ao qual aquele momento continua literalmente a edificar-me, passados anos. Aquele serviço, aquele café, edifica-me, edifica a minha vida. Precisamente porque os dons do Espírito, até os mais insignificantes, são chamados cuja luz irradia até ao infinito. Mas pode dizer-se o mesmo da palavra verdadeira que nos disse um padre, da correção misericordiosa, mas sincera, que nos fez um amigo, ou de um gesto de generosidade, ou da oferta que um doente fez do seu sofrimento, do sorriso gratuito que alguém, talvez um estranho, te fez enquanto estavas demasiado fechado no teu cinzentismo...; a santa Madre Teresa de Calcutá dizia: «Nunca saberemos quanto bem pode fazer um simples sorriso».²⁹

Estamos muitas vezes preocupados, e justamente, que a nossa vida seja útil, que dê fruto. Porém, sufocamos quase imediatamente este desejo bom de plenitude de vida na pretensão de que o fruto seja o nosso e não o do Espírito, não o do carisma, do dom de Deus que nos é confiado. E assim começamos a sonhar com frutos ilusórios, gloriosos, mas da *nossa* glória. Por isso desperdiçamos a infinita gama de fecundidade que o Espírito de Deus quer exprimir em tudo aquilo que vivemos, fazemos, dizemos, pensamos, rezamos.

Voltando ao velho Simeão, é extraordinário ver como o desejo do seu coração, a paixão do seu desejo de salvação, quando atingem o seu fim, o objetivo tão esperado e desejado, não se fecham nem por um instante numa posse sufocante do dom de Deus. Pelo contrário: refletem imediatamente o seu esplendor. Simeão aperta o Menino, mas dá este abraço para revelar a todos quanta luz irradia d' Ele, quão precioso é para todos este tesouro. O gesto, as palavras, o rosto deste velho, refletem toda a luz de Cristo. O Beato Angélico expressou isso maravilhosamente no fresco que acompanha estes Exercícios.³⁰ E este reflexo é o sentido de toda a sua vida. Agora até pode morrer. Não só porque abraçou Cristo, mas porque pôde anunciá-lo, com um testemunho tão forte, tão transparente, tão humilde e certo, que chega até nós, ainda hoje, com a mesma intensidade daquele dia, e continuará a irradiar Cristo até ao fim do mundo.

²⁹ Teresa de Calcutá, *La gioia di amare*, Mondadori, Milão 1997, p. 131.

³⁰ Beato Angélico, *Apresentação de Jesus no Templo*, fresco, pormenor, 1442, Florença, Museu de São Marcos.

Mas para quê sublinhar isto, a não ser para despertar à consciência que nenhum de nós é chamado a menos do que isto! Cada um de nós tem um dom de reconhecimento de Cristo para refletir até aos confins da terra e até ao fim do mundo! Cada um de nós é feito e chamado para chegar a poder cantar pessoalmente o *Nunc dimittis* de Simeão como a definição exaustiva de toda a sua existência. Não como um ponto final da vida, como um «canto do cisne», mas como um culminar que reconhece que a morte é, também ela, um dom feito para irradiar eternamente o reflexo da luz de Cristo. Olhem que no Paraíso não faremos mais nada senão refletir até ao infinito a luz do Rosto bom de Deus, e cada um de nós exprimirá esta beleza, originalíssima em cada um, porém, toda ela do Rosto do Senhor. A beleza dos Beatos é o reflexo originalíssimo que cada um é chamado a dar do Rosto de Deus; reflexo originalíssimo como o olhar que Deus tem sobre cada criatura humana, sobre cada um de nós.

Mas não devemos esperar ter esta consciência só no fim, antes de morrer. A Igreja, a liturgia, educam-nos a exercitá-la todas as noites, no final de cada dia, que pode ser o último. Pensamos nisso, *exercitamo-lo* (visto que estamos a viver uns *Exercícios*) quando, nas Completas, recitamos o *Nunc dimittis* de Simeão.

Eis como o exprime *don* Giussani meditando precisamente sobre o Cântico de Simeão:

«Como é belo ler todos os dias o Cântico de Simeão: “Os meus olhos viram a Tua Salvação”. [...] Recitar o Cântico do *Nunc dimittis*, à noite nas Completas, é recitar – como no Cântico da Virgem Maria – uma profecia duma coisa que já aconteceu: o reino dos céus entre nós, o Mistério comunicado à carne, ao tempo e ao espaço. [...] Poder dizer ao Senhor que é o salvador, que existe, que existe tal como já existe, arrebatada a graça, apesar do nosso mal, e deixa-nos ir, como o velho Simeão, em paz. [...] Tudo é dito nesta palavra ou nesta Presença olhada, imaginável e inimaginável: imaginável, porque é a de um homem como tu, e inimaginável porque é a de Deus, o Mistério, que está dentro deste homem; e é neste homem que mergulha o mistério do meu mal, de forma a ser por ele redimido, resolvido, perdoado».³¹

Amanhã veremos como esta plenitude humana irradiante, conduzida pelo Espírito ao encontro com encontro com Cristo, é a fé.

³¹ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, Bur, Milão 2019, pp. 214-216.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 4,1-12, Sal 117; Jo 21,1-14

**HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA MONSENHOR GIUSEPPE BATURI
ARCEBISPO DE CAGLIARI E SECRETÁRIO-GERAL
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA**

«É o Senhor». João comunica ao amigo Pedro a presença do Senhor que estava ao lado deles. E João, aquele que é amado e ama, é precisamente ele que pode reconhecer o amante e o amado, porque só o amor sabe reconhecer. O reconhecimento de João, cheio de surpresa, mas também de afeto, vimo-lo tantas vezes também nos nossos mestres e nos nossos pais, em especial nas palavras, no olhar, na tensão total da pessoa de *don* Giussani. Foi ele que abriu o nosso olhar ao reconhecimento: «É o Senhor», é a Presença que o coração deseja e espera, é a força que nos impele a procurar a felicidade e a liberdade, é o ideal pelo qual construir um mundo novo, dizer o nosso «sim» para sempre e educar os filhos. É o Senhor presente a razão de tudo isto.

Don Giussani deu o nome e abriu-nos os olhos para a grande Presença que se encontra no coração do mundo, e assim despertou a nossa esperança, porque o Senhor está aqui, está connosco. Então podemos sentir a vida habitada por Deus, presa num horizonte infinito e eterno, capaz de dar sentido a tudo e capaz de gravitar em torno dum centro: é Ele, o Senhor. Manifestemos então, no início destes dias, a nossa gratidão a Deus pelo encontro com o carisma de *don* Giussani e recordemos todos os que nos ajudaram e continuam a abrir o nosso olhar e a nossa cabeça ao reconhecimento da fé, que é sempre reconhecimento de uma Presença que nos atrai e que é a razão de tudo.

Pedro – como ouvimos – atira-se ao mar e vai ter com Jesus. Tinha tido medo, tinha tomado a espada para ferir, tinha negado e tinha fugido. Mas agora vai ter com Jesus sem hesitações, porque é Ele o amado. E assim, nesta amizade reencontrada, nesta familiaridade que Jesus oferece ao ponto de se oferecer como alimento, tudo se reconcilia, na expectativa da grande pergunta: «Amas-me?». Mas já está tudo reconciliado, porque não há possibilidade de paz e de reconciliação com nós mesmos e com a nossa história, com todo o nosso passado, sem estarmos diante

do Senhor presente, sem estarmos no espaço do Seu olhar. Porque Pedro vai ter com Jesus para ser olhado.

Não é um raciocínio, não é uma interpretação ou uma recordação, muitas vezes feita de remorsos, mas um encontro vivo o que nos salva, agora! E reabre a vida a um novo início, à possibilidade de um recomeço com Jesus, diante d'Ele. Na amizade com Ele, tudo pode sempre recomeçar, tudo pode fazer-se novo. Na vida pessoal, tal como no tecido da nossa amizade, tudo retoma vigor e pode esperar num novo início. Estar com Jesus é, para Pedro, também a possibilidade, em volta daquele fogo aceso, de poder estar numa forma nova com os outros discípulos, porque é Jesus que os convoca.

Aceitemos também nós nestes dias o convite de Jesus para estarmos com Ele, para podermos aprender a estar entre nós e irmos entre os homens, ler o seu desejo e dizer a todos que é o Senhor aquele que procuram na alegria ou na inquietação. Porque dizer ao mundo que o Senhor está presente é sempre, também, interpretar o desejo dos homens.

O reconhecimento do Senhor, porém, acontece durante a pesca e por causa da pesca. No trabalho, na edificação da família, no envolvimento profissional ou político, em suma, no desenrolar da paixão pela vida, podemos reconhecer o sinal do Senhor presente, cuja marca é sempre uma superabundância (tanto peixe! Mais do que aquele que seríamos capazes de apanhar com as nossas forças). Há sempre uma desproporção entre as nossas forças e capacidades e a fecundidade que recebemos como dom. O Senhor deixa-se reconhecer neste excesso entre aquilo que fazemos e aquilo que recebemos em superabundância de vida, de alegria e de verdade. Um excesso que não pode ter outra razão senão uma graça, o dom de uma Presença, que agradecemos porque enche a vida, e que sempre invocamos, mendicantes porque agora o Senhor está aqui, está entre nós e rezamos-lhe: «Vem mais uma vez até nós, ó Jesus Mestre e Senhor».

Sábado, 15 de abril, manhã

Johann Sebastian Bach

Cantata BWV 82, Ich habe genug, The Monteverdi Choir – The English Baroque Soloists –

John Eliot Gardiner – Edizioni Archiv

Motetto BWV 229, Komm, Jesu, Komm, Monteverdi Choir – John Eliot Gardiner – Edizioni

Erato

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Mauro-Giuseppe Lepori

A fé que informa a vida

A nuvem de testemunhas

O título destes Exercícios é inspirado numa passagem da Carta aos Hebreus:

«Deste modo, cercados como estamos de uma nuvem de testemunhas, devemos sacudir todo o peso e pecado que nos cerca e correr com perseverança a carreira que nos é proposta, *de olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*».³²

O autor da Carta aos Hebreus tinha acabado de elencar, no capítulo anterior, uma longa série de testemunhas do Antigo Testamento, que fizeram escolhas e levaram a cabo ações que não fariam sentido sem a fé na promessa do Senhor que se realizou em Cristo depois da morte delas. Todas estas testemunhas, de Abel a Noé, de Abraão e Sara a Jacob, de Moisés a David, à mãe dos Macabeus, são uma multidão, literalmente uma «nuvem» que nos rodeia. O que quer dizer uma «nuvem de testemunhas»? Traduziu-se por «multidão» (*o autor aqui refere-se à tradução italiana, nt.*) porque o autor quis expressar, com a figura da

³² Hb 12,1-2; itálico meu.

nuvem, uma realidade que nos rodeia com milhares de elementos, como uma nuvem de areia no deserto. Mas a nuvem, para os Hebreus, recorda também a presença misteriosa e sagrada de Deus que acompanhou o povo de Israel no deserto, protegendo-o de dia e iluminando-o de noite. Uma nuvem sagrada, na qual Moisés entrava para encontrar o Senhor, ouvi-lo e falar com Ele. As testemunhas da fé formam esta nuvem misteriosa em torno de nós, que torna visível a invisível presença de Deus. Também no monte da Transfiguração, é na nuvem que penetram todos os presentes, Jesus, Moisés, Elias e os três apóstolos, todos absorvidos no mistério do Pai que faz ouvir a sua voz. E isto como se Deus tivesse querido reagir às palavras instintivas de Pedro: «Mestre, é bom que continuemos aqui; façamos três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias».³³ Palavras sinceras, do ponto de vista humano, mas que, no fundo, banalizavam toda a sacralidade do evento, reduzindo-o a... um simpático acampamento na montanha com os amigos!

«Ele não sabia o que estava a dizer – continua o Evangelho de Lucas –. Enquanto dizia isto, formou-se uma nuvem que os cobriu e, quando entraram na nuvem, ficaram atemorizados. E da nuvem saiu uma voz que disse: “Este é o Meu Filho diletto, escutai-O”»³⁴

À sombra desta nuvem, Pedro, Tiago e João retomam consciência da sacralidade do mistério de que foram testemunhas, que é o mistério de Cristo, «luz para iluminar as nações», dizia o velho Simeão, o mistério revelado pelo Pai que o apresenta com um amor de predileção e nos pede para o ouvirmos.

Então, poderíamos pensar que «a nuvem de testemunhas» de que fala a Carta aos Hebreus significa para nós que as testemunhas da fé que nos iluminam e nos falam da Sagrada Escritura, desde a história de santidade da Igreja e nas pessoas verdadeiras e com autoridade que conhecemos pessoalmente, que todos estas testemunhas constituem para nós aquela nuvem do Espírito Santo em que o Pai nos revela o dom do Filho amado que somos chamados a ouvir, a quem somos chamados a obedecer, a quem somos chamados a seguir.

É este o esplendor misterioso, luminoso e de autoridade da Igreja, na qual, mesmo na sombra da nossa humanidade, da humanidade de cada

³³ Lc 9,33.

³⁴ Lc 9,33-35.

santo, de cada batizado que dá um testemunho de fé, o Mistério se torna evidente numa companhia de pessoas.

Surpreendidos pelo testemunho da fé

Quantas vezes nos sentimos como Pedro e os outros, humilhados e atemorizados diante da evidência dum testemunho de fé extraordinário, que nos vem surpreender, da parte de pessoas com quem se calhar estamos todos os dias sem nos darmos conta da sua luz! Víamos tudo à superfície do humano, com todos os aspetos positivos e negativos dum temperamento, duma maneira de ser e de fazer, ou de não ser e de não fazer. Estávamos com estas pessoas com ligeireza, sem olharmos verdadeiramente para elas, ou olhando apenas para o que nos agradava; estávamos com elas sem as ouvir, ou ouvindo-as sem atenção. E de repente, por uma razão ou por outra, talvez numa circunstância em que finalmente precisámos delas, ou porque estas pessoas faltaram, eis que a nuvem nos cobre e nela, quando toda a aparência desaparece, ouvimos precisamente o seu testemunho de fé, e temos de reconhecer, confusos, que é uma manifestação de Deus, de Cristo, do Mistério que nos cria e nos salva.

Na autobiografia de Takashi Paolo Nagai, que acabou de ser publicada com o título *Ciò che non muore mai*³⁵ – um texto que para mim se pode comparar com as *Confissões* de Santo Agostinho –, o autor narra o seu caminho de fé, o caminho que o levou à fé cristã e depois a viver na fé uma vida intensa e dramática, até se ver física e espiritualmente imerso no âmago da destruição atômica de Nagasaki, com a consciência de fé de que esta foi um sacrifício do Cordeiro pela paz no mundo inteiro. Mas o próprio Takashi Nagai só se dá conta quase no fim – em especial, depois de ter encontrado os ossos carbonizados da sua mulher, Midori, sob as cinzas da casa destruída pela bomba atômica, tendo ao lado a corrente do terço com que ela estava a rezar –, em que medida tinha sido a fé da sua mulher a pedir e a obter de Deus a sua fé, e a fecundidade extraordinária da sua vida. A presença mariana de Midori foi-lhe revelada no fim como a presença mais evidente do Mistério na

³⁵ Takashi Paolo Nagai, *Ciò che non muore mai. Il cammino di un uomo*, San Paolo, Cinisello Balsamo-MI 2023.

sua vida. E ele não se tinha dado conta disso! Por isso percebeu que, depois da bomba, tinha de viver, também ele, testemunhando assim a fé, do fundo da sua impotência, doente com leucemia, sempre de cama, numa cabana de poucos metros quadrados, oferecendo-se a si mesmo com Cristo e experimentando uma fecundidade de testemunho incrível.

Senti a mesma comoção e confusão quando, há alguns meses, visitando o quarto do meu velho amigo Luciano – o carpinteiro que, com a sua mulher Nella, me deu a conhecer o movimento em 1976 –, depois, dele ter sofrido uma grave hemorragia cerebral que o levou para o Céu há um mês, vi que em cima do armário do seu quarto tinha um papel onde estavam escritas as datas mais importantes do meu caminho vocacional, e em especial a data do nosso primeiro encontro: «Uma amizade do outro mundo. 25 de fevereiro de 1976. 44 anos... de graça» (tinha-o escrito em 2020). Naquele momento, foi como se revisse toda a minha vida contida na memória e na oração deste homem simples, contida na sua fé que nos encontros humanos vê o acontecimento de graça que não tem fim e que é uma coisa do outro mundo. Poderia dizer isto de muitas outras pessoas, talvez de pessoas que não conheço, que só conhecerei no Céu, e cada um de nós pode dizê-lo de muitas pessoas. Sim, há mesmo uma «nuvem de testemunhas», uma nuvem sagrada, na qual Deus está presente e nos fala, uma nuvem que guia e protege a vida, como protegia o povo de Deus no deserto.

Estas testemunhas revelam-nos que há um ponto de maturidade da fé, que consiste para todos em aceitar ser um grão de trigo que cai na terra e morre para dar um fruto que já não é o seu, ainda que todo o ser do grão de trigo fosse feito para dar este fruto.

«Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.»³⁶ Há quem perceba isto logo e viva isto até no meio duma atividade fecunda e eficaz. E, portanto, vive também a atividade plena, a missão plena, com um contínuo espírito de mendicância. Estou a pensar em *don* Giussani, nos Papas que nas últimas décadas o Espírito nos deu e dá à Igreja, na Madre Teresa... Muitas vezes, pelo contrário, é-nos pedido para experimentar como que um ruir da nossa eficiência, para descobirmos com surpresa que é precisamente aí, e não no alto das nossas torres de Babel, nunca acabadas, que a nossa fé está viva e dá fruto.

³⁶ Jo 12,24.

Testemunhas da fé

Pois bem, aquilo que queremos perceber é precisamente o facto de que esta «nuvem» que nos manifesta o Mistério é constituída por *testemunhas da fé*. E cada um de nós é chamado a fazer parte dela. Estas são aquela multidão que descreve o Apocalipse, dando-nos uma imagem dos eleitos no Céu: «Olhei e vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam diante do trono e diante do Cordeiro, de vestidos brancos e com palmas nas suas mãos. E clamavam em alta voz, dizendo: “A salvação pertence ao nosso Deus que está sentado no trono, e ao Cordeiro”». ³⁷

São os mártires, termo que literalmente significa precisamente «testemunhas», que com todo o corpo, a alma, a voz gritam o seu testemunho eterno, selada na terra com o seu sangue, o testemunho da Salvação operada por Deus no Filho, Cordeiro imolado e glorioso: «A salvação pertence ao nosso Deus que está sentado no trono, e ao Cordeiro». A fé grita que só Deus nos salva!

Por que é que a nuvem de testemunhas, diante de nós na terra e diante de Deus no Céu, dá testemunho da fé, poderia dizer-se «só» da fé? Por que não da caridade, da esperança, da verdade, da justiça, da generosidade? Certamente, as testemunhas da fé são testemunhas também de tudo isto, e de mais ainda. Mas por que é que é da fé que elas são expressamente testemunhas? Por que razão é que o Novo Testamento, os apóstolos, mas também já o próprio Jesus no Evangelho, insistem essencialmente na fé?

O trecho da Carta aos Hebreus sugere-nos logo uma pista, aliás *a* pista para tentarmos perceber o que é a fé que nos é dada e pedida com tanta insistência. Diz-nos que devemos acima de tudo caminhar, aliás: *correr*, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé.

Isto quer dizer que só fixando os olhos em Cristo percebemos alguma coisa da fé. Aliás, não alguma coisa, mas tudo, percebemos a origem e a verificação da fé, e percebemos que a origem (o Autor) e a verificação (o fim, ou seja, a perfeição) da fé são o próprio Cristo. É como se a fé coincidisse com Cristo. em que sentido?

³⁷ Ap 7,9-10.

A fé salva

Há um juízo, ou antes, um anúncio que Jesus faz a algumas pessoas que o espantam com pela sua fé. Por exemplo, a hemorroíssa que acreditou que bastava tocar na fimbria o do Senhor para ficar curada do seu mal,³⁸ ou o cego Bartimeu,³⁹ ou a pecadora que, em casa do fariseu Simão vem e banha os pés de Jesus com as suas lágrimas, beija-os e asperge-os com perfume,⁴⁰ ou Jairo, antes de ressuscitar a sua filha,⁴¹ ou o único dos dez leprosos curados que volta para lhe agradecer.⁴²

O que diz Jesus a todas estas pessoas cuja fé admira? Diz fundamentalmente a mesma coisa a todos: «A tua fé te salvou!».

O que quer isto dizer? O que é que nos salva? Não será talvez só Cristo que nos salva? Sim, precisamente! E isto faz-nos descobrir o significado, o valor, o sentido da fé, aquilo que nos interessa verdadeiramente na fé, e faz com que a desejemos antes de qualquer outra coisa, antes de qualquer virtude. *A fé é o que nos abre a Cristo Salvador da vida e do mundo.*

Isto faz-nos perceber a profundidade de outra resposta que Jesus dá a quem lhe pede qualquer coisa com fé, como quando diz ao centurião: «Que tudo se faça conforme a tua fé!»;⁴³ ou aos dois cegos que lhe suplicam que os cure: «Seja-vos feito segundo a vossa fé!».⁴⁴

A fé é o espaço em nós que corresponde ao acontecimento de Cristo, a Cristo vindo e presente para nos salvar. A fé é a abertura em nós ao acontecimento de Cristo, nosso Salvador.

Não há mais nada, e nada de mais importante do que isto, para perceber sobre a fé, sobre o que é a fé, sobre aquilo que deve significar para nós. Não é a fé que nos salva: a fé permite que o Salvador nos salve, que salve o mundo.

Sem Cristo, sem o acontecimento de Cristo, a fé não tem conteúdo e não tem sentido. Escreve *don* Giussani: «A fé, como atitude real que o homem vive relativamente a Deus, não é genérica: *é fé em Cristo*, o Sinal de todos os sinais, o Homem através do qual o Mistério se revelou».⁴⁵

³⁸ Cfr. Mt 9,20-22.

³⁹ Cfr. Mc 10,46-52.

⁴⁰ Cfr. Lc 7,36-50.

⁴¹ Cfr. Lc 8,49-56.

⁴² Cfr. Lc 17,12-19.

⁴³ Mt 8,13.

⁴⁴ Mt 9,29.

⁴⁵ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, op. cit., p. 121.

Ou, em *Gerar rasto na história do mundo*: «A fé é parte do acontecimento cristão porque é parte da graça que o acontecimento representa, daquilo que ele é. A fé pertence ao acontecimento porque, enquanto *reconhecimento amoroso* da presença de algo de excecional, é um dom, é uma graça. Como Cristo Se dá a mim num acontecimento presente, também assim vivifica em mim a capacidade de O apreender e de O reconhecer na sua excecionalidade. Então a minha liberdade aceita aquele acontecimento, aceita reconhecê-lo. Por isso, em nós, a fé é quer o reconhecimento da excecionalidade presente, quer a adesão simples e sincera que diz “sim” e não apresenta objeções: o reconhecimento e a adesão fazem parte do momento em que o Senhor, através da força do Seu Espírito [de que falámos ontem à noite], Se revela a nós, fazem parte do momento em que o acontecimento de Cristo entra na nossa vida».⁴⁶

Também a fé de Abraão, dos patriarcas, de Moisés, dos profetas tinha Cristo como horizonte e conteúdo. Era grande, era enorme, porque estava já cheia do acontecimento de Cristo. Como Jesus disse aos Judeus: «“Abraão, vosso pai, exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz?”. Disseram-lhe, então, os judeus: “Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?”. Jesus respondeu-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: antes de Abraão existir, Eu sou”!».⁴⁷ Não disse que viu Abraão, mas que Abraão O viu na fé: Abraão estava já cheio do acontecimento de Cristo e da alegria que este traz.

Mas estas palavras de Jesus fazem-nos perceber que o «acontecimento» em que a fé crê não é apenas uma coisa que sucederá no futuro. Abraão «viu-o e ficou feliz», porque a sua fé via Cristo. O acontecimento, a salvação, a que a fé adere, é a pessoa de Cristo. Abraão viu que Jesus é «Eu sou», o Deus presente que salva. Por isso, Jesus pediu sempre aos discípulos a fé na sua Pessoa mais do que naquilo que fazia. Aquilo que fazia era um motivo ou uma ajuda para crer, não o conteúdo da fé: «Crede em Mim: Eu estou no Pai e o Pai está em Mim. Crede-o ao menos por causa das mesmas obras».⁴⁸ Não se trata de crer nas obras, mas de crer em Cristo pelas obras que realiza.

Há um bonito texto de *don* Giussani que não resisto a ler-vos. É de 1968; trata-se da Introdução aos Exercícios Espirituais do Centro Cul-

⁴⁶ L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 40.

⁴⁷ Jo 8,56-58.

⁴⁸ Jo 14,11.

tural Charles Péguy, em Varigotti: «Digamo-nos então: como fizeram para começar a crer? Em que consistiu aquele acontecimento que despertou um tal interesse, determinou uma tal impressão que as pessoas que pela primeira vez se arriscaram com o que estava à sua frente, que as pessoas que pela primeira vez tiveram a fé acesa por dentro, que o cristão começou a existir no mundo? Qual foi esse acontecimento, de que tipo foi esse acontecimento? Não creram porque Cristo falava fazendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres; não creram porque Cristo citava os profetas; não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. Quantas pessoas, a esmagadora maioria, o ouviu falar assim, o ouviu dizer aquelas palavras, o viu fazer aqueles milagres, e o acontecimento não aconteceu para elas. O acontecimento foi alguma coisa de que o milagre ou o discurso eram artigos, eram segmentos, eram fatores, mas foi outra coisa, de mais, de tão diferente que deu ao discurso e ao milagre o seu significado. Creram por aquilo que Cristo mostra. Creram por aquela presença, não por isto ou aquilo que fez e que disse. Creram por uma presença. Não uma presença imberbe ou indistinta, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta. Creram por uma presença carregada de proposta».⁴⁹

Se as obras, os milagres, não me levam a acreditar que é a pessoa de Jesus que me salva, e não aquilo que faz, quer fosse ressuscitar os mortos ou multiplicar os pães e os peixes, a minha fé é vã, a minha fé não é fé. Se não acredito que Cristo ressuscitou, e que é *isso* que me salva a vida, quer na vida, quer na morte,⁵⁰ não tenho fé, ou tenho uma fé feita de belas recordações de um grande profeta, mas não uma fé que me faz tocar a Salvação de toda a vida. Se Cristo não tivesse ressuscitado, poderíamos continuar a acreditar nos seus milagres, como acreditamos que Elias, Eliseu ou os santos fizeram muitos milagres. Mas para que serve para a minha vida agora recordar isso? O que é que esta recordação muda a minha vida? Nada. Talvez me faça esperar que algum milagre ainda aconteça agora, me aconteça a mim. Mas a minha vida continua abandonada àquilo que é ou não é. Nada a salva *agora*, nada a enche agora de sentido.

⁴⁹ «A Introdução de Luigi Giussani aos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy (Varigotti, 1 de novembro de 1968)», por Julián Carrón, em *“Vivo” quer dizer presente!*, op. cit., p. 8.

⁵⁰ Cfr. Fil 1,20.

Tomar a forma do acontecimento de Cristo

Mas se a fé é reconhecer e abrir-se a este acontecimento, que mudança de humanidade, que mudança em nós deve provocar? Ou, pela negativa: o que é que perdemos de Cristo e de nós mesmos quando não temos fé, quando não acreditamos, quando não permitimos que a fé nos salve, abrindo-nos ao acontecimento de Cristo?

Pensemos nas tantas vezes que Jesus teve de repreender os seus discípulos, os seus apóstolos, por não terem fé, por terem uma fé pequena, mesquinha. Como se devem ter sentido nus, cheios de vergonha, incapazes de responder, como Adão quando Deus lhe veio perguntar onde estava depois do pecado. Se não tivesse pecado, teria ficado na presença de Deus, o seu coração teria ficado na presença de Deus. Adão e Eva esconderam-se no seu esconder-se, não entre o arvoredo. Ou seja, esconderam-se atrás da sua liberdade de recusarem o dom da amizade de um Deus presente, de um Deus familiar, de um Deus do qual eram imagem imediata, reflexo imediato. É a nossa liberdade que nos esconde atrás do seu subtrair-se à presença amante do Senhor. Assim, também os discípulos, quando não têm fé, sentem-se descobertos como crianças escondidas porque fizeram uma das suas, como as crianças pequenas que acham que estão escondidas colocando as mãozinhas sobre a cara quando a mãe as olha com fingida severidade. Com efeito, o Evangelho não relata praticamente nenhuma reação dos discípulos à repreensão de Jesus por não terem fé, por terem uma fé mesquinha, por ainda não terem fé. Ficavam ali, estáticos, confusos, como se não percebessem nada do que Jesus estava a falar! E Jesus volta à carga, deixa-os ainda menos à vontade: «Há mais fé nos pagãos, nos publicanos e nas prostitutas do que em vocês, que vivem sempre comigo, que me ouvem falar o dia todo, que viram centenas de milagres! E, no entanto, bastava-vos um grãozinho de mostarda de fé para transportar as montanhas!».⁵¹

Jesus fazia isto devido ao imenso amor que sentia por eles. Como poderia não se exasperar, ao ver que recusavam acolher d'Ele, vivendo com Ele, o dom mais precioso, aquele que os abria ao dom de tudo, à experiência de tudo, à comunhão com o Seu mistério mais profundo e transformador de tudo em bem! É como quando uma mãe vê que o seu filho se recusa a co-

⁵¹ Cfr. Mt 21,31; Mt 17, 20; Mc 11,23; Lc 17,6.

mer, recusa o leite que lhe dá, e por isso recusa a vida. Que sofrimento para Cristo ver-nos recusar a fé n'Ele, ver-nos fechados ou negligentes ou, pior, indiferentes ao dom de nos abirmos à Sua presença que salva a nossa vida, que salva o mundo. Não só com uma salvação de última hora, *in extremis*, mas com uma salvação que salva a vida enquanto vivemos, que salva a vida toda, que a salva não apenas da morte, mas da não-vida, do viver mal, do viver mesquinho, do viver inconsciente, do viver superficial, do viver sem viver, do viver só para sobreviver, do viver sem pedir mais nada à vida, na vida, do viver sem desejar o infinito. Que dor para Cristo, e para Deus Pai, que lamento do Espírito Santo, ver-nos recusar a plenitude de vida para que fomos criados! E isto para agarrar um fruto consumido em poucos minutos, para uma satisfação que se esgota passados trinta segundos, para acumular vitórias que nos desiludem quando ainda levantamos o troféu para a aclamação da multidão, do mundo...

Com que dor Jesus deve ter dito aos fariseus: «E o Pai que Me enviou, Ele mesmo deu testemunho de Mim. Vós nunca ouvistes a Sua voz nem vistes a Sua face e não tendes em vós, de modo permanente, a Sua palavra, porque não acreditais n'Aquele que Ele enviou. Examinai as Escrituras, visto que julgais ter nelas a vida eterna: elas são as que dão testemunho de Mim. E não quereis vir a Mim, para terdes Vida!».⁵²

«Quando vier o Filho do homem, porventura encontrará fé sobre a terra?»

A dor de Cristo vai ao ponto de chorar sobre Jerusalém, porque não acreditou, porque não acolheu o dom da sua salvação:

«Quando chegou perto, ao ver a cidade, Jesus chorou sobre ela dizendo: “Se ao menos neste dia que te é dado, tu também conhecesses o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque virão para ti dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te sitiarão, te apertarão por todos os lados, te deitarão por terra a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo em que foste visitada”».⁵³

⁵² Jo 5,37-40.

⁵³ Lc 19,41-44.

Jesus não chorou porque Jerusalém seria destruída, porque iria morrer: chorou porque recusou a vida, a vida que a visitava n'Ele, Filho de Deus vindo ao mundo para que tivessem a vida n'Ele. Jesus chorou porque Jerusalém não acolheu o dom da fé, o dom de reconhecer a visita de Deus, a presença de Deus que vem por nós. Jerusalém não abraçou Jesus como Simeão, não exultou por ter sido visitada pelo Senhor. «E o Verbo fez-se carne, e habitou entre nós»,⁵⁴ escreve São João no início do seu Evangelho, mas escreve também: «Veio pra o que era Seu, e os Seus não O receberam».⁵⁵ Que perda, que ruína não acolher Cristo, não ter fé em Cristo! Porquê? Porque «a todos os que O receberam», continua João, «àqueles que creem no Seu nome, deu poder de se tornarem filhos de Deus».⁵⁶

A importância da fé está toda na importância do acontecimento de Cristo para nós. Quem acredita no nome de Cristo, ou seja, na Sua presença, torna-se, por graça, filho de Deus. É-lhe dada, por isso, a realização total da sua humanidade, aquilo que Adão e Eva queriam subtrair a Deus às escondidas, em vez de o acolherem do Seu amor e da Sua presença.

Precisamente por isso, porque grita para nos dar isto, que para nós é tudo, que seria tudo, porque morre para nos dar isto, Jesus a dada altura parou, como que tomado por uma preocupação fulgurante, uma ansiedade inesperada, e interrogou-se: «Mas quando vier o Filho do homem, porventura encontrará fé sobre a terra?».⁵⁷

Esta pergunta que Jesus se faz deixa-nos sempre incomodados. Perguntamo-nos o que poderá querer dizer. Perguntamo-nos, no fundo, que juízo sobre a história ela representa. Faz-nos perceber que o problema do fim do mundo não será tanto uma questão de catástrofes galácticas, nem de grandes pestes, guerras e terremotos. O problema do fim do mundo será algo de muito mais humano, de mais aderente a nós, ao nosso coração, à nossa liberdade. É como se Jesus previsse que na sua última vinda, na Parusia, o risco é que não haja ninguém à sua espera, a dizer-lhe: «Vem, Senhor Jesus!».⁵⁸

⁵⁴ Jo 1,14.

⁵⁵ Jo 1,11.

⁵⁶ Jo 1,12.

⁵⁷ Lc 18,8.

⁵⁸ Ap 22,20.

Parece que estamos a ler a frase amarga de Primo Levi, no seu livro autobiográfico *A trégua*, em que conta o complicado regresso a Itália depois de ter sido libertado de Auschwitz: «A casa estava de pé, todos os familiares estavam vivos, ninguém me esperava».⁵⁹

Mas se esta pergunta de Jesus dissesse apenas respeito ao fim do mundo, no fundo poderia encolher os ombros e dizer, como se não tivesse nada a ver comigo: «Quanto mais envelheço e mais diminuem as possibilidades de que o mundo acabe durante a minha vida. A esta pergunta de Jesus responderão outros, e quem sabe quando!». Em vez disso, a inquietação que a pergunta provoca em nós ou, talvez mais do que a pergunta em si, a inquietação que provoca em nós o facto de que Jesus a coloque, e que Ele não arrisque responder-lhe, prever o que será da fé no fim do mundo, Ele que sabe tudo, Ele que prevê tudo, isto prova-nos que esta pergunta nos diz respeito, e que cada um de nós é chamado a responder-lhe. Esta pergunta fere a minha liberdade. É de mim que deve vir uma resposta a esta pergunta. Quando o mundo acabar para mim, Cristo encontrará a fé? Mas também quando todo o mundo acabar, Cristo encontrará em mim a fé?

O facto que Jesus diga, além disso, que o Filho não sabe quando chegará o fim⁶⁰ e que coloque sem se dar resposta esta pergunta sobre a nossa fé, faz-nos perceber que, além de depender da vinda gloriosa de Cristo, o fim do mundo depende também da nossa fé. Porque o fim do mundo, mais do que um ponto final do cosmos e da história, será a consumação, o fim do cosmos e da história. E esta consumação não será, por assim dizer, “apenas” Cristo, mas Cristo reconhecido e desejado como consumidor de tudo. Só a fé pode permitir isto. Pensemos com que intensidade os santos esperaram esta consumação, desejaram este fim do mundo, esta consumação do mundo. Graças a Deus a fé deles pediu-o e desejou-o também para toda a humanidade. A fé é o grito «Vem, Senhor Jesus!», expresso em cada momento e circunstância, que se abre à consumação que a presença de Cristo dá à vida, ao tempo, às coisas, a tudo.

⁵⁹ P. Levi, *La tregua*, Einaudi, Turim 1997, p. 254.

⁶⁰ Cfr. Mt 24,36.

Morrer com uma fé total

Mas se isto é verdade, a fé, a minha fé, a nossa fé, interessa ao mundo inteiro, até a toda a humanidade inconsciente ou indiferente a Cristo. Por isso precisamos desta nuvem de testemunhas que viva desta fé por nós, conosco, para crescermos nela.

Lembro-me sempre duma expressão do bispo Eugenio Corecco – o meu pai na vida da fé –, que, sete meses antes de morrer, me escrevia: «Continuamos, ainda assim [tinha acabado de falar da oração pela sua cura] a rezar acima de tudo para morrer com uma fé total, porque isso é e continua a ser a maior graça».⁶¹

Escrevia nos mesmos termos a uma monja: «A tentação do inimigo reaparece e, mais uma vez, sinto como é difícil, sem uma fé total, ir ao encontro do Senhor não só com resignação, que é verdadeiramente pouco, mas com alegria. Se Ele me quer, peço-Lhe para me dar esta última graça, porque vale enormemente mais do que a vida. Está tudo aqui. (Sal 62,4)».⁶²

Morrer, ir ao encontro do Senhor, com uma fé total, como a graça maior, que vale mais do que a vida. É precisamente esta «fé total» o que Cristo virá procurar no fim, da nossa vida e da vida do mundo.

Mas o que quer dizer uma «fé total»? Em que sentido é que a fé pode ser total? Foi assim que morreu o velho Simeão depois de ter reconhecido e abraçado Jesus? Foi assim que morreu São Paulo, se pensarmos naquilo que escreveu a Timóteo? «Quanto a mim, estou já oferecido em libação, e o tempo da minha partida aproxima-se. Combati o bom combate, acabei a minha carreira, guardei a fé. De resto, está-me preparada a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; não só a mim, mas também àqueles que esperam com amor a sua vinda.»⁶³

Vemos que tanto em São Paulo, como em monsenhor Corecco, o sentido da morte tem contornos de Parusia: é um ir ao encontro do Senhor que vem, um ir ao seu encontro «com alegria», escreve Corecco,

⁶¹ E. Corecco, «Lettera del 23 giugno 1994», in A. Moretti, *Eugenio Corecco. La grazia di una vita*, Cantagalli-Eupress FTL, Siena-Lugano 2020, p. 371.

⁶² E. Corecco, «Lettera del 5 giugno 1994», in *Associazione Internazionale Amici di Eugenio Corecco, Vescovo di Lugano*, Bollettino n. 2 (1997), L'Epistolario: "Farsi ricostituire dallo Spirito Santo", Lettere di Eugenio Corecco ai contemplativi, por P. Mauro-Giuseppe Lepori, p. 102.

⁶³ 2Tm 4,6-8.

ou «com amor», escreve São Paulo. O todo resumido na fé. Como o velho Simeão.

Porém, percebemos que não existirá fé total no fim da nossa vida e no fim do mundo se a fé não começar a ser, aqui e agora, aquilo que, em nós, vai ao encontro do Senhor que vem, a nossa abertura à Sua presença, o nosso desejo de encontrá-lo, de amá-lo, de abraçá-lo agora. Como não nos lembrarmos da frase, extraordinária na sua essencialidade, de São Paulo aos Gálatas: «Fui crucificado com Cristo, e já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim. A vida que vivo agora na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que amou e Se entregou a Si mesmo por mim».⁶⁴

Enquanto estava a começar a preparar estas lições, era, como sempre, assediado por várias questões e problemas relacionados com a minha Ordem ou outras pessoas e realidades (estou sempre, mas estava num momento mais dramático). Muitas vezes, trata-se de problemas diante dos quais nos sentimos impotentes, porque está em jogo a liberdade mais ou menos sincera das pessoas. E isto muitas vezes provoca-me tristeza, irritação, mal-estar. Mas ao meditar sobre a fé, precisamente enquanto me desdobrava a procurar, sem encontrar, uma solução para uma situação deteriorada e, por isso, estava triste, de repente percebi que era precisamente ali, de imediato, no meio daquela situação complicada e intrincada que tinha de enfrentar, que eu tinha de me fazer a pergunta de Jesus sobre o fim do mundo. E dizia: «Mas eu tenho fé? Tenho fé? Estou diante desta circunstância acima de tudo com fé, antes de procurar outras posições, outras decisões, outras soluções?». E assim, comecei a sentir que a derradeira pergunta de Jesus é feita por tudo, em tudo, por todos, sempre. Porque o que é feito da minha fé quando estou calmamente com alguém, ou me ocupo com coisas quotidianas, ou me cai em cima o cansaço depois dum trabalho, ou quando leio um mail, quando respondo, quando preparo uma intervenção, quando vou à igreja rezar, quando converso à mesa, quando oiço as notícias do mundo, da guerra na Ucrânia, etc.? Em tudo isto, Jesus que vem encontra a fé em mim? Encontra em mim a fé?

A vida é uma contínua interpelação, da parte de todos e de tudo. Até quem não nos pede nada nos interpela. Tudo interpela o nosso eu, tudo nos diz: «Mas tu, como é que estás em relação a mim? Quem és, o que é que te define em relação a mim?».

⁶⁴ Gal 2,19-20.

Jesus anuncia-nos que a única resposta adequada, a única que responde verdadeiramente, a única que é responsável, a única que corresponde a toda a realidade, à realidade que desde o instante que vivo vai até Àquele que a faz e virá julgá-la, o único rosto que nos define adequadamente diante de toda a vida e de toda a realidade, é a fé, só a fé.

Percebem que é uma coisa importantíssima, vital, sem a qual, quando chegar o momento das contas finais, ou seja, quando toda a nossa realidade se encontrar face a face com o Senhor glorioso, e Ele irá refletir nos seus olhos toda a realidade que teremos encontrado e vivido, se não tivermos fé ficaremos como que embriagados, sem palavras, sem nada nas mãos, sem capacidade de dizer «eu», porque incapazes de dizer «Tu». Porque sem fé não saberemos sequer balbuciar uma palavra de arrependimento, um pedido de perdão! Não é o nosso pecado que nos faz pedir misericórdia ao Pai: é a fé, o reconhecer, ainda que só *in extremis*, que Deus é o único amor que pode cumprir a vida.

A fé é pedido a Cristo

Este exame, este juízo final, poderia aterrorizar-nos. Na realidade, a pergunta se haverá fé sobre a terra, no Evangelho de Lucas, não é uma pergunta repentina: é a conclusão de uma parábola sobre a oração, sobre o pedido insistente e confiante:

«Disse-lhes também uma parábola, para mostrar que importa orar sempre e não cessar de o fazer: “Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Havia também na mesma cidade uma viúva, que ia ter com ele, dizendo: ‘Faz-me justiça contra o meu adversário’. Ele, durante muito tempo, não a quis atender. Mas, depois, disse consigo: ‘Ainda que eu não tema a Deus nem respeite os homens, todavia, visto que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça para que não venha continuamente importunar-me’”. Então o Senhor acrescentou: “Ouvi o que diz este juiz iníquo. Deus não fará justiça aos Seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, e tardará em socorrê-los? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Mas, quando vier o Filho do homem, porventura encontrará fé sobre a terra?”».⁶⁵

⁶⁵ Lc 18,1-8.

Cristo pede-nos a fé, exige-nos a fé, e quer que esta seja grande, porque fundamentalmente a fé é pedido, é mendicância, insistência no pedir. Pedindo-nos a fé, Cristo pede-nos o pedido. Esperando a nossa fé, Cristo espera a nossa espera.

Em suma, quando o Filho do homem vier, encontrará o pedido na terra, encontrará a oração, encontrará quem peça a Sua vinda? Encontrará quem não tenha deixado de, até ao fim, ecoar o grito do Espírito e da Esposa, a Igreja, que é praticamente a última palavra do Apocalipse e, portanto, de toda a Bíblia: «Vem, Senhor Jesus»?⁶⁶

Então percebe-se que ter fé, ser uma pessoa de fé, que está firme na fé diante da vida, mesmo quando esta é tempestuosa e ameaçadora, não é uma questão de força. Não é uma questão de virtude valorosa. É uma questão de pobreza, de pobreza de espírito. Porque o pobre pede, o pobre mendiga.

Sem fé, somos inadequados diante da vida, porque sem fé, procuramos a adequação em nós mesmos, ou nos outros, como pretensão, ou seja, procuramo-la onde ela não está.

Com fé, a adequação é pedida a Deus, é graça pedida e acolhida. E então pode ser uma adequação miraculosa, uma adequação de outra forma impossível, porque vem de Deus.

Sem fé não pedimos nada, e assim vivemos tudo como se fosse nosso e obra nossa. Sem fé, nada é dom, nada é graça, e então nada nos espanta, tudo é óbvio, tudo se torna aborrecido, tudo nos cansa, até as coisas mais bonitas e grandes da experiência humana, como a pessoa amada, os filhos, a família, os colegas, o trabalho, a festa.

Esta identificação da fé com o pedir (vem-me à cabeça o princípio da teologia: «*Lex orandi, lex credendi* – A lei da oração é a lei da fé»)⁶⁷ não esvazia a fé de todos os seus conteúdos teológicos e morais: esvazia-se, porém, de todas as pretensões de sermos nós a produzi-los, de os percebermos sozinhos, de os sabermos. Tudo na fé é pedido, tudo é pedido. E por isso, tudo na fé é dado, é graça. Por isso, a fé fundamental tem como conteúdo o amor de Deus, é fé no amor de Deus.

Então, torna-se até mais fácil perguntarmo-nos se temos fé ou não, torna-se mais fácil verificar se, diante da vida, estamos com fé ou não.

⁶⁶ Cfr. Ap 22,17.20.

⁶⁷ «A lei da oração é a lei da fé, a Igreja crê conforme reza» (Catecismo da Igreja católica, n. 1124).

Perguntemo-nos se pedimos, se rezamos, se vivemos pedindo tudo ao Senhor que nos faz, mendigando tudo. Não há confissão de fé mais reta e ortodoxa do que reconhecer, pedindo tudo, que Deus é Amor e a total consistência de nós mesmos, tal como de todos e de tudo. Tudo vem d'Ele, tudo é o extravasar do seu amor de Pai ao Filho no Espírito Santo. Não existe então confissão de fé mais agradável a Deus do que rezar-lhe como nosso Pai, reconhecendo-o como Pai bom. Não existe confissão de fé mais justa e verdadeira do que o *Pai Nosso*, rezado com Cristo, porque é Ele que no-lo dá.

O que muda Jesus na vida?

Mas se a fé é essencialmente fé em Jesus Cristo, o que é que fé pede de essencial e vital senão o próprio Jesus Cristo, a Sua presença que enche o coração e a vida do homem?

Uma amiga, mãe de família e avó, que dá catequese, escreveu-me uma provocação forte que recebeu duma miúda do quinto ano, que lhe perguntou: «E se Jesus não tivesse nascido? E se não estivesse presente? O que mudaria na nossa vida?».

Isto é mesmo um desafio sobre a fé. De facto, a minha amiga catequista escreveu-me: «Que provocação incrível! Esta miúda obrigou-me a fazer a pergunta que, surpreendentemente, coincide com aquilo que estamos a estudar na Escola de Comunidade: a fé como adesão àquela Presença reconhecida e da qual reconhecemos o impacto concreto sobre todos os aspetos da vida. A força das crianças é que elas não estão à espera duma resposta teológica, querem factos palpáveis! E isto obrigou-me a procurar em mim, para encontrar a resposta. Não procurar no sentido em que não soubesse o que lhe dizer, mas no sentido em que, para lhe responder, tive de começar a descartar todas as respostas supérfluas que me surgiam instintivamente, para chegar ao âmago da questão: Jesus, és-me verdadeiramente indispensável para viver?».

Continua a minha amiga: «Procurar a resposta levou-me assim a um apertado “tu cá – tu lá” com Ele, porque – para acabar – descobri que a resposta não pode ser senão uma Presença presente neste momento, que me abraça agora, toda, tal como sou. “Agora preciso de Ti!”. E acabo por gritar-lhe: “Jesus, não me abandones!”».

Em suma, a fé não se testemunha sem Cristo. Não só sem Cristo como conteúdo da fé, mas sem Cristo presente, reconhecido aqui e agora pela fé, pelos olhos da fé que O fixam. A pergunta que esta miúda do quinto ano formulou tão bem, com tanta sinceridade, é a pergunta ardente, muitas vezes calada ou mal formulada, que o mundo inteiro faz e que, além disso, nos faz o próprio Cristo.

O que é que muda o acontecimento de Cristo, a Sua presença, na minha vida? Perguntei-mo novamente nestas semanas de celebração da paixão, morte e ressurreição do Senhor. O que é que muda a Páscoa na minha vida? Que marca deixa, que determinação deixa? Há uma forma errada, estéril, de se fazer esta pergunta, que é olharmos para nós mesmos, examinarmo-nos de forma moralista ou sentimental, ou intelectual. Como se uma mãe, durante a gravidez, pensasse apenas em como a muda a ela, em como muda a sua forma, o seu peso, em como mudam as suas forças, e não pensasse no bebé, na presença do bebé que cresce dentro de si. A minha amiga catequista captou o âmago da questão, o que estava verdadeiramente em jogo. O impacto da presença de Cristo na nossa vida é acima de tudo, essencialmente, a presença de Cristo. E se tem de mudar alguma coisa em mim, é que eu sinta, experimente, sofra o quanto Ele me é necessário, quanto me falta Cristo se não está ou não lhe presto atenção; e quanto a Sua presença enche a minha vida, lhe dá sentido e beleza.

Sim, aquilo que muda a vida é que a presença do Senhor existe. Aquilo que muda radicalmente a vida é o facto de que Ele está presente. Por isso é precisamente num «tu cá-tu lá» que se percebe o que muda ou não muda a vida o facto de Cristo estar ou não estar. Este «tu cá-tu lá» é aquele reconhecimento, aquele dizer «Tu» a Cristo, que me permite dar-me conta de que Ele já me está a dizer «tu», antes ainda de eu me aperceber. Como os discípulos de Emaús que, mesmo sem o reconhecerem, durante todo o caminho, ouvindo-o, vendo aquele peregrino na penumbra da noite, deram-se depois conta que já se apercebiam, que a sua vida já estava mudada, tomava uma nova forma, que neles ardia como que um fogo que permitia que o seu coração gritasse «TU!» antes ainda que a consciência pudesse chamá-lo pelo nome.

Isto faz-me pensar no comentário do encontro de Jesus com Madalena, de São Gregório Magno, na 25^a Homilia sobre os Evangelhos, em que Jesus, dirigindo-se a Maria Madalena, diz: «Reconhece Aquele por

quem és reconhecida!». ⁶⁸ Come se lhe dissesse: «Diz' "Tu" Àquele que te diz "tu" a ti!».

Há um par de semanas, jantei com o meu querido amigo Carras em Madrid, e conheci a Jone, a sua mulher, que me contou como viveu o início da grave doença que a deixou completamente paralisada durante meses. Em poucas horas, viu-se imobilizada e intubada, apenas capaz de ver e ouvir. E ali disse «Tu» a Cristo, pôs-se a dizer «Tu» a Cristo, e isto deu-lhe imediatamente um sentimento de consistência de si, de dignidade do seu ser criada e amada por Deus, que nunca mais a abandonou, que a determinou mais do que tudo o resto. E contou-nos como os médicos que a tratavam, sem poderem falar com ela, simplesmente olhando-a tal como ela estava, reconheciam que ela, no meio daquilo tudo, tinha uma força, uma paz, que os outros doentes não tinham: a fé.

A fé que informa a vida

Está aqui o âmago da questão da fé. Só se a fé é reconhecimento de uma «Presença presente neste momento», como escrevia a minha amiga catequista, uma Presença à qual dizes «TU» como a Jone, ancorando-te a este «TU» como consistência de toda a vida, que te salva mesmo quando tudo te falta; só se a fé é isto, ela se torna em nós a nascente, o fulcro irradiante de uma vida realmente transformada por Cristo e que transforma toda a realidade, a partir de dentro. A fé é-nos dada e pedida para restituir a toda a realidade a consistência perdida longe d' Aquela que a faz.

Desde que li pela primeira vez, na minha adolescência, o *Diário de um pároco de aldeia* de Georges Bernanos, que me acompanha uma consideração que o padre protagonista escreve mesmo no meio da provação que vive, no seu corpo doente, nas relações complicadas com o seu rebanho, no seu espírito em luta com um Deus escondido que o mantém na agonia do Getsémani.

Escreve no seu *Diário*: «Não, não perdi a fé! Esta expressão, “perder a fé”, como se perde uma bolsa ou uma molhada de chaves, sempre me

⁶⁸ São Gregório Magno, Papa, «Homilias sobre os Evangelhos», Hom. 25, 1-2. 4-5; PL 76, 1189-1193.

pareceu um pouco tola. Deve fazer parte desse vocabulário da devoção burguesa e cheia de princípios que nos legaram esses tristes padres do século XVIII. Não se perde a fé; a fé deixa de informar a nossa vida, e é tudo. [...] Quando acontece um homem culto recalcar a sua crença, pouco a pouco e de maneira insensível em qualquer recesso do seu cérebro, onde acaba por voltar a encontrá-la graças a um esforço de concentração, de memória, ainda que tivesse ternura pelo que deixara de ser ou poderia ter sido, não está certo de que se dê o nome de fé a um sinal abstrato, que se parece tão pouco com a fé [...] como a constelação do Cisne com um cisne propriamente dito».⁶⁹

«Não se perde a fé; a fé deixa de informar a nossa vida». Ou seja, deixa de dar forma à vida a partir de dentro. *In-formar*, etimologicamente, antes de significar apenas e banalmente «dar notícias», significa «dar forma a partir de dentro», «formar a partir de dentro».

E isto ajuda-nos a tomar consciência do verdadeiro problema da crise de fé que vivemos todos, que vive o povo cristão, que vive o homem contemporâneo, filho de séculos de fé abstrata, ou moralista, separada da realidade e da razão. Isto ajuda-nos também a tomar consciência de como a nossa fé precisa de ser reavivada, precisa de ser reencontrada em nós, no cantinho da nossa vida e da nossa consciência para onde a relegámos. Não a perdemos, como diz Bernanos, mas pusemo-la de parte, na gavetinha das coisas inúteis que não deitamos fora, mas das quais já não sabemos o que fazer, para que servem.

O facto é que a fé serve precisamente para *informar* a vida, para dar forma à vida; percebe-se para que serve a fé apenas quando esta dá forma à vida, apenas quando dá à vida uma forma que só a fé pode dar-lhe. Pôr a fé de parte torna-a inútil. Mas não se torna inútil porque, em si, não é útil. Torna-se inútil porque a pomos de parte. Porque uma fé posta de parte já não está em posição de poder dar forma à vida e assim transformar o mundo.

Regina Coeli

⁶⁹ G. Bernanos, *Diário de um pároco de aldeia*, Tradução de João Gaspar Simões, Paulinas, Lisboa 2011, pp. 109-110.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Sábado entre a Oitava de Páscoa, ano A: At 4,13-21; Sal 117; Mc 16,9-15

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL
PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA**

Caros irmãos e irmãs,

nesta Oitava da Páscoa, vivemos ainda a plenitude da luz, da paz e da alegria que emana da vitória de Jesus Cristo sobre a morte. O Evangelho que ouvimos é tirado do chamado “final canónico de Marcos”, ausente nos manuscritos mais antigos do segundo Evangelho, mas rico em conteúdos para a nossa fé. O tema da incredulidade dos Apóstolos aparece várias vezes: eles não acreditam no testemunho de Maria Madalena, que lhes diz ter visto Jesus vivo, nem no testemunho de outros dois discípulos que encontraram Jesus, «enquanto iam para a aldeia». O próprio Jesus, finalmente, aparecendo-lhes «quando estavam à mesa», censura-lhes «a sua incredulidade e dureza de coração».

Esta persistente e quase obstinada incredulidade dos Apóstolos é um aspeto importante que a revelação do Novo Testamento nos transmite, sem eliminá-lo ou “suavizá-lo”. Muitas vezes, na história, tentou-se atacar a fé cristã, dizendo que a ressurreição de Jesus seria um mito criado pela comunidade dos seus primeiros discípulos, fruto de exaltação coletiva ou da glorificação póstuma do mestre, como aconteceu em muitas outras crenças religiosas do passado.

Na realidade, é exatamente o surpreendente testemunho dos relatos evangélicos que contradiz todas estas hipóteses. O grupo dos discípulos de Jesus não se encontrava, efetivamente, num estado de “exaltação coletiva”. Pelo contrário, os Evangelhos dizem-nos que eles estavam temerosos, angustiados e abatidos. E também não se encontra neles uma atitude de fácil credulidade ou de inclinação ao misticismo religioso. É claro, de facto, como ouvimos no Evangelho de hoje, que a própria ideia de que Jesus estivesse ainda vivo parecia incrível para os Apóstolos. Foi extremamente difícil para eles convencerem-se de que Jesus havia vencido a morte!

Portanto, a própria incredulidade dos Apóstolos é um forte sinal de credibilidade do Evangelho. No coração da nossa fé não há um mito,

não há uma ilusão coletiva, não há uma lenda criada pela comunidade com um objetivo de consolação. Não! O fundamento da nossa fé é um facto: Cristo ressuscitou! Cristo realmente venceu a morte! Cristo, ao ressuscitar, entrou com a sua santa humanidade na própria dimensão de Deus e da eternidade! Este acontecimento inesperado e surpreendente foi constatado por muitas testemunhas oculares, como temos ouvido nestes dias nos relatos das aparições do Ressuscitado que a liturgia nos propõe.

Estou convencido de que vocês também fizeram a experiência de Cristo ressuscitado na vossa vida, e por isso estão aqui hoje, por isso estão na Igreja, por isso procuram viver como cristãos no mundo de hoje. Vocês encontraram Cristo ressuscitado na comunidade cristã que, com autoridade, vos transmitiu a Sua palavra: na palavra da Igreja, de facto, reconhecemos a própria voz de Cristo vivo que fala ao mais profundo do nosso coração. Na comunidade cristã vocês reconheceram Cristo ressuscitado “ao partir o pão”, como aconteceu com os discípulos de Emaús. Na comunidade cristã vocês encontraram o rosto misericordioso de Jesus ressuscitado que respondeu com o perdão ao nosso pecado, à nossa indiferença, à nossa soberba, como aconteceu com São Paulo na estrada de Damasco. Na comunidade cristã vocês encontraram Cristo ressuscitado, que nos deu o Seu Espírito, que se tornou em nós fonte de renovação, de renascimento, de iluminação e de infinitas energias criativas para pôr a serviço dos irmãos, como aconteceu com os discípulos no Pentecostes.

Caríssimos, a comunidade cristã na qual vocês encontraram Cristo ressuscitado assumiu para vocês o rosto concreto da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Talvez aqui tenham encontrado uma “Maria Madalena” que vos falou de Jesus com gratidão e entusiasmo. Talvez aqui se tenham deparado com os dois discípulos “regressados da aldeia” que, entusiasmados, vos contaram o encontro impressionante que tiveram.

Talvez no começo tenham reagido com «incredulidade» e «dureza de coração», mas aos poucos a serenidade, a razoabilidade da fé e a alegria daqueles que trouxeram a notícia conquistaram-vos. Aqueles cristãos mostravam-se seguros de um destino bom que está na origem e no culminar da nossa existência, um destino que veio ao nosso encontro e se deu a conhecer. Isto fascinou-vos. O modo de viver e de estar

juntos daqueles que disseram ter encontrado Cristo, o seu envolvimento apaixonado com a vida, que não excluía nada dos seus interesses, tudo isso vos surpreendeu e despertou em vocês o desejo de viver da mesma maneira. Pensaram que, se Cristo é aquele que ajuda as pessoas a viver de maneira tão plena, feliz e autenticamente humana, então vale a pena acolhê-lo e segui-lo.

E efetivamente, começando a seguir Jesus e a viver na companhia dos seus discípulos, começaram a experimentar uma grande paz, começaram a descobrir com surpresa que em Cristo havia respostas para as vossas perguntas e os vossos desejos mais profundos, e que o vosso olhar sobre a vida, a vossa humanidade, o vosso trabalho, as vossas amizades, a vossa capacidade de amar, tudo adquiriu uma nova profundidade e uma maior “verdade”. Isto, na verdade, significa encontrar Cristo ressuscitado. É um evento de renascimento, de transformação, de reconciliação interior e exterior.

Conservem sempre a gratidão ao Senhor por esta imensa graça e também por aqueles “instrumentos” concretos de que o Senhor se serviu: as pessoas, o carisma, a comunidade. Conservem também a clareza e a liberdade de considerá-los instrumentos para o encontro verdadeiro, ou seja, o encontro com Cristo ressuscitado.

No relato de Marcos, ouvimos que foi justamente aos discípulos, com tanta «incredulidade e dureza de coração», que Jesus confiou a missão de «pregar o Evangelho a toda a criatura». A todos nós, mesmo sendo fracos e com uma fé muitas vezes vacilante, Jesus confia grandes tarefas. Fiquei impressionado com um excerto de uma carta que li recentemente, escrita por *don* Giussani em 1960, quando sonhava partir em missão para o Brasil com um grupo de jovens.

«Só “o mundo inteiro” é o horizonte do cristão e “quem trabalha sem este ideal pode ser ferozmente honesto, ricamente asceta, talvez heroico, mas não verdadeiramente cristão”». ⁷⁰ Estas palavras *don* Giussani são verdadeiras! E assim como muitas outras das suas palavras, ainda precisam de ser valorizadas e assimiladas completamente. Convido-vos por isso a voltar à integridade do ensinamento de *don* Giussani, que é uma grande riqueza para a Igreja hoje.

⁷⁰ L. Giussani, citado em L. Brunelli, no anexo «Religio», p. 1, *L'Osservatore Romano*, quarta-feira 8 de março de 2023.

Realmente, o encontro com Cristo ressuscitado expande os nossos horizontes e abre-nos ao «mundo inteiro», insere no nosso coração o desejo de alcançar todos os homens e levar a todos a alegria da Boa Nova. Não percam nunca este olhar universal, este impulso missionário e este grande amor por todos os homens que Jesus indica aos seus discípulos e que *don* Giussani sempre sentiu arder dentro de si.

Esta missão universal da Igreja, ainda que realizada com impulso e entusiasmo, nunca será fácil, na verdade encontrará oposições, como ouvimos na primeira leitura. O relato dos Atos, no entanto, testemunha que diante das proibições de anunciar Cristo e operar curas «em seu nome», Pedro e João mantêm grande franqueza e liberdade de espírito e afirmam: «não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos».

Este testemunho apostólico é de grande ajuda para nós. É claro aqui que o “carisma” de Pedro e dos Apóstolos é precisamente o de manter vivo o anúncio do Evangelho, mesmo quando isso esbarra com a indiferença ou até com a rejeição do mundo. Portanto, só se conservarmos uma forte comunhão com Pedro e com a Igreja é que teremos, também nós, a força de dizer: «Temos de obedecer antes a Deus do que aos homens». O nosso vínculo com os sucessores dos Apóstolos confere garantia de eclesialidade e autoridade ao nosso anúncio e irá ajudar-nos a não sermos “pregadores de nós mesmos”, mas pessoas conquistadas pelo Mistério, também ressuscitados com Cristo e anunciadores de sua vitória sobre a morte. É o valioso serviço que nós, cristãos, somos chamados a realizar por amor aos homens e mulheres do nosso tempo: manter o mundo aberto ao mistério de Deus, anunciar com a vida o “facto” indubitável da ressurreição de Cristo, com toda a luz e a esperança que dela emanam.

Que a Virgem Maria vos sustente no vosso caminho cristão e na missão que o Senhor confia à vossa Fraternidade e a cada um de vocês individualmente. Amém.

ANTES DA BÊNÇÃO

Davide Proserpi. Eminência, permita-me que lhe dirija, em nome de toda a Fraternidade de CL, o nosso vivo e triplo agradecimento.

Obrigado por ter aceitado o nosso convite para partilhar connosco o caminho de aprofundamento do conteúdo da fé que estamos a fazer

nestes dias. Obrigado pelas preciosas palavras que acabou de nos dirigir na homilia, que nos convidam a recuperar na íntegra o ensinamento e a paixão missionária de *don* Giussani: é também o nosso grande desejo! Obrigado pela atenção paterna com que nos acompanha de perto, juntamente com o Santo Padre, nesta fase da nossa história. Isto é para nós um sinal forte e uma confirmação contínua da ação do Espírito Santo na nossa vida e na nossa comunhão.

Não nos interessa mais nada senão viver para a glória de Cristo na terra e, portanto, para servir a Igreja com a nossa vida e o nosso pobre, mas seguro testemunho de que só Cristo é capaz de responder às perguntas e ao tumulto em que se agita o coração do homem do nosso tempo.

Eminência, continuamos a caminhar juntos nesta estrada.

Estamos à sua disposição. Obrigado!

Cardinale Farrell. Antes da bênção final, queria agradecer-vos a todos.

Vocês receberam a vocação de serem membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que – aprendi na minha vida – é um dos movimentos eclesiais mais importantes hoje na Igreja.

Eu considero *don* Giussani um dos maiores profetas da Igreja, da Igreja moderna. E a vossa vocação é uma vocação feita, inspirada, pela cultura dos nossos dias. É para este momento, um dos momentos mais difíceis na vida da Igreja. Mas convosco, conosco, eu acredito que a Igreja avançara sempre, porque aquilo que *don* Giussani disse tantas vezes é verdade.

Nós somos os apóstolos do futuro, vocês são os apóstolos do futuro.

Por isso, agradeço-vos pelo testemunho de vida cristã que dão todos os dias a todos nós. Que Deus, nosso Senhor, vos abençoe a todos. Obrigado.

Sábado, 15 de abril, tarde

Arvo Pärt

Which was the son of... e Nunc Dimittis, Estonian Philharmonic Chamber Choir – Paul Hillier –

Edizioni Harmonia Mundi

Fratres, Hungarian State Opera Orchestra – Tamas Benedek – Edizioni Naxos

The Deer's Cry, The Sixteen – Harry Christophers – Edizioni Coro

Davide Prosperi

Temos uma agradável surpresa: veio visitar-nos o novo bispo de Rimini, Sua Excelência, monsenhor Nicolò Anselmi, que sucedeu a Sua Excelência monsenhor Francesco Lambiasi há apenas três meses, por isso é recém-nomeado. Vem de Génova.

Monsenhor Nicolò Anselmi

Obrigado por este acolhimento. Estou verdadeiramente honrado por estar aqui. Ainda estou a ver – digo a verdade – a assembleia da semana passada, quando estavam aqui 3500 jovens. Vocês são muito mais numerosos, mais bonitos, mais qualquer coisa, obviamente; não vamos já começar a meter a pata na poça!

Queria agradecer-vos por estarem aqui, também em nome da diocese de Rimini, que o Senhor, através do Papa, me chamou a servir há quase três meses. Estamos felizes por vos cumprimentar a assegurar-vos a nossa oração para este momento tão importante, agradecendo todo o bem que fazem nas vossas, nas nossas dioceses. Uma saudação também às tantas pessoas que nos seguem por vídeo conferência.

Prosperi

São mais de 25 mil.

Monsenhor Anselmi

Agora vou celebrar na catedral e rezarei por vocês, pelo padre Mauro e por toda a Fraternidade, que o Espírito Santo possa verdadeiramente tocar os vossos corações. Obrigado.

Prosperi

Obrigado.

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

Para que o mundo creia

«Que Cristo habite pela fé nos vossos corações» (Ef 3,17)

«Não se perde a fé; a fé deixa de informar a nossa vida, e é tudo»,⁷¹ escrevia o pároco de aldeia de Bernanos. Mas qual é a forma que a fé quer dar à vida?

São Paulo explica-o maravilhosamente na Carta aos Efésios, um dos mais bonitos e sublimes textos que escreve da prisão, uma prisão que preocupa os Efésios, como se pudesse diminuir o apostolado de Paulo, em prejuízo deles e da Igreja, e do mundo pagão que espera o Evangelho. Tal como nós muitas vezes pensamos que a doença e a enfermidade, nossa ou dos nossos amigos, pode mortificar uma vocação, uma missão, o frutificar de um carisma. Paulo, pelo contrário, assegura sem meias palavras os Efésios: «Pelo que vos rogo que não desanimeis por causa das tribulações que sofro por vós: elas são a vossa glória».⁷²

E explica imediatamente porquê, revelando a sua posição diante de Deus, ou seja, a sua fé, e como a fé deve dar forma à vida deles, tal como dá à sua:

«Por esta causa dobro os joelhos diante do Pai, do Qual toma o nome toda a paternidade nos Céus e na terra, para que, segundo a riqueza da Sua glória, faça crescer em vós o homem interior, pelo Seu Espírito, e que Cristo habite pela fé nos vossos corações, para que, arreigados e fundados na caridade, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer também aquele amor de Cristo, que excede toda a ciência, de modo que fiquéis cheios de toda a plenitude de Deus».⁷³

A fé é precisamente aquele consentimento do coração à presença dada de Cristo que vem habitar os nossos corações, e que nos permi-

⁷¹ Ver aqui, p. 46.

⁷² Ef 3,13.

⁷³ Ef 3,14-19.

te enraizarmo-nos e fundarmo-nos na caridade, no amor de Deus, de forma a que, com e como todos os santos, ou seja, aquela «nuvem de testemunhas» de que nos falava a Carta aos Hebreus, o coração e a vida, precisamente porque estão informados pela fé, se tornem, por graça, capazes de compreender, de fazer suas, as dimensões do amor de Cristo, «a largura, o comprimento, a altura e a profundidade» deste imenso, infinito amor. E esta é uma forma de nós mesmos, da nossa vida que, diz Paulo, «excede toda a ciência», que nos excede totalmente, como mistério, porque é mistério, o Mistério em absoluto. Ficamos assim «cheios de toda a plenitude de Deus»!

Senão, tudo se esvazia

Mas percebem ao que renunciamos quando colocamos a fé no sótão, num canto do nosso cérebro, como escreve Bernanos, ou num recanto sentimental? Percebem ao que renunciou o mundo ocidental, dantes cristão, ao colocar a fé fora do alcance da razão, do pensamento, da cultura, da vida política e social, e também fora do alcance da religiosidade? *Renunciámos, renunciamos, quase sem nos darmos conta, a «toda a plenitude de Deus»!* Renunciámos às dimensões infinitas do mistério de Cristo, do amor de Cristo! Podemos dizer que tudo, por assim dizer, *se esvaziou*, tudo! Vivemos numa cultura vazia, numa sociedade vazia, numa vida familiar, numa educação, num trabalhar, amar, divertir-se, rezar, crer, vazios, esvaziados, como um enorme balão, ou como muitos balões dos quais escapou, através dum minúsculo furo de que ninguém se dera conta, o ar que lhe dava forma, que lhe dava plenitude. Mas também tanta vida consagrada, monástica, a vida comunitária, a missão, a luta pela paz, pelo desenvolvimento, ou a arte, tal como muita da atividade pastoral, ou o envolvimento na comunicação social, na política: é como se tudo se esvaziasse, ficasse esvaziado de plenitude, daquela plenitude com que a fé nos quer «informar», com que Cristo nos veio informar, tanto que bastaria um grãozinho de mostarda de fé para que isso aconteça,⁷⁴ para que isso penetre em nós, para que Cristo penetre em nós, na vida, fazendo-nos, por assim dizer, ficar repletos de toda a

⁷⁴ Cfr. Mt 17,20.

plenitude de Deus, de toda a amplitude, largura, altura e profundidade do seu infinito e eterno amor.

Mas esta crise não é só da nossa sociedade, do nosso tempo, da Igreja de hoje. Caso contrário, São Paulo não teria falado disto há dois mil anos; de outra forma, sobretudo, Cristo não teria vindo fazer-se homem e habitar no meio de nós, anunciar o mistério a que a liberdade é chamada a consentir, a consentir com o sim da fé. Esta é a crise da humanidade, é a crise do homem, desde o pecado original, quando o homem cedeu à tentação de que a vida pudesse ter uma forma alternativa a toda a plenitude de amor que Deus lhe oferecia.

O que insinua a serpente a Eva, a não ser a ilusão de possuir uma plenitude divina sem a receber de Deus? «Porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes [do fruto], abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal».⁷⁵

O homem e a mulher descobrem-se imediatamente vazios, porque este conhecimento do bem e do mal é o conhecimento da realidade não como ela é na realidade, não como Deus a faz, porque Deus faz tudo bom, tudo bonito, tudo positivo, tudo dado, tudo gratuito. Cheios desta falsa plenitude, desta dúvida sobre Deus e sobre o seu fazer e dar-nos tudo, sobre o seu fazer-nos para receber a vida e tudo d'Ele, Adão e Eva descobrem-se vazios, nus, come que descobrindo uma forma de si mesmos vergonhosa, que deve ser escondida.

Mas é precisamente a este homem esvaziado no seu eu, esvaziado de si mesmo, porque esvaziado da relação amorosa e confiante com o Criador, que Cristo vem trazer, em Si mesmo, uma plenitude de conhecimento real, de conhecimento da realidade toda. Sim, como escreve São Paulo: «Que Cristo habite pela fé nos vossos corações, para que, arreigados e fundados na caridade, possais *compreender*, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e *conhecer* também aquele amor de Cristo, *que excede toda a ciência*, de modo que fiqueis cheios de toda plenitude de Deus».⁷⁶

Se queremos viver deixando-nos informar pela vida da fé, temos de aprender estas palavras de cor e repeti-las na nossa vida quotidiana. É como viver *vendo* o Destino da vida e do mundo, viver tendo diante de

⁷⁵ Gn 3,5.

⁷⁶ Ef 3,17-19; itálicos meus.

nós, em tudo, com todos, sempre, o Ressuscitado que aparece no Cenáculo na noite de Páscoa e que, com todo o esplendor da sua beleza e bondade, sopra sobre nós o Espírito Santo para tornar a nossa vida missão da Sua paz e do Seu perdão: «“A paz esteja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também vos envio a vós”». Tendo dito estas palavras, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados”».⁷⁷

Só assim o homem esvaziado, sem fé, volta a ganhar forma, reencontra a forma da sua substância verdadeira, original, original no coração e no pensamento de Deus, do Pai.

Cristo, tudo em todos

«*Christ with me, Christ before me, Christ behind me.*» «Cristo comigo, Cristo à minha frente, Cristo atrás de mim, / Cristo em mim, Cristo em baixo de mim, Cristo acima de mim, / Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda, / Cristo ao me deitar, Cristo ao me sentar, / Cristo ao me levantar, Cristo no coração de todos os que pensarem em mim, / Cristo na boca de todos os que falarem em mim, / Cristo em todos os olhos que me virem, / Cristo em todos os ouvidos que me ouvirem, / Cristo comigo.»⁷⁸

É a oração de São Patrício (que o compositor estónio ortodoxo Arvo Pärt musicou em 2007), que exprime a consciência de um homem completamente moldado, plasmado no eu, da fé em Cristo. Pärt consegue exprimir bem com a música que acompanha estas palavras o sentimento de Cristo crescer em nós até uma plenitude cada vez maior e irradiante.

Esta humanidade em que Cristo é tudo, tudo em nós mesmos, tudo em todos e tudo em tudo, em toda a realidade, é a humanidade nova, a criação nova que a fé torna possível, que a fé acolhe, que a fé forma, que a fé plasma, abrindo-se ao acontecimento pascal de Cristo que o

⁷⁷ Jo 20,21-23.

⁷⁸ «Christ with me, Christ before me, Christ behind me, / Christ in me, Christ beneath me, Christ above me, / Christ on my right, Christ on my left, / Christ when I lie down, Christ when I sit down, / Christ in me, Christ when I arise, / Christ in the heart of every man who thinks of me, / Christ in the mouth of every man who speaks of me, / Christ in every eye that sees me, / Christ in every ear that hears me, / Christ with me.» (William Byrd – Arvo Pärt, *The Deer's Cry* (2007), according to the Loric of St. Patrick (ca 377), coro The Sixteen, dirigido por Harry Christophers, 2016, © Coro).

Espírito de Pentecostes torna contemporaneamente íntimo no coração e irradiante até aos confins do mundo e do tempo.

Também do ponto de vista musical, o compositor faz crescer a música como que para dar o sentido de plenitude que enche o coração, que enche a vida, quanto mais uma pessoa está consciente de que Cristo está nela, de que Cristo está diante dela, de que Cristo está à sua direita, à sua esquerda, que Cristo é tudo. Tudo, sempre, em tudo e em todos.

Da Galileia até ao fim do mundo

«Os onze discípulos partiram para Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando O viram, adoraram-n’O; alguns, porém duvidaram. Jesus, aproximando-Se, falou-lhes assim: “Foi-me dado todo o poder no Céu e na terra. Ide, pois, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir as coisas que vos mandei. Eu estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo”».⁷⁹

Esta última cena do Evangelho de Mateus faz-me pensar naquilo que o Papa pediu no final do seu discurso à Fraternidade, no passado 15 de outubro: «Nunca vos esqueçais daquela primeira Galileia da chamada, daquela primeira Galileia do encontro. Voltai sempre lá, àquela primeira Galileia que cada um de nós viveu».⁸⁰

Voltar ali, à primeira Galileia, quer dizer voltar ao encontro em que Cristo nos deu uma fé que encheu o nosso coração d’Ele, em que Cristo se impôs ao nosso coração como o Tudo da vida, a Vida da nossa vida. E quando Jesus, depois da Ressurreição, quis voltar a encontrar os seus discípulos na Galileia, e não em Jerusalém, na Judeia, fê-lo para que percebessem que aquela grande missão a que eram chamados devia sempre partir da primavera do encontro com Ele, daquele primeiro e eterno encontro com Ele que cada um de nós fez, faz sempre novamente, quando descobre que a fonte da sua vida é o próprio Cristo, que, por meio da fé, habita nos nossos corações, fazendo-nos sempre de novo e sempre mais experimentar «com todos os santos qual seja a largura, o comprimento, a

⁷⁹ Mt 28,16-20.

⁸⁰ Francisco, «Arda nos vossos corações...», op. cit., pp. 17-18.

altura e a profundidade» e «conhecer o amor de Cristo que excede toda a ciência» para que fiquemos «cheios de toda a plenitude de Deus».

Mas não vamos verdadeiramente à Galileia, não voltamos ao primeiro encontro com Jesus, à fonte do carisma que nos investiu, e portanto, não o reavivamos, se esse ir, esse regressar àquele encontro original, se aquela primeira companhia e amizade que no-lo deve recordar, não o descobrimos imediatamente *enviado em missão*, para todos os povos, para toda a humanidade não ainda batizada em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ou seja, não investida pela grande Presença de Deus que é Amor, que é Comunhão aberta ao homem, que quer abraçar cada homem, todos os homens.

Voltar à Galileia quer dizer voltar ao primeiro encontro que acendeu em nós *o carisma cristão que é o dom divino de poder abraçar Deus que se dá*, de viver pertencendo ao dom da Presença de Deus conosco no Filho incarnado, acesa no mundo pelo Espírito do Pai.

Mas não se volta a isso sem ouvir o Ressuscitado que, precisamente ali, nos diz, nos volta a dizer: «Ide! Ensinai todas as gentes!», prometendo-nos que quem vai, quem parte, leva a Galileia consigo, porque leva em si a presença de Cristo, a presença quotidiana, familiar, constante de Cristo: «Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo!». ⁸¹

Mas será que Cristo nos poderia fazer uma promessa mais bela, mais animadora, mais encorajadora do que esta?

Sim, é mesmo verdade: «Cristo comigo, Cristo à minha frente, Cristo atrás de mim, / Cristo em mim, Cristo em baixo de mim, Cristo acima de mim, / Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda...».

A fé é aquele olhar, aquela escuta, aquela atenção do coração que vê, que sente, que se recorda, faz memória, de que não é possível sair, encontrar-se, fora da largura, do comprimento, da altura e da profundidade do amor de Cristo experimentado pessoalmente e em companhia.

É Cristo que resolve as dúvidas de fé

E esta posição, esta consciência, esta certeza, esta segurança inabalável, é precisamente uma questão de fé, é a fé. Vemos isso, precisamente, na

⁸¹ Mt 28,20.

última cena do Evangelho de Mateus que acabei de referir: «Os onze discípulos partiram para Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando O viram, adoraram-n'O; alguns, porém duvidaram».⁸²

Acontece-nos pensar: mas não é possível! Que desastre! Os onze? Os apóstolos? Há quarenta dias que o veem ressuscitado! Que o ouvem falar, que o veem até comer peixe e pão, que viram e tocaram as suas feridas no seu Corpo vivo e glorioso! Que explodem de alegria cada vez que o veem! *Duvidam?!* Isto é, ainda não têm fé. Não estão verdadeiramente convencidos d' Ele, de que Ele está aqui, de que Ele está vivo e presente.

Como não nos reconhecemos nesta atitude absurda, como não reconhecer que também nós somos sempre assim!

E o que faz Jesus? Repreende-os ainda, porventura? Não. *Jesus aproxima-se mais.* «Alguns, porém, duvidaram. Jesus, aproximando-Se, falou-lhes assim: “[...] Ide. [...] Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo”».

É como se tivéssemos de perceber que as questões de fé, as crises de fé, não somos nós que as resolvemos, mas Cristo. E resolve-as tornando mais próxima, mais visível, mais audível, mais palpável, mais experimentável a Sua presença.

Não é porventura a experiência que fazemos todos? Quantas vezes duvidamos, sobretudo se nos encontramos, como Pedro, no meio do mar em tempestade, e nos parece que Deus já não se importa connosco, ou com o mundo, e nem sequer com a Igreja, e, depois, de repente, acontece alguma coisa, acontece alguém, em que surpreendemos de novo a presença do Senhor. Precisamente como nas aparições do Ressuscitado. Passou-se a noite a pescar e nem um caranguejo, a moral e o humor estão de rastos, e eis que aparece na margem alguém, que depois reconhecemos ser o Senhor, que está connosco todos os dias até ao fim do mundo.⁸³ E então damo-nos conta de que aquele momento de dúvida, de pouca fé, de sentimento de abandono, que nos fez viver mal, que nos fez andar aos encontrões com a realidade, com as pessoas e as coisas, deprimidos e violentos, caprichosos com tudo e com todos; pois bem, damo-nos conta de mesmo esse tempo não foi um parêntesis na presença de Cristo, mas na nossa fé.

⁸² Mt 28,16-17.

⁸³ Cfr. Jo 21,1-7.

Mas – graças a Deus! – a fé não se produz a si mesma, mas nasce e ressurge do encontro com Ele, e Ele está sempre presente, sempre a bater à porta, sempre a aproximar-se novamente, mais, para vir ao nosso encontro.

Erguer os olhos com Jesus

Mas é preciso estarmos atentos! Cristo não se aproxima apenas para reacender a nossa fé, ou melhor, para reacender a fé como nós a entendemos, de forma intimista, como se fosse apenas um instrumento que me serve a mim, para eu estar melhor. Quando Jesus repreende os discípulos, Pedro, a «pouca fé», deles, literalmente, a «pequena fé» deles, talvez pensasse precisamente nisto: numa fé que só sentimos que nos falta quando alguma coisa nos corre mal a nós. Logo, uma fé que nos basta que se acenda intermitentemente, quando sentimos necessidade dela, quando não temos outras luzes mais fortes, ou então que nos basta para dar os três passos necessários para girar em torno de nós mesmos. Quantas vezes o Papa Francisco denuncia uma fé tão reduzida!

Não, a fé que a presença de Cristo quer reacender é aquela luz que o velho Simeão viu e imediatamente anunciou: «Os meus olhos viram a Salvação, que preparaste em favor de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória de Israel, Teu povo».⁸⁴ Não lhe bastava uma fé para consolar a sua velhice. com efeito, teve uma fé que abraçou o mundo.

A fé é mesquinha e, portanto, estéril, também para iluminar a vida quotidiana, se o seu horizonte não é desenhado por um estremecimento para a salvação do mundo todo.

Com efeito, o Papa Francisco, meditando sobre o carisma de *don* Giussani, concluiu dizendo: «Há tantos homens e mulheres que ainda não tiveram aquele encontro com o Senhor que mudou e tornou bela a vossa vida!».⁸⁵

É possível dormir sossegado depois de ter ouvido uma frase destas?

Penso sempre em quando Jesus se retirou com os discípulos para o monte, para descansar um pouco porque uma grande multidão o seguia

⁸⁴ Lc 2,30-32.

⁸⁵ Francisco, «Arda nos vossos corações...», op. cit., p. 15.

constantemente. Estava ali a falar com os seus discípulos, sentados à sua frente. E, de repente, os discípulos veem que o olhar que os fixava se erge e olha para outro lado, para longe (como se eu agora olhasse para lá do fundo do salão). Instintivamente todos se viram e veem que Jesus viu vir ao longe, atrás das costas deles, mais uma vez, a «grande multidão». É a cena relatada no início do Capítulo 6 do Evangelho de São João: «Jesus subiu a um monte e sentou-Se ali com os Seus discípulos. Ora a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima. Jesus, então, tendo levantado os olhos e visto que vinha ter com Ele uma grande multidão, disse a Filipe: “Onde compraremos pão para dar de comer a esta gente?”. Dizia isto para o experimentar, porque sabia o que havia de fazer».⁸⁶

Eis o que acontece a quem tem verdadeiramente «os olhos fixos em Jesus», os olhos fixos nos olhos de Jesus. Normalmente, quando olhamos para um rosto, olhamos para os olhos. Ora, quem tem os olhos fixos em Jesus, vê que o Seu olhar desenha um horizonte sem limites, cheio de compaixão, cheio de consciência daquilo que falta à humanidade, cheio de consciência daquilo de que tem fome o coração do homem. Jesus provoca Filipe sobre o pão que alimenta o corpo, mas sabe já que depois do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, Ihes irá oferecer o anúncio do Pão da vida que é o seu Corpo eucarístico: «Eu sou o Pão Vivo descido do Céu. Quem comer deste Pão viverá eternamente; e o Pão que Eu darei é a Minha carne para a salvação do mundo».⁸⁷

«A minha carne para a salvação do mundo.» Como terão ouvido os discípulos estas palavras, os poucos que a partir daquele momento continuarão com Ele? E como ouvimos nós um apelo como o do Papa: «Há tantos homens e mulheres que ainda não tiveram aquele encontro com o Senhor que mudou e tornou bela a vossa vida!»?

Reunidos na fé para irradiar a fé no mundo inteiro

A oração de São Patrício musicada por Arvo Pärt fez-me repensar na visita guiada que o grande músico fez há anos à minha abadia na Suíça, onde eu morava antes de ser chamado a Roma. Viveu connosco vinte

⁸⁶ Jo 6,3-6.

⁸⁷ Jo 6,51.

e quatro horas, porque os organizadores do Festival de Música Sacra de Friburgo lhe tinham proposto uma estadia no mosteiro, para ver se lhe inspirava uma composição. A sua presença impressionou-nos muito, aos monges, pela simplicidade de coração com que viveu connosco cada momento da nossa vida. Um homem com um coração e um olhar de criança, que via em tudo uma razão de espanto que nos contagiava. Fez-me lembrar muito *don Gius*, a sua personalidade.

Pois bem, Arvo Pärt ficou muito impressionado pelo coro do séc. XV da minha abadia, em que estão representadas as figuras dos doze apóstolos alternadas com doze profetas. Cada apóstolo diz um artigo do Credo e cada profeta uma frase do seu livro que se adapta ao artigo do Credo. Henri de Lubac escreve na sua *Esegesi medievale* que o coro da Abadia de Hauterive é o último desenvolvimento da tradição legendária que pretende que os apóstolos, antes de se separarem para irem evangelizar o mundo, pronunciaram, cada um, um artigo do Credo.⁸⁸

Infelizmente Arvo Pärt não compôs, pelo menos até agora – tem 87 anos –, uma obra musical inspirada neste coro. Porém, tornou-nos mais conscientes da inspiração de que estas figuras deviam transmitir-nos a nós, monges que rezamos todos os dias naquele coro sete vezes por dia, da inspiração que devem dar à nossa fé e à nossa vida comunitária, de comunhão.

Porque esta lenda, se não é historicamente verosímil, é correta teologicamente, é correta na forma como somos chamados a viver a Igreja, a fé e a missão. É correta sobretudo ao recordar-nos que a fé cristã não se pode separar da comunhão. A comunhão eclesial formulou a fé e é o fulcro da sua constante e universal difusão.

Uma só coisa, para que o mundo creia

Qual é a obra, a vocação, a missão, que o acontecimento de Cristo realiza em nós entre nós quando temos fé, a fé da Virgem Maria, dos apóstolos, dos mártires, da «nuvem de testemunhas» que guia e ilumina a Igreja desde há dois mil anos?

⁸⁸ H. de Lubac, *Esegesi medievale. I quattro sensi della scrittura*, vol. 4, Jaca Book, Milão 2006, pp. 455-456.

Jesus fala disso no momento mais solene da Última Ceia, e fala disso rezando ao Pai, revelando-nos o conteúdo da sua oração, da sua profunda confiança no Pai. Não existe relação mais real e consistente do que a do Filho de Deus com o Pai no amor do Espírito Santo. Toda a realidade é criada e recebe o seu ser e consistência desta relação. O Ser é esta Comunhão eterna e sem fim, e tudo aquilo que existe, em particular nós e as nossas relações, tudo tem origem e destino na Comunhão trinitária. Por isso, as palavras que Jesus usa ao rezar ao Pai são como que o culminar e a síntese de toda a Revelação. O que é que Cristo nos pode revelar de maior, de mais precioso, de mais verdadeiro, de melhor, de mais bonito, do que o seu diálogo com o Pai? Durante trinta anos, Maria viu-o aprofundar a oração ao Pai, e certamente fazia-o retirando-se muitas vezes de noite, em locais desertos e escondidos. Durante três anos, os discípulos viram-no fazer isto, retirar-se no mistério da Sua oração. Quando lhe pediram para os ensinar a rezar, Jesus ensinou-lhes o *Pai Nosso*, eco da sua oração, mas, por assim dizer, traduzida em palavras e pedidos adaptados a nós, pecadores, a nós, devedores. Por isso deve ter sido uma grande surpresa para os apóstolos quando, no fim dos discursos sublimes da Última Ceia, Jesus de repente ficou silencioso, ergueu os olhos para o céu e começou a rezar ao Pai em alta voz, como se se tivesse esquecido que eles estavam ali, como se achasse que se tinha retirado no deserto enquanto eles dormiam. E nesta oração Jesus rezou por eles, como deve ter feito sempre quando rezava em segredo. Rezou por eles, pela missão deles, pela relação deles com o mundo. E rezou também por nós, por todos os discípulos que há dois mil anos acreditaram em Cristo através do anúncio dos apóstolos e dos seus seguidores, e por todos os discípulos que se seguiram até ao fim do mundo. Pediu para todos uma coisa em particular, uma coisa essencial, poderia dizer-se a «única coisa necessária» de que falou a Marta,⁸⁹ preciosa não só para os discípulos, mas para nós, mas para o mundo inteiro, a coisa mais importante para todos:

«Assim como Tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. Poe eles eu santifico-Me a Mim mesmo, para que também sejam santificados na verdade. Não rogo somente por eles, mas também por aqueles hão-de acreditar em Mim por meio da sua palavra, para que

⁸⁹ Cfr. Lc 10,41.

também eles sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós, a fim de que o mundo acredite que Tu me enviaste. Dei-lhes a glória que Me deste, para que sejam um, como também Nós somos um: Eu neles e Tu em Mim, para que a sua unidade seja perfeita e para que o mundo conheça que Me enviaste e que os amaste como Me amaste».⁹⁰

A nossa fé, transmitida pelos apóstolos, transmitida pela Igreja, e a fé do mundo, ou seja, a fé da humanidade que ainda não crê, que não conhece o Filho enviado pelo Pai para salvar o mundo, a fé não vive em nós e não nasce no mundo se faltar a unidade dos discípulos, *se não acontecer a comunhão*, a comunhão entre nós. *A comunhão é o fruto da fé da Igreja, dos discípulos; mas para o mundo, no mundo, a fé é o fruto da comunhão.*

O sentimento da pertença

Mas poderíamos perguntar-nos: porquê esta insistência de Jesus na unidade para que o mundo creia? Porquê insistir praticamente apenas na unidade para permitir que o mundo acolha a fé? Por que é que Jesus só rezou por isto? Por que é que não pediu para os seus discípulos, por exemplo, a graça da santidade, ou para fazerem milagres, ou para serem boas pessoas, honestas, coerentes, impecáveis, capazes de convencer com a sua palavra, as suas obras? O que é que tem a unidade de especial, o que é que tem a unidade – desculpem o jogo de palavras – de único?

Parece-me que Jesus não pediu que os discípulos fossem unidos para que o mundo dissesse: «Vejam como são bons!», mas dissesse: «Vejam como são de Cristo! Como lhe pertencem! Como Cristo é precioso para eles, e... apesar deles!».

Cristo pede a graça da unidade para que nela se reconheça, ou pelo menos, se intua, que esta unidade não é obra dos discípulos, nem de quem se destaca mais entre eles, mas é obra de Cristo, aliás: *é* Cristo, é o Corpo de Cristo! A comunhão é o Corpo de Cristo.

São Paulo era consumido por esta consciência e pela urgência de nos chamar a ela. Como na Primeira Carta aos Coríntios: «Fiel é Deus,

⁹⁰ Jo 17,18-22.

que vos chamou à comunhão com Seu Filho Jesus Cristo Senhor Nosso Ora, rogo-vos, irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos o mesmo e que entre vós não haja divisões, mas vivi em perfeita harmonia, no mesmo espírito e no mesmo parecer [uma unidade profundíssima]. Porque a vosso respeito, meus irmãos, foi-me referido pelos de Cloé, que há contendas entre vós. E digo isto, porque cada um de vós diz: “Eu sou de Paulo. Eu de Apolo. Eu de Cefas. Eu de Cristo”. Está dividido Cristo? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Ou fostes batizados em nome de Paulo?».⁹¹

Que dor para um apóstolo, para um padre que vive e se consome para gerar Cristo, para gerar Cristo em todos, ver-se instrumentalizado para criar divisões no próprio Corpo de Cristo! Que horror para Paulo ouvir pessoas que dizem pertencer-lhe mais a ele do que ao Senhor!

Mas de onde surgem estas deturpações? Vêm de uma fé distorcida, de quem pretende possuir Cristo em vez de se deixar possuir por Ele, em vez de ser Seu, em vez de Lhe pertencer. É uma falta de fé que fere o coração do Mistério que nos é comunicado ao sermos inseridos na comunhão da Igreja através do batismo. Nós somos batizados «em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo», e por isso mesmo somos inseridos naquela unidade do Pai e do Filho no Espírito que Cristo pediu ao Pai para nós, antes de morrer na Cruz e ressuscitar dos mortos.

«Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão-de acreditar em Mim por meio da sua palavra, para que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós, a fim de que o mundo acredite que Me enviaste.»⁹²

Toda a pertença humana – mesmo a discípulos de grande valor e cheios de carisma como Pedro, Paulo ou Apolo – que não sirva para nos fazer crescer na pertença a Cristo, que por sua vez nos insere na sua comunhão com o Pai no Espírito Santo, não destrói apenas a unidade da Igreja, ou de uma comunidade eclesial, de uma fraternidade, e não torna apenas vã a missão de testemunho a dar ao mundo para que este acredite; *destrói-nos a nós*, destrói a pessoa, torna-a alienada da sua verdade última, do seu destino, como Jesus disse de Judas: «Um de vós é um demónio».⁹³ Judas já não é ele mesmo, está possuído por uma alie-

⁹¹ 1Cor 1,9-13.

⁹² Jo 17,20-21.

⁹³ Jo 6,70.

nação, por outro que não o constitui como Cristo nos constitui, como o Pai nos constitui. A unidade da nossa pessoa, a unidade do nosso coração, joga-se na unidade da Igreja, constrói-se e consolida-se na unidade da Igreja, na fraternidade a que o Senhor nos concede pertencer para sermos Seus, para Lhe pertencermos. O meu amigo Luciano, carpinteiro, escrevia-me sempre: «O Senhor fez com que nos encontrássemos porque Lhe pertencemos, fez-nos amigos porque Lhe pertencemos».

Não é porventura evidente, palpável, nas nossas comunidades que quem mais se consagra e se sacrifica à comunhão fraterna tem mais consistência como pessoa? Talvez seja o mais carente de dons e carismas, o menos capaz de agir e de falar, o menos inteligente. Porém, como é evidente que a comunidade resiste porque existe aquela pessoa, aquela humildade, aquela presença, aquele olhar, aquela atenção, aquela caridade, aquela fé!

Parece que no momento da morte de Santa Teresa de Lisieux as monjas não sabiam o que escrever sobre ela no obituário, precisamente porque «só» tinha amado e favorecido a comunhão na comunidade. Não tinha feito mais nada de especial.

Quantas pessoas assim encontrei nos mosteiros, e em tantas outras comunidades, nas nossas comunidades. Pessoas amadas por toda a gente sem sabermos porquê. De facto, não viveram por alguma coisa, mas por Alguém. A comunhão entre nós não é «uma coisa qualquer»: é Deus presente, é Deus que é amor, é o Espírito Santo, é a Trindade, o ser Uno das Três Pessoas que coincide com o seu Ser. Só um olhar de fé vê isto, e educar-nos na fé é para nos levar cada vez mais a ver isto, a ver o Mistério entre nós, enchendo-nos de silêncio, de espanto, de confusão pelo nosso pecado, mas uma confusão alegre, grata, certa da misericórdia do Pai, e enchendo-nos de desejo de não sufocar esta beleza, este esplendor de amizade que arde entre nós, apesar de nós, e, precisamente porque arde, irradia, sem fronteiras. E faz o mundo acreditar.

A graça da unidade

Porque a unidade é uma graça. É-o, acima de tudo, porque, é pedida por Jesus ao Pai. Tudo aquilo que Jesus pede ao Pai é graça certa, é carisma, dom de Deus. O verdadeiro escândalo das divisões na Igreja,

entre os cristãos, é que se insurgem, elas surgem necessariamente da recusa de uma graça certa, de um carisma garantidamente dado, porque não é possível que o Pai recuse uma oração tão insistente do Filho na véspera da sua paixão e morte. É impossível. É como se Jesus tivesse dito ao Pai: «Toma a minha vida, deixa-me morrer na Cruz, mas dá-me a comunhão para eles, faz com que eu morra para que a nossa unidade esteja neles, para que entre eles esteja o nosso Ser, a nossa Caridade!».

Não é possível que o Pai não atenda a oração extrema do Filho. Extrema, mas não última. Jesus reza assim no final da sua vida para nos revelar a sua oração eterna, aquilo que pede eternamente para nós, aquilo que está a pedir agora.

Impressiona-me sempre uma frase da Carta aos Hebreus: «Jesus não entrou num santuário feito por mão de homem, figura do verdadeiro, mas entrou no mesmo Céu, para se apresentar agora diante de Deus por nós».⁹⁴

Jesus apresenta-se *agora* diante do Pai em nosso favor, está a falar bem de nós, está a interceder por nós, ocupa-se com o Pai falando de nós como um amigo cheio de apreensão pelo amigo, como uma mãe pelo filho, como a esposa pelo esposo. Impressiona-me aquele «agora» inserido na eternidade. Um «agora», portanto, eterno no Céu, mas que toca, por assim dizer, cada instante da minha e da nossa vida. O instante que eu vivo agora, a dificuldade que eu vivo agora, a queda que experimento agora, o meu pecado agora, a letícia que vivo agora, Cristo fala disso ao Pai, confia isso à misericórdia do Pai. É o mesmo que dizemos em cada *Ave Maria*: «Rogai por nós, pecadores, *agora* [agora!] e na hora da nossa morte». Também Nossa Senhora está diante de Deus a entregar o instante que eu vivo, a circunstância em que me encontro, tudo, instante a instante, hora após hora, até ao meu último instante, até à hora da minha morte, ou seja, o instante que me fará entrar na eternidade em que Cristo é o meu advogado junto do Pai, o meu juiz defensor.

Se estívéssemos conscientes disto, com que intensidade viveríamos cada instante! E se estívéssemos conscientes de que Jesus, neste instante, está a pedir ao Pai a nossa comunhão, a comunhão com o irmão ou a irmã que queríamos estrangular, que sobressalto sentiríamos pela forma como tratamos a relação com os outros, como vivemos a forma como estamos juntos em comunidade, como pensamos nos outros! Te-

⁹⁴ Hb 9,24.

riamos, pelo menos, um sentimento de contrição pela negligência com que talvez estamos a tratar, em pensamentos, palavras, obras e sobretudo omissões, as pessoas com que Cristo nos pede, aliás, nos dá, para estarmos unidos como Ele está com o Pai na Santíssima Trindade. A unidade não é só uma exigência da vida cristã; é um dom da vida cristã, porque Cristo pede-a como graça.

Porém, deve sempre confortar-nos o pensamento, a certeza, também de fé, de que aquilo que o Filho pede ao Pai é sempre concedido no dom do Espírito Santo.

A coisa pior que nos pode acontecer, então, é habituarmo-nos à divisão, acomodarmo-nos na divisão, dando-a por adquirida, vivê-la com superficialidade, por exemplo, alimentando-a com mexericos. Um dom que Deus pede a Deus, que Deus mendiga a Deus, e que Deus certamente concede a Deus, nós tratamo-lo com superficialidade, como se a unidade mendigada por Cristo ao Pai fosse uma ideia fixa sua, e não uma coisa essencial à sua missão, uma coisa pela qual Ele morreu, suou e derramou o seu Sangue. Esquecermo-nos do desejo ardente, pungente de Cristo pela nossa unidade, pela nossa comunhão, é a distração mais ignominiosa que podemos ter em relação ao Mistério.

Será talvez este o pecado contra o Espírito Santo que não será nunca perdoado?⁹⁵

«Senhor, a quem iremos?» (Jo 6,68)

Mas então, é urgente perguntarmo-nos: como é que podemos levar a sério a unidade que Cristo pede e o Pai dá? O que nos é pedido par acolher este carisma que faz da Igreja o reflexo no mundo da Trindade, que faz da comunidade cristã a prova que tudo consiste num Amor eterno, que tudo tem origem e fim, e portanto, sentido, num infinito Amor? E o que é que fazemos de errado quando recusamos este dom?

Talvez o erro esteja precisamente em pensar que a unidade deve ser uma construção nossa, mais do que rendermo-nos à graça, ou seja, à ontologia do Ser que faz todas as coisas e nos dá consciência delas. Para sermos unidos não nos é pedido para termos alguma coisa a mais, mas

⁹⁵ Cfr. Mt 12,31-32.

sim para renunciar a alguma coisa. A quê? O Papa Francisco gosta de lhe chamar «autorreferencialidade»,⁹⁶ São Bento chama-lhe «vontade própria» ou «presunção»; Jesus resume tudo isso na pretensão de que nos poderemos salvar a nós mesmos, salvar a nossa vida e a dos outros ou, se preferirmos, no não ter fé n'Ele, no não confiarmos n'Ele.

E aqui percebemos que um ponto fundamental da fé é precisamente que *só Cristo nos salva*. A fé não alimenta a comunhão porque nos torna melhores e mais “santos”, ou porque elimina as discórdias, os conflitos, as ideias diferentes que temos. Quanto maior é a fé, mais abraço tudo no confiar em Cristo, no confiar no Pai, e só isso nos permite permanecermos unidos, sobretudo também com quem é diferente, com quem é nosso inimigo, quem pensa de forma diferente, quem age mal, e também de permanecermos unidos apesar de tudo aquilo que, em nós, é incapaz de edificar a unidade. A unidade da Igreja e na Igreja, a unidade dos discípulos que Cristo pede ao Pai para que o mundo creia, é toda fundamentada naquele ato de fé de Pedro que, apesar de tudo e de todos, e sobretudo apesar dele mesmo, grita do fundo do coração: «Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna. E nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus».⁹⁷

«Acreditamos»: é verdadeiramente um ato de fé o que Pedro expressa, na forma plural que o une aos irmãos. Faz um ato de fé em comunhão com os irmãos. Permanecendo ligado a Jesus, permite a todos os discípulos ficarem ligados uns aos outros. A fé que nos une é esta consciência de Pedro de não poder abandonar Cristo sem se encontrar no nada, numa solidão na qual já não saberíamos aonde ir, completamente perdidos: «Senhor, aonde iremos?».

A pretensão sobre si que falha

Mas Jesus responde a Pedro com uma frase amarguíssima, que nos deve encher não tanto de medo, mas de humildade na forma de viver a fé e de viver na Igreja, na nossa comunidade. «Jesus replicou: “Não fui Eu que vos escolhi a vós, os Doze? E, contudo, um de vós é um demónio”».

⁹⁶ Cfr., por exemplo: Francisco, *Audiência com o movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁷ Jo 6,68-69.

Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes, porque era este que O havia de entregar, não obstante ser um dos Doze.»⁹⁸

«Um de vós é um demônio», ou seja, alguém que divide, que afasta de tal maneira o seu coração de Cristo que se torna, para todos, uma tentação para se afastarem d'Ele e, portanto, uma tentação para perdermos o eixo da nossa unidade, que só Cristo é. A unidade é Cristo ao centro e a ligação de fé a Ele como única salvação da vida, como única fonte de uma vida plena, eterna.

Aquele que, mesmo caindo, renova a consciência e o grito de que sem Cristo estamos perdidos, confirma a fé dos outros: «Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos».⁹⁹

A fé de Pedro não se fundamenta nele, nas suas qualidades, na sua força, na sua coragem. A fé de Pedro é uma fé dum convertido da traição, tal como a fé de cada um de nós. A fé de Pedro é toda ela fundamentada na oração de Jesus por ele, a mesma oração que fundamenta a nossa unidade: «Rezei por ti». A fé de Pedro é a ligação a Jesus, o não estar separado de Jesus, mesmo quando gritava que não o conhecia. Como sentiu que mentia a si mesmo, Pedro, como sentiu que se negava a si mesmo quando negava o Senhor!

A negação de Pedro culmina num grito expresso com uma violência inaudita: «Então começou a dizer imprecações e a jurar que não conhecia tal homem».¹⁰⁰ Uma violência gerada pelo medo. O medo de quê? O medo de perder vida, o medo de ser preso, de sofrer a hostilidade e os maus-tratos dos judeus, o medo de morrer, o medo, sobretudo, dum perigo indefinido, desconhecido. E, no entanto, tinha dito: «Darei a minha vida por ti».¹⁰¹ Quem de nós nunca fez a experiência de se tornar agressivo e violento devido ao medo de um perigo obscuro, desconhecido? A agressividade, com efeito, é um instinto de defesa. Diante dum perigo que não conseguimos definir, perdemos o controlo das nossas possibilidades de defesa. como não medimos o perigo, como nos é desconhecido, até a defesa perde a medida, não sabe que medida tomar. O

⁹⁸ Jo 6,70-71.

⁹⁹ Lc 22,31-32.

¹⁰⁰ Mt 26,74.

¹⁰¹ Jo 13,37.

erro de Pedro foi o de se ter preparado para defender Jesus imaginando o perigo que o iria ameaçar. Preparou-se para dar a vida *contra* quem ameaçava Jesus mais do que *pelo* próprio Jesus. Tanto é verdade que se munuiu duma espada, pensando que teria de lutar contra guardas armados. E não se tinha preparado para lutar contra uma criada intrometida! Por outras palavras, tinha-se preparado para dar a vida confiando mais em si do que em Jesus, confiando mais na sua própria medida do que em Jesus. Preparou-se para dar a vida, em vez de deixar que a tomassem. Definitivamente, preparou-se para dar a vida confiando mais em si mesmo do que no Senhor, tendo mais fé em si mesmo do que em Cristo. Se tivesse confiado em Jesus, teria esperado o «mais tarde» que Jesus lhe pedia para esperara para O seguir: «Para onde Eu vou, não podes tu agora seguir-Me, mas seguir-Me-ás mais tarde».¹⁰²

Em suma, Pedro tentou dar a vida por Cristo sem fé, sem confiar n'Ele. É este o ponto fundamental que é preciso perceber e viver na vida. Sem fé não se dá a vida, não se ama, não se tem caridade.

Uma fé grande

Então perguntemo-nos em que consiste uma fé grande, aquela que Jesus louvava aos pagãos e desejava para os seus discípulos. Se Jesus repreende Pedro e os discípulos por terem uma fé pequena, uma fé mesquinha, em que consiste uma fé grande? Em que consiste uma fé que tem as dimensões correspondentes à enormidade da missão que Cristo confia à Igreja, que são as dimensões da sua compaixão pela humanidade toda? Como é grande a fé de Simeão, quando vê que a presença de Cristo ilumina o mundo pelo simples facto de que «ele está aqui»,¹⁰³ um menino que não fala, não anda, que não faz nada! Como é grande a fé de Maria que, quando Jesus estava ainda só há um par de dias no seu seio, canta já no *Magnificat* o enorme impacto de salvação no mundo e na história!

Para percebermos, proponho-vos uma última cena do Evangelho; deixemo-nos conduzir pelo espanto do próprio Jesus diante da fé de algumas pessoas, muitas vezes totalmente de fora dos âmbitos daqueles

¹⁰² Jo 13,36.

¹⁰³ Lc 2,34.

de quem se deveria esperar a fé. O episódio que mais me provoca há vários meses, neste sentido, é o do piedoso centurião que suplica a Jesus para curar o seu servo paralítico, que sofre terrivelmente.¹⁰⁴ Lucas diz-nos que «era um servo que lhe era muito querido».¹⁰⁵

Mateus refere que Jesus se dispõe imediatamente a ir a casa dele. Mas este diz-lhe a frase que, em parte, repetimos em cada Eucaristia antes da Comunhão: «Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dissei uma palavra e o meu servo será salvo. Pois também eu sou um homem sujeito a outro, mas tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: “Vai!””, e ele vai; e a outro: “Vem!””, e ele vem; e ao meu servo: “Faz isto!””, e ele o faz».¹⁰⁶

A reação de Jesus é o espanto diante da fé deste pagão: «Jesus, ouvindo estas palavras, admirou-se e disse para os que O seguiam: “Em verdade vos digo; não achei fé tão grande em Israel”».¹⁰⁷ E disse ao centurião: «Vai, que aconteça para ti como acreditaste!».¹⁰⁸

No Evangelho de Lucas, este episódio vem imediatamente a seguir à secção que corresponde ao *Discurso da montanha* de Mateus, que começa com as Bem-aventuranças. Lucas introduz o episódio do centurião com estas palavras: «Tendo terminado este discurso ao povo, entrou em Cafarnaum».¹⁰⁹ E ali o centurião vem ao seu encontro. Lucas faz-nos perceber que a fé do centurião é a resposta mais adequada às palavras de Cristo, ao Verbo de Deus que acabou de expressar o ponto alto do seu ensinamento, o sumo de todo o Evangelho.

Em que consiste, então, esta fé que permite a Cristo cumprir perfeitamente em nós a sua missão? Consiste em acolher a palavra de Jesus com uma disponibilidade humilde, que permite ao próprio Cristo realizar em nós a sua palavra, a sua missão. O centurião dá o exemplo da sua autoridade militar: «Tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: “Vai!””, e ele vai; e a outro: “Vem!””, e ele vem; e ao meu servo: “Faz isto!””, e ele o faz». Em poucas palavras, o centurião *crê com confiança que a palavra de Cristo se torna acontecimento*, crê que a Palavra se

¹⁰⁴ Cfr. Mt 8,5-13.

¹⁰⁵ Lc 7,2.

¹⁰⁶ Mt 8,8-9.

¹⁰⁷ Mt 8,10.

¹⁰⁸ Mt 8,13.

¹⁰⁹ Lc 7,1.

realiza-se a pedirmos e a deixarmos agir. Ele está certo de que quem realiza a palavra, a ordem, é o próprio Cristo. Ou seja, percebe que não devemos conceber a obediência apenas como uma coisa que nós fazemos, com as nossas forças, mas que é o próprio Cristo que sabe e pode realizar por nós e em nós aquilo que diz. A obediência é deixar Cristo fazer aquilo que nos manda, aquilo que nos ordena.

As palavras que o centurião usa não se limitam, então, a descrever o milagre da cura do seu servo; descrevem a vida que Cristo veio viver em nós, que Cristo quer viver em nós. Quando Jesus nos diz: «Vem!», é toda a nossa *vocação* que é resumida nesta palavra. Quando Jesus diz: «Vai!», é toda a nossa *missão* que é sintetizada nesta palavra. E quando diz: «Faz!», nesta ordem está resumida toda a *obra* de Deus que Jesus quer cumprir em nós e através de nós.

A fé não permite apenas que Deus faça algum milagre por nós: *a fé permite a Cristo tornar-se o verdadeiro sujeito da nossa vida*, viver em nós a sua palavra, viver em nós a Palavra que Ele é como Verbo de Deus. *A fé permite a Cristo incarnar na nossa vida, como na Virgem Maria, e viver em nós a sua vocação, missão e obra, ou seja, a sua vinda ao mundo para cumprir a obra do Pai.*

Tudo é resumido por Jesus no final do episódio, quando diz ao centurião: «Vai, que aconteça para ti como acreditaste! – *Vade, et sicut credidisti, fiat tibi!*».

Como não sentir nestas palavras o eco da resposta de Maria ao anjo? «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim [*fiat mihi*] segundo a tua palavra.»¹¹⁰ Jesus, num certo sentido, pronuncia sobre nós, sobre a nossa fé, o «Eis-me aqui!» de Maria, para que também a nossa vida se torne encarnação da Presença e missão.

A posição certa entre a realidade e Cristo

Quando Jesus, depois de ter ouvido o centurião, diz: «Em verdade vos digo; não achei fé tão grande em Israel»,¹¹¹ é como se dissesse que em Israel há uma crise de fé e que a fé do centurião é um juízo profético

¹¹⁰ Lc 1,38.

¹¹¹ Mt 8,10.

que deveria revelar a Israel o seu verdadeiro problema, a verdadeira natureza da sua crise.

Tal como hoje, também no tempo de Jesus o povo se sentia em crise. Todos se apercebiam que as coisas não iam bem, que era necessária uma mudança. Porém, quase todos diziam que a culpa era dos Romanos, ou que era do partido contrário ao seu. Os fariseus diziam que a culpa da crise era dos saduceus, e os saduceus diziam que a culpa era dos fariseus. Como acontece tantas vezes hoje na Igreja: quando não se põe as culpas nos inimigos da Igreja, põe-se as culpas na tendência oposta à nossa dentro da própria Igreja.

Imaginemos que no meio disto tudo viesse Jesus. O que nos diria? Procuraria um centurião romano, ou uma mulher gentia,¹¹² ou uma meretriz arrependida,¹¹³ olharia com espanto para a fé deles e depois dir-nos-ia: «Olhem que o verdadeiro problema é que vocês não têm esta fé. A vossa crise é uma crise de fé. Não tanto a crise de uma fé teórica, dogmática, porque estão todos bastante bem catequizados, mas a crise da fé como posição diante de mim e de toda a realidade, de toda a vida».

Ter fé não significa não fazer nada e deixar que Deus faça tudo, não significa viver apenas de milagres e prodígios, mas tomar a posição certa entre a realidade e Deus, por exemplo entre a situação do mundo e Deus que nos salva. Trata-se de sermos intermediários entre Deus Salvador e a realidade a salvar, sermos aqueles que permitem que Deus aja no mundo. Por isso a fé é essencial à missão.

A fé do centurião é a posição certa entre o seu servo doente e Cristo. Este homem colocou-se com verdade diante do seu servo e diante de Cristo. Por um lado, olhou para o seu servo doente com uma grande compaixão, um grande amor, uma grande paixão pelo seu bem. Por outro lado, olhou para Cristo com verdade reconhecendo-o Deus, reconhecendo-o como o único Salvador que pode curar a humanidade, que pode responder à necessidade de vida e de salvação que há em cada homem. *A fé é esta posição certa da liberdade, da nossa liberdade, entre a necessidade da humanidade e Deus.* De toda a humanidade, em nós e em todo o mundo. A fé é a posição certa que permite a Deus abraçar

¹¹² Cfr. Mc 7,25-30,

¹¹³ Cfr. Lc 7,37-50.

o mundo, salvá-lo, mudá-lo, transformá-lo, renová-lo, ou sejam tudo aquilo de que precisamos todos, sempre.

Jesus põe em evidência a fé do centurião não para condenar o povo de Israel ou os seus discípulos, mas para que todos aprendam com este pagão a abrir-se ao grande milagre que Cristo quer fazer na nossa vida: o milagre não apenas e não tanto de curar um doente, mas o de tornar a nossa vida um espaço onde possa realizar-se o «Vem!», «Vai!» e «Faz!», que Cristo pronuncia sobre nós, ou seja, a nossa vocação para nos tornarmos carne da Sua presença no mundo de hoje.

O primeiro e fundamental milagre da fé é a nossa conversão a deixarmos Cristo viver em nós, na comunidade e, portanto, no mundo. O primeiro milagre é obedecermos a Cristo com simplicidade de coração e confiança, como os soldados e os servos submissos ao centurião. O centurião diz: «Digo [...] ao meu servo: “Faz isto!”, e ele fá-lo». ¹¹⁴ Talvez falasse precisamente do seu querido servo doente. E é precisamente este que Jesus cura, que restitui a esta obediência «sem reservas», diria São Bento, «própria daqueles que não têm nada de mais caro do que Cristo». ¹¹⁵ Jesus cura o servo para que ele possa voltar a viver esta obediência, porém de agora em diante será como se ele obedecesse mais a Jesus do que ao centurião, porque de agora em diante obedecerá, trabalhará, fará tudo com a vida que Cristo lhe deu, que é a própria vida de Cristo em si. Todo o seu vir, ir e fazer será de Cristo em si.

Pensem na plenitude de vida que viver a fé nos daria!

Precisamos urgentemente desta fé para já não vivermos nós mesmos, mas para que Cristo viva em nós, como diz São Paulo aos Gálatas, para que a presença de Cristo se torne toda a vocação, a missão e a obra da nossa vida. ¹¹⁶

Reconhecer que precisamos de salvação

Olhar a crise de frente não significa ser pessimista, mas *reconhecer que a humanidade, a condição humana, está num estado permanente de necessidade de salvação*. A verdadeira crise não pede soluções. A crise

¹¹⁴ Mt 8,9.

¹¹⁵ RB 5,1-2.

¹¹⁶ Cfr. Gal 2,20.

pede salvação, salvação das pessoas e das comunidades, salvação dos povos, dos povos em guerra. A crise resolve-se quando a vivemos como homens e mulheres redimidos, salvos e, portanto, como homens e mulheres que, mesmo no meio da crise, mesmo se a crise permanece, têm uma razão para estarem alegres e em paz que nenhuma solução para a crise poderá alguma vez substituir.

A fé grande é a fé daqueles a quem Cristo pode dizer: «Vai, que aconteça para ti como acreditaste». Sim, a fé é a nossa mendicante abertura ao acontecimento de Cristo, é a permissão sedenta que damos a Cristo para fazer acontecer na nossa vida a Sua salvação, o bem que só Ele pode realizar.

Não há nada de mais urgente e necessário para cada uma de nós, para as nossas comunidades, para a Igreja e para o mundo do que esta fé, porque nada nos é mais necessário do que o acontecimento de Cristo Salvador do mundo.

Regina Coeli

Domingo, 16 de abril, manhã

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto em ré menor para piano e orquestra n. 20, K 466

Clara Haskil, piano – Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux

Spirto Gentil 32, (Philips) Universal

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Ouvimos *Il mio volto*, este canto magnífico de Adriana Mascagni, que recordamos com muito afeto. «Meu Deus, olho para mim e descubro que não tenho rosto.»¹¹⁷ Quantas vezes nos acontece fazer esta experiência? Devíamos dizer que, quando não acontece, é mais por distração do que por outra coisa. Levantamo-nos de manhã e, olhando-nos no espelho, damo-nos conta de que não temos rosto. E quanto mais olhamos em profundidade, mais nos aparece uma escuridão sem fim. Porém, da escuridão, do fundo desta escuridão que seria a nossa existência se estivesse abandonada a si mesma, surge uma luz. «Só quando me dou conta que Tu existes / como um eco oiço de novo a minha voz / e renasço como o tempo da recordação.» Esta luz torna-se cada vez mais forte, inundando todo o espaço do nosso dia: a luz da memória do facto de que somos desejados, somos esperados hoje por Aquele que nos desejou desde sempre. Não estamos sozinhos, Ele está à nossa espera, Ele chama-nos. O canto de Anas que acabámos de ouvir é um acontecimento que se dá todas as manhãs quando abrimos os olhos: «Se tu soubesses quanto te esperei / Quanto pensei em ti, quanto te desejei»,¹¹⁸ diz-nos Aquele que nos faz agora.

Ontem à noite vocês abriram as comportas! Depois de mil e setecentas perguntas que chegaram, acabou-se o tinteiro da impressora! São perguntas muito bonitas, não só aquelas que escolhemos e às quais o padre Mau-

¹¹⁷ A. Mascagni, «Il mio volto», in *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, Lisboa, p. 274.

¹¹⁸ A. Anastasio, «Se tu sapessi», do álbum *Pochi passi*, gravado no Tappeti Sonori Recording Studio, 2022; arranjo musical Walter Muto, © Fratemità sacerdotale San Carlo.

ro irá responder. Isto testemunha que, nestes dias, o padre Mauro nos fez entrar num olhar novo sobre nós e sobre toda a realidade, tanto é verdade perguntas são, na sua maioria, existenciais e tocam as passagens fundamentais da Introdução e, sobretudo, das duas Lições de sábado. Portanto, sem perder mais tempo, vou ler as perguntas escolhidas.

«Os apóstolos acreditaram não por aquilo que dizia, ou pelos milagres que fazia, mas pela Sua “presença carregada de proposta». Podias aprofundar esta passagem? Como é que isto é válido também para o homem de hoje (por exemplo, para os nossos filhos)?»

«Nós somos desfavorecidos em relação aos homens que nos precederam?» «Um homem culto, um europeu dos nossos dias, pode crer, crer mesmo, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo?» (Dostoievski)»

P. Mauro-Giuseppe Lepori. Penso que se estamos aqui, se seguimos um carisma, quer dizer que o Espírito não nos desfavorece, tal como não desfavorece nenhuma época, nenhuma criatura humana. Em que é que não nos desfavorece? No dom de uma presença, no dom de um encontro vivo com Cristo e, portanto, na proposta que a presença de Cristo é. A proposta da fé é a presença, o acontecimento de Cristo no meio de nós. «Eu estarei convosco todos os dias [todos os dias] até ao fim do mundo»: ¹¹⁹ eis a grande promessa do Ressuscitado. Não é possível que, se Cristo está presente todos os dias, esteja menos presente do que estava para os apóstolos, porque Cristo não pode ser menos do que ele mesmo. Se nos foi prometida a Presença, o dom da Sua presença, e se é esta que percorre toda a história até ao fim do mundo todos os dias, todos os meses, todos os anos e, portanto, sempre, mesmo na nossa época, isto não nos pode ser menos dado a nós do que aos apóstolos. Aquilo que nos pode desfavorecer é viver numa época, num tempo cultural, marcado por uma mentalidade que enevoa os nossos olhos e a nossa liberdade no reconhecer esta Presença e no acolher a proposta que ela é. Pode haver uma névoa que nos impede de viver com sinceridade a nossa fé. São Paulo dizia a Timóteo: «Reaviva em ti a fé sincera que recebeste da tua avó, da tua mãe», ¹²⁰ que quer dizer, literalmente, uma fé não hipócrita, uma fé franca, explícita, sincera. Também por isso, não podemos não acreditar que a fê

¹¹⁹ Mt 28,20.

¹²⁰ Cfr. 2Tm 1,5-6.

é um dom, é o dom ligado à presença de Cristo, é o dom que o Espírito nos faz para reconhecer Cristo. Simeão foi, reconheceu a presença do Menino porque o Espírito Santo o impeliu a isso.¹²¹ E creio que devemos mesmo ter fé no Espírito Santo, que não pode deixar de acentuar – ao contrário de desfavorecer! – o dom da capacidade de reconhecer Cristo numa época em que tudo concorre para não O reconhecermos. Temos de nos dar conta disto: também entre nós e na Igreja de hoje há testemunhas que nos surpreendem pela sua excecionalidade precisamente no pano de fundo obscuro de uma cultura, de uma mentalidade, de um tempo que em nada favorece a fé. Pois bem, julgo que isto deve até fazer-nos sentir mais privilegiados em relação a outras épocas.

Prosperi. «Falaste de reavivar as brasas da fé e que a fé é um dom – ainda agora o repetiste –, que, por isso, não somos nós que nos damos. Queria perceber melhor como posso reavivar a minha fé.»

Lepori. Reavivar, ou seja, pedir para reavivar a fé. São Paulo pede uma coisa que a liberdade de Timóteo deve fazer. A fé não é reavivada por si mesma, é um dom, uma graça que é oferecida à nossa liberdade, que é proposta à nossa liberdade. Reavivá-la é a tarefa de correspondência da nossa liberdade a esta graça. Penso que, no fundo, devemos estar conscientes de que também a liberdade é um dom, é um carisma. E que também a liberdade – como dizia – é um dom irrevogável; Deus não revogou este dom depois do pecado e depois de tudo aquilo que aconteceu na história devido a um uso errado da liberdade. Deus continua fidelíssimo à irrevocabilidade de cada um dos seus dons, em especial do dom da liberdade. Devemos estar conscientes de que, precisamente por não ter querido revogar este dom, Cristo morreu na cruz. Subiu à cruz porque não retirou a Judas a liberdade de O trair, aos fariseus a liberdade de O condenar, a Pilatos a liberdade de O processar, etc. Foi ao fundo do dom da liberdade, sofrendo as suas consequências. Desta forma, foi como se no-la tivesse reconfirmado, no-la tivesse dado ainda mais, a tivesse tornado ainda mais preciosa, preciosa na forma como Ele a salva, como Ele a torna boa, um dom não desperdiçado, mas que dá fruto. E o fruto da liberdade é precisamente que se esta se torne um «sim», que

¹²¹ Cfr. Lc 2,25-27.

se torne «sim» ao acontecimento, que se abra totalmente, que seja uma abertura, a abertura de Maria, a abertura de Nossa Senhora ao acontecimento de Cristo. Isto é o ponto alto da liberdade, da liberdade redimida em Maria desde a sua conceção e da nossa liberdade redimida por Cristo na cruz, capaz, portanto, de reavivar a fé, de reavivar-se como fé, de ser vivida como abertura à presença de Cristo.

Proseri. É lindíssimo isso que dizes, ou seja, que a liberdade é o primeiro dom irrevogável de Deus, e é precisamente o testemunho da verdade daquilo que nos dizias na primeira noite: Deus nunca revoga os seus dons. E isto é fonte de esperança e de certeza também para todos nós: Cristo nunca revoga o empenho das promessas que faz à nossa vida.

Lepori. Sim, no fundo a liberdade acolhe-se como dom quando se torna confiança em Deus, acolhe-se como dom quando é confiança que lhe entregamos a Ele. A fé é confiança em Cristo, confiar n'Ele, acreditar n'Ele, segui-l'O, dizer-Lhe que sim, ter confiança no facto de que ele nos quer bem e nos ama. a fé é precisamente acolher o dom até ao fundo, restituindo-o.

Proseri. «Às vezes hoje pareceu-me que tudo vem de Deus: a fé vem de Deus, a unidade é Deus quem a faz, as crises é Deus quem as resolve, como se Deus fosse uma resposta para tudo que cai do céu. Mas onde estou eu?»

«A fé é um método de conhecimento que implica o uso da minha razão. Disseste que “a fé permite que Cristo se torne o verdadeiro sujeito da nossa vida”. É como se eu sentisse que, em parte, a minha humanidade fica de lado. Como é que a minha humanidade pode ser caminho e não obstáculo para o crescimento da minha fé?»

Lepori. Quando é que utilizamos a razão como razão e não como loucura? Quando esta abraça e reconhece a realidade inteira, quando permanece aberta a toda a realidade. a razão que se fecha sobre uma ideia, sobre um conceito restrito, a razão que renuncia a ser olhar aberto sobre toda a realidade e a compreendê-la, não abraça o infinito (e o infinito faz parte da realidade!). A Revelação, no fundo, revela-nos e propõe-nos verificar que toda a realidade é feita por Deus, é Deus que a faz pelo amor que Ele

é. Portanto a minha razão, ou seja, o meu eu, existe se estiver aberta a isto, se verificar isto. E a Revelação permite e exalta até ao fundo precisamente o eu do homem na medida em que este é capaz de se abrir a toda a realidade. Perceber que a minha humanidade é feita para verificar isto, para verificar que é feita para acolher um amor infinito, torna toda a minha humanidade como que um campo que a fê faz frutificar precisamente abrindo-o a toda a realidade, dilatando a minha humanidade. Onde é que eu estou? Eu estou onde me abro a toda a realidade, não estou ali onde me escondo (como Adão e Eva entre o arvoredo) da vinda até mim de um Deus que me propõe a sua companhia, a sua amizade, que me propõe viver toda a realidade na nascente da sua amizade por tudo, deste Deus que vem passear no jardim que criou, que fez bonito, que deu ao homem para lhe fazer ver que tudo é dom. Porém o homem esconde-se disto, fecha-se a isto! Pois bem, se o meu eu se fecha a isto, fecha-se a si mesmo, ou seja, mortifica-se a si mesmo e já não sabe onde está. Quando Deus pergunta: «Adão, onde estás»,¹²² no fundo Adão não sabe dizer-lhe onde está, porque já não sabe onde está o seu eu, porque o lugar, a posição verdadeira do nosso eu é o Tu. É dizer: «Tu» a Deus, ao Tu que o faz. Só se formos encontrados é que sabemos onde estamos.

Se nos deixarmos encontrar por esta relação que nos ama, que vem até nós, que se propõe a nós e que nos diz «tu» para que respondamos «Tu», então, aí sabemos onde estamos. Nós só sabemos onde estamos se diante de nós estiver o Deus infinito que nos dá tudo. É isto que faz com que Cristo se torne o sujeito da nossa vida, que nos faz viver como um sujeito novo, por isso já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim. Mas o que é que de Cristo vive em mim? A plenitude do meu eu, a plenitude do meu ser criado para ser filho de Deus, o ser criado em Cristo. Nós somos criados em Cristo e Cristo vive em nós, esta é mesmo uma experiência de plenitude do eu que só Cristo torna possível. E só acolhendo, dando-nos conta – como São Paulo, com espanto – que «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim»,¹²³ só vivendo este espanto é que uma pessoa se dá conta de quem é verdadeiramente. Penso que quem conhecia São Paulo – vê-se isso também nas cartas –, reconhecia que era uma personalidade absolutamente característica, mais

¹²² Gn 3,9.

¹²³ Cfr. Gal 2,20.

do que muitos outros, tinha uma personalidade fortíssima, porém até um homem como ele teve de se dar conta de que a plenitude do seu eu, precisamente aquela sua personalidade, era feita para ter um sujeito que não era o eu que ele pensava ser.

Prosperi. Em relação ao ser diante de um Tu e ao espanto de sermos filhos, lembro-me de que entre os Manifestos de anos anteriores havia aquele com a imagem de Marcelino, com os olhos esbugalhados diante duma presença, que não é uma coisa justaposta ao seu eu, mas é fonte de espanto.¹²⁴ às vezes nós temos a tentação – como toda a gente – de, no fundo, nos concebermos autonomamente; é como se Deus não fosse verdadeiramente pai, mas alguém que nos dá o pontapé de saída, e depois temos de seguir em frente com as nossas pernas. Pelo contrário, Deus faz tudo; sim, Deus faz tudo, e aqui é que está a beleza. Por isso Giussani insistia sempre que a nossa postura original é a da criança. Por isso fizemos aquele Manifesto. A criança é completamente dependente, e neste ser dependente não está apenas a sua condição existencial, mas também o gosto, a paz e o espanto contínuo por uma novidade, diante de Outro que faz tudo por nós e na nossa vida.

Lepori. O olhar de Marcelino é o mesmo olhar que me surpreendia em Giussani, aquele seu olhar sobre mim, espantado comigo, que me revelava a mim mesmo, que me espantava e que por isso me abria, não me deixava viver debruçado sobre mim mesmo. Como já dissemos, viver debruçados sobre nós mesmos é exatamente a negação do eu, é o sufocar do eu como relação, como criado à imagem da Trindade. Por isso dizia que a fé cristã não se pode separar da comunhão.

Prosperi. Podemos ler a pergunta seguinte, que é precisamente sobre este ponto: «“a fé cristã não se pode separar da comunhão”. Qual é o nexó entre fé e comunhão?».

Escolhemos esta pergunta precisamente porque nos introduz no fio condutor do percurso destes dias sobre a fé. Toda a segunda lição está centrada nisto.

¹²⁴ A referência é ao protagonista do filme *Marcelino pão e vinho* (realização de L. Vajda, Falco Film-Chamartin, Espanha, 1955), cuja imagem é reproduzida no Manifesto da Páscoa de 1992.

Lepori. A fé cristã não se pode separar da comunhão pelo simples facto de que a fé é acreditar na Trindade. A realidade em que a fé crê é a Trindade que nos faz, que nos quis criar, que criou todo o universo e que dá a tudo consistência e existência, origem e fim de tudo. Deus é comunhão eterna de Pessoas e criou o homem precisamente para que participe desta Sua natureza, da natureza divina que é o amor, que é esta comunhão entre as três Pessoas, e por isso, para que entre nesta relação. No fundo, todo o anúncio de Cristo e de toda a Revelação consiste em fazer-nos entrar na relação trinitária como filhos do Pai no Espírito Santo, ou seja, é-nos dado um lugar que é o lugar de Cristo, um lugar filial no seio da Trindade. E toda a fé é conhecer e experimentar precisamente isto, como Jesus diz no capítulo 15 de São João: «Como o Pai me amou, assim Eu vos amei. Permaneci no meu amor. Se vos amardes uns aos outros, permaneceréis no meu amor». É tudo: «Como o Pai me amou, assim Eu vos amei».¹²⁵ O que pode haver de maior, de mais infinito, do que sermos amados por Cristo como o Pai o ama? Não há nada, não há ser, não há realidade fora disto: «Como o Pai vos amou, assim Eu vos amei». E: «Permaneci no meu amor». Jesus liga este permanecer no Seu amor, este sermos amados por Ele como o Pai o ama, ao amarmo-nos entre nós. Por isso a unidade está ligada à totalidade da experiência cristã. Viver a comunhão entre nós é o abrimo-nos – que nos é pedido, que nos é dado – a esta experiência infinita que é reconhecida apenas pela fé, que a fé reconhece e que a fé acolhe. A fé é acreditar neste amor, na proposta deste amor. Por isso não se pode separar a vida de comunhão da vida de fé, nem a vida de fé da vida de comunhão, porque não há fé fora da comunhão e não há comunhão fora da fé. É um mistério tão grande que não se pode responder, no fundo.

Prosperi. Isto introduz-nos então às perguntas seguintes.

«O que significa sermos unidos e ao mesmo tempo manter a nossa unicidade e diversidade?»

«Insististe muito na unidade. Na audiência de 15 de outubro o Papa disse-nos que “unidade não é uniformidade”. Com efeito, os primeiros cistercienses [ver os *Três frades rebeldes*] e depois São Bernardo fundaram uma nova ordem e *don* Giussani descobriu-se iniciador de uma coisa nova no seio da Igreja. Qual é o contributo da minha humanidade?»

¹²⁵ Cfr. Jo 15,9-17.

Lepori. Também aqui, a unidade que Cristo pede ao Pai por nós é a imitação da forma como são unidos o Pai e o Filho no Espírito Santo. Do pouco que as conheço, parece-me que as três Pessoas da Trindade são muito diferentes umas das outras. Não penso que exista uma diferença mais evidente. Percebem que a comunhão é precisamente a unidade de uma diversidade, porque a pessoa é «diversidade»? É a originalidade, não é? Mas existe um amor no Ser, existe um amor que é o Ser, que une aquilo que é o menos uniforme possível, não sei como dizer. E isto reflete-se na comunhão eclesial. Vejo-o nas vidas dos mosteiros: quanto mais os monges e as monjas envelhecem, mais a sua personalidade se torna original; mas não é que se tornem originais porque se separam da comunhão e fazem aquilo que querem, aliás, muitas vezes são os mais unidos, os mais obedientes, os mais dentro, aqueles que mais participam na vida da comunidade. Porém a personalidade deles torna-se cada vez mais original, mesmo, e espanta-nos a originalidade da pessoa como um dom que é precisamente o seu carisma, o dom de ser aquilo que o Senhor lhe concede ser. Cá está, a uniformidade que o Papa condena é uma unidade que imita a comunhão trinitária, a comunhão da Igreja, em vez de vivê-la. Com efeito, a comunhão não retira ao Espírito – como dizer? – a sua riqueza de dom feito a cada um do carisma que é necessário à comunhão e que torna rica a comunhão entre nós. Isto é válido no seio de uma comunidade, de uma família, de uma fraternidade, de uma Ordem e de toda a Igreja. Aquilo a que devemos estar atentos é a não conceber a identidade de cada um como uma coisa que divide. Normalmente, isto acontece quando um dom é separado da comunhão, ou seja, quando é vivido como uma coisa que não edifica a comunhão, que não é alimentado pela comunhão e que não alimenta a comunhão. Este é o verdadeiro, o único problema. Quando, pelo contrário, acolhemos a originalidade de cada um como um dom do Espírito, percebemos que cada dom é vida do único corpo de Cristo. Isto dá paz no viver o meu dom ou os dons que não tenho, se tiver a consciência de viver num corpo. A mim, por exemplo, dizem-me: «É, mas vocês, monges, não partem, não vão em missão!»; é verdade, mas a Igreja faz missão! Eu sou um membro de um corpo e sei que estou ligado a quem vai em missão, tal como quem vai em missão sabe que está ligado a quem reza, a quem oferece a vida de outra maneira. Pois bem, isto faz-nos precisamente tocar e experimentar toda a riqueza da comunhão

que não mata a identidade de cada um e que não é uma uniformidade que mortifica o dom, o irradiar do dom de Cristo ao mundo.

Prosperi. Há algumas perguntas que tocam no ponto da originalidade, quando esta pode minar a comunhão ou a unidade. Entre as muitas, escolhemos esta:

«Numa passagem da lição da manhã referiste-te a um dos teus mosteiros, falando dos problemas que envolvem a liberdade “mais ou menos sincera das pessoas” que te estão confiadas. Falaste também das reações de raiva, desconforto, tristeza que te assaltam também a ti diante de tudo isto. Às vezes eu faço uma experiência semelhante. Diante de quem se afirma a si mesmo (a sua opinião, o seu poder, ou mesmo simplesmente a sua necessidade de atenção) [isto é válido também no seio de uma família], de forma hostil em relação ao trabalho que outros fazem para construir ou alimentar a unidade, falando com falsidade, manipulando a realidade dos factos e as pessoas (e muitas vezes quem paga a fatura são os mais frágeis), não posso dizer que encontro sempre em mim uma capacidade de confiança em Deus que me dê paz. A consciência de que a unidade da comunidade não depende de mim é um dom, às vezes apaga-se em mim, senão como juízo, pelo menos como um sentimento que me pesa. Porém, há uma verdade na consideração de que a mim me foi confiada também a tarefa de defender a unidade e os fracos. Como é que tu vives esta relação com o mal da divisão, de uma liberdade que não reconhece e “rema contra”?».

Lepori. Pensando sobretudo na minha experiência, creio que ali é precisamente importante manter os olhos fixos em Jesus e não na pessoa ou nas pessoas que, na comunidade (ou na Ordem, no movimento etc.,) incarnam uma posição que divide, um pouco como Judas; não digo que são todos uns Judas, mas que num certo sentido se tornam divisores, criam divisão.

Prosperi. Temos todos um pouco a tentação de Judas.

Lepori. Temos todos em nós essa tentação. Por isso a primeira coisa de que temos de estar conscientes é de que também eu poderia ser aquela pessoa e que, às vezes, sem me dar conta, sou uma tentação para os outros.

Judas foi uma dor para Jesus, foi uma ferida, mas não foi uma «fixação», tanto assim que ninguém se tinha apercebido que Judas era um problema até ao fim, e os discípulos viveram com ele três anos. Em certo sentido, parece que Jesus encobriu sempre a situação – como é que hei-de dizer – precisamente por amor por ele, pela irrevocabilidade do dom que lhe tinha dado de chamá-lo, de lhe dar a liberdade, de o ter escolhido. É como se Cristo não lhe pudesse ter dito: «Não, vai-te embora!», de facto ele é que se foi embora, ele é que o recusou, mas o dom ficou. Isto permite-nos partir sempre, no momento de lidar com as pessoas e as situações que nos atormentam, com um fundo de mistério, porque a pessoa nunca é definida apenas pelo seu comportamento, por aquilo que faz, por aquilo que talvez esteja a tramar. Ainda assim, há uma coisa que me libertou muito numa altura em que sofria alguma hostilidade mais evidente: o dar-me conta de que Deus não nos pede para enfrentar o inimigo de peito aberto, ou seja, de irmos como Pedro contra os inimigos de espada em punho, porque o inimigo é mais forte do que nós, sobretudo o inimigo com I maiúsculo, aquele que se esconde muitas vezes por detrás da fragilidade das pessoas. Judas era um frágil, na sua ambição era um frágil que o demónio conseguiu transformar no seu instrumento de divisão. A mim faz-me muito bem ler os salmos, nos quais há sempre a imagem de Deus que vence o inimigo, porque me dou conta de que o inimigo é mais forte do que eu, mas Deus é mais forte do que o inimigo. O que quer isto dizer? Quer dizer que a experiência da hostilidade, da inimizade, da mentira, etc., não devo enfrentá-la de peito aberto, mas devo enfrentá-la na relação com Cristo, ou seja, devo passar através d’Ele, confiando-me antes de mais a mim mesmo. Significa fixar os olhos n’Ele mais do que no problema que o outro é para mim. E isto é um exercício de ascese, porque é verdade que quando alguém nos atormenta torna-se uma fixação, ou seja, já não conseguimos não pensar nisso, não dormimos de noite porque nos atormenta psicologicamente. No fundo, também isto – talvez seja por isto que Jesus deixou Judas livre de agir até ao fim – nos impele a uma conversão, para que verdadeiramente também nisto, e sobretudo nisto, não pretendemos salvar-nos a nós mesmos, ou salvarmos a comunidade ou a Igreja. Muitas vezes, nas vidas dos santos ou dos Papas, diz-se: «Mas como é que ele suportou fulano ao seu lado? Por que é que não o mandou embora? Por que é que não o afastou? Por que é que o deixou fazer o que fez?». Julgo que isto faz precisamente parte da sua santidade; eles perceberam que deviam deixar a Deus o tempo e a forma de resolver estes tormentos, estas

provações. Porque Deus, no fundo, quer salvar também o inimigo; não quer destruí-lo, mas quer salvá-lo e por isso faz-nos pacientes, para que com a nossa paciência permitamos que Ele vença, e vença até ao fundo, não apenas vencendo o problema, a divisão, a mentira que nos atormentam, mas vencer também a divisão profunda no Seu corpo, de que certos fenómenos, certas pessoas são como que a ponta do icebergue, porque o verdadeiro problema é sempre que há um inimigo muito mais forte por detrás e só Cristo o derrota morrendo na cruz.

Prosperi. Vem-me à cabeça o que Jesus diz ao Pai: «Eram Teus e Tu mos deste [...] para que sejam um, assim como Nós».¹²⁶ Quando nós nos esquecemos disto, é como se nos tornássemos donos da companhia e do caminho em que estamos todos.

Lepori. Como sempre, devemos deixar-nos surpreender pela forma como Deus resolve melhor do que nós estes problemas. Quando disse para comigo: «O inimigo é mais forte do que eu, mas Deus é mais forte do que o inimigo e por isso confio-me a Deus», deu-me paz naquela situação. Surpreendeu-me que Deus tenha encontrado a solução acima de tudo em mim, criou-a em mim, deu-me a mim a graça de estar em paz diante de um inimigo. Era a paz de Jesus diante de Judas, a paz que sempre teve diante de todos os seus inimigos.

Prosperi. «Na lição da tarde, dizias que ter fé não quer dizer não fazer nada e deixar Deus fazer tudo, mas tomar a posição certa entre a realidade e Deus [esta frase impressionou muita gente e muitas das perguntas eram precisamente sobre isto], fazer-se intermediário entre o Salvador e a realidade. O que quer dizer encontrar a posição certa? Podes aprofundar como é que, existencialmente, posso aprender esta posição certa nas circunstâncias quotidianas?»

Lepori. A fé, acima de tudo, reconhece, pede e transmite, anuncia a relação de Deus com a realidade, com a nossa realidade, a relação que cria, que ama, que redime, que salva, ou seja, uma relação que é

¹²⁶ Jo 17,6-11.

misericórdia. Hoje é o Domingo da Divina Misericórdia,¹²⁷ que exprime precisamente o mistério da relação de Deus com a nossa realidade. A fé reconhece que o olhar de Deus é misericórdia. Quando os apóstolos viram Jesus levantar os olhos para a multidão que aí vinha, reconheceram que Jesus tinha uma relação com a multidão (aquela multidão que a eles incomodava!) que era de compaixão, de misericórdia; o seu amor era um amor que abraçava, que acolhia, que dava a vida por eles. Então, a fé é reconhecer a relação de Deus com a realidade, o olhar de Deus sobre a realidade, também sobre o meu inimigo. E isto significa para mim poder olhá-lo com fé e não apenas a partir da minha psicologia, descobrindo que existe uma relação com a realidade que não é o meu tu-cá-tu-lá com ela, mas precisamente um passar através de Deus para olhá-la. O nosso lugar é reconhecer neste isto no viver a nossa realidade, a realidade que nos é dada cada dia, a realidade que vivo na minha família, no meu trabalho, na minha doença, no meu pecado, a realidade que para o centurião era o seu servo doente: no fundo, naquele momento ali, para ele a realidade estava concentrada – enquanto urgência, enquanto dor, enquanto sentimento, enquanto amor e também enquanto amizade – naquele servo doente. E ele o que é que faz? Faz de intermediário entre esta realidade e Jesus, vendo como Jesus a abraça, como Jesus a olha, como Jesus a salva e como a cura. É esta a grande tarefa. E isto permite que o grande acontecimento de Cristo se dê, porque Jesus não olha para a realidade de fora, mas abraça-a, ou seja, faz-se acontecimento na realidade humana. Isto quer dizer que a realidade humana, que o pecado subtraiu a Deus, é como que entregue nas mãos de Deus para que faça dela aquilo que só Deus pode fazer. Entregando o seu servo doente nas mãos de Cristo, o centurião viu-o ser curado, viu-o ser-lhe restituído, viu-o ser redimido e viu-se também a si como instrumento deste acontecimento. E percebeu que bastava a sua fé, num certo sentido, como que dizendo: «Basta a minha fé para te levar ao meu servo. Diz uma só palavra e o meu servo será curado», ou seja: «A Tua presença é tão grande que basta uma palavra e esta chega a tudo». Até uma única palavra acolhida com fé, leva todo o acontecimento de Cristo à realidade que nos é confiada. Penso que, para aprofundar exis-

¹²⁷ O «Domingo da Divina Misericórdia», instituído por São João Paulo II em 2000, coincide com o domingo seguinte ao da Páscoa.

tencialmente como aprender esta posição certa nas experiências quotidianas, nós temos de olhar, precisamente, para a nuvem de testemunhas que nos rodeia. Eu falava da Jone, mas a Jone falou, num testemunho fantástico, de como *don* Gius ou João Paulo II viveram a sua doença, transmitiu-nos o seu olhar sobre a nuvem de testemunhas e sobre estes santos. E depois há um contínuo comunicar do testemunho de como as pessoas, em especial na doença, diante da morte, etc., deixam que esta realidade seja agarrada por Cristo. E este seu testemunho é um caminho para nós, acima de tudo é um fascínio porque não há nada mais fascinante do que uma vida, uma situação – mesmo má, de perigo, de doença, de morte – que se deixa agarrar por Cristo; não há nada mais fascinante como proposta de plenitude de vida para mim, porque sei que também a minha vida é feita para isto. E o caminho é precisamente seguirmo-nos uns aos outros, acolher o testemunho, o testemunho que nos damos, que nos damos uns aos outros e que se torna precisamente uma proposta verificada e que podemos todos verificar.

Prosperi. No entanto, uma amiga nossa pergunta: «Parece-me que toda a nuvem de testemunhas que encontrei não me basta para chegar à certeza do amor de Cristo, à fé verdadeira em Deus Pai. Há sempre espaço para a dúvida. Como posso estar certa de que nas pessoas que encontro está Cristo em ação e quer comunicar comigo?». E outra pessoa pergunta: «Esta dúvida parece-me uma traição demasiado grande e contínua. Poderias ajudar-me a perceber melhor a dinâmica da dúvida? É uma coisa da qual é impossível fugir?».

Lepori. O testemunho, sendo testemunho de um acontecimento, é sempre maior do que a testemunha; não é preciso que as testemunhas sejam maiores do que aquilo que testemunham (nenhum apóstolo foi maior do que Cristo ressuscitado). A grandeza da testemunha reside toda no testemunhar a grandeza de Cristo. E é por isso que as testemunhas são dignas de fé, não tanto porque se anunciam a si mesmas, mas precisamente porque manifestam a grandeza do acontecimento de Cristo nas suas vidas. No fundo, quanto mais a testemunha é miserável, pobre e talvez pecadora, e mais esta testemunha é de Cristo; como aconteceu à samaritana no poço, que volta à sua aldeia e torna-se testemunha de Cristo; ela, a pessoa mais improvável, não teve a pretensão de ser maior do que

Cristo, aliás, não teve pretensão nenhuma, disse apenas: «Talvez seja Ele o Messias?», e, no entanto, testemunhou-O e levou todos até Ele. Quem de nós alguma conseguiu levar toda a sua cidade, a sua aldeia, a encontrar Cristo? Esta mulher fez isso. E isso faz parte do carisma, faz parte do dom do Espírito: que a minha pobreza transmita e testemunhe a infinita grandeza do acontecimento de Cristo. Claro que é preciso humildade, mas a humildade que nos é pedida, diante da miséria do testemunho que nos leva a Cristo, é a humildade que me é pedida a mim para não acreditar que o acontecimento, que Cristo, venha a mim por uma razão maior do que a sua gratuidade, do que a sua misericórdia. A mim faz-me bem que Cristo me seja testemunhado por pobres pecadores, faz-me bem saber que também eu posso tornar-me testemunha. eu não devo temer, porque precisamente isto me testemunha que o acontecimento é maior, que o acontecimento é Cristo e não aquela pessoa. O importante é não reduzir o acontecimento à pessoa que no-lo testemunha, que é o que Paulo denuncia: «Eu sou de Paulo», «Eu de Apolo», «E eu sou de Cefas»;¹²⁸ isto é uma redução do acontecimento de Cristo à pessoa que no-lo testemunha, o que significa não o transmitir verdadeiramente e não o deixar transmitir. Ainda assim, julgo que as dúvidas podem ser parte dum caminho; fazem-nos caminhar, porém temos de nos dar conta de que há dúvidas que nos traem a nós mesmos, que nos fecham, e então aí devemos estar atentos para a dúvida não se transformar num fechamento. A dúvida que questiona, está bem, mas a dúvida que se fecha preocupa-me porque, fechando-me em mim mesmo, já não acolho o acontecimento, já não acolho Cristo e por isso destruo-me.

Proseri. Disseste que a missão nasce do fixar o olhar em Cristo. Visto que ligaste a origem e cumprir-se da fé ao fixar o olhar em Cristo, para muitos não ficou claro que ligação existe entre a fé (que apesar de tudo, é pessoal) e a missão.

«Que relação existe entre o ímpeto missionário e o reconhecimento da unidade como dom de Cristo, para que o mundo creia?»

Lepori. Fixar o olhar em Cristo é reconhecer, manter o olhar fixo numa Presença, uma Presença dada, gratuita, que me é dada a mim e ao mundo

¹²⁸ 1Cor 1,12.

todo. Por isso o ímpeto missionário nasce d'Ele e quanto mais uma pessoa fixa o olhar em Cristo, mais se dá conta de que é um dom universal, que abraça o mundo, como dissemos tantas vezes. Que o ímpeto missionário esteja ligado ao reconhecimento da unidade como dom de Cristo para que o mundo creia é porque – cá está, como eu dizia – a unidade é motivada, só tem consistência, na pertença a Ele. Não há unidade sem pertencer a Cristo. Os Atos dos Apóstolos contam-nos sobre Pedro e João interrogados pelos chefes do Sinédrio: «Vendo eles a firmeza de Pedro e João, sabendo que eram homens sem letras e do povo, admiravam-se e reconheciam ser dos que tinham andado com Jesus». ¹²⁹ Viam homens simples e reconheciam-nos como companheiros de Cristo, como gente que pertencia a Cristo – era a única qualidade que tinham –, e era isso que fazia deles missionários, testemunhas. Viam a unidade deles porque Cristo estava no meio deles, porque cada um deles estava ligado a Cristo. E se cada um de nós está ligado a Cristo, então estamos todos unidos entre nós, não há alternativa a esta dinâmica do acontecimento cristão. Perceber que na unidade com a pessoa que tenho ao lado se joga a comunhão com o mundo todo, com a paz do mundo todo, é no fundo perceber qual foi a grandeza infinita que Cristo trouxe às nossas relações: pertencendo à pessoa que tenho ao meu lado, na unidade com ela, com a minha pequena comunidade, com as pessoas da minha comunidade, joga-se o facto de que ali está a comunhão com o mundo inteiro, está o acontecimento que salva o mundo. Isto faz da minha fraternidade, do meu trabalho de fraternidade, serviço universal para a paz do mundo. Por isso, também o Papa pediu para o ajudarmos na «profecia pela paz». ¹³⁰ E a profecia pela paz começa pela forma como estou com quem está ao meu lado, pela forma como eu trato as pessoas da minha família, da minha comunidade, da minha fraternidade, exatamente devido à natureza do acontecimento que a nossa pobre Fraternidade transporta como um tesouro enorme, é certo, em vasos de barro. ¹³¹ Porém os vasos de barro contêm um tesouro, um tesouro para todos. Estar atentos a isto entre nós antes de querer sê-lo, estar atentos a esta realidade, pela qual Cristo vinculou a pertença a Ele à unidade, logo, a pertença às pessoas com quem estou, estar conscientes disto quer precisamente dizer acolher o acontecimento de Cristo em todo o seu

¹²⁹ At 4,13.

¹³⁰ Cf. Francisco, «Arda nos vossos corações... », op. cit., p. 19.

¹³¹ Cf. 2Cor 4,7.

alcance. A nossa unidade é uma coisa humilde, parece insignificante, mas é através dela que acolhemos o acontecimento para o mundo inteiro, que eu o acolho até para a pessoa mais afastada. Não sei como dizê-lo, desculpem a pobreza da minha expressão um pouco gasta: acredito mesmo que fixar o olhar em Cristo no meio de nós é a obra mais arrebatadora, mais transformadora para o mundo que podemos fazer, que podemos realizar. E se isto nos exige sacrifício, humildade, negação de nós mesmos, estejamos ao menos conscientes (como Cristo quer que estejamos) que não é um sacrifício que fazemos apenas por este pequeno pormenor da realidade que é a minha relação com fulano, mas é um sacrifício que fazemos pelo mundo todo, é um sacrifício que fazemos pela humanidade, pela paz de todos. Hoje é a Páscoa para os nossos irmãos ortodoxos. Poucos dias antes de vir para aqui recebi uma mensagem de uma amiga que está com um grupo de ucranianos refugiados em Itália, estão a viver a Páscoa e acompanharam os Exercícios em Assis. Aquela mensagem acompanhou-me muito nestes dias, porque me transmitia toda a dificuldade deles em viver esta situação num mundo que progressivamente se vai esquecendo da guerra, e talvez também nós comecemos a habituar-nos a este drama, a esta ferida terrível que está na carne deles, por isso não podem esquecê-la. Bem, eu julgo que a resposta, que a ajuda que podemos dar-lhes a eles e ao mundo todo, a resposta que podemos dar às guerras, às desordens no Sudão, etc., começa precisamente na comunhão entre nós, no sacrifício da comunhão, porque é um sacrifício que fazemos por Cristo. Insistir na unidade não é insistir numa coisa a fazer, é insistir na presença de Cristo que nos é dada para o mundo. Por isso é uma responsabilidade enorme, que se joga ao mínimo pormenor do meu olhar sobre a pessoa que tenho ao meu lado, sobre a minha vida, sobre a minha comunidade. Pois bem, ofereçamos isto, porque se não oferecemos este amor à unidade entre nós, não oferecemos Cristo ao mundo. E se não oferecemos Cristo ao mundo, a nossa fé é vã, ou seja, não existe, é uma fé vazia. Mas Cristo ressuscitou e lançou-nos nisto e devemos estar-Lhe gratos porque, na sua infinita misericórdia, nos lança sempre, nos faz sempre instrumentos disto. Por isso demos-Lhe graças!

Prosperi. Obrigado! Um obrigado, julgo eu, merecido. Foram dias muito densos, teremos um ano para retomar tudo aquilo que nos disteste.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 2,42-47, Sal 117; 1Pt 1,3-9; Jo 20,19-31

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA MONSENHOR FILIPPO SANTORO

ARCEBISPO DE TARENTO E DELEGADO ESPECIAL PARA OS *MEMORES DOMINI*

Caríssimos irmãos e irmãs,

A experiência da fé proclamada nestes Exercícios Espirituais alcança a sua máxima expressão litúrgica na celebração deste domingo, que não se chama segundo domingo *depois da Páscoa*, mas segundo domingo *de Páscoa*; um domingo que dura todo o tempo pascal. Hoje é o mesmo dia de Páscoa que irrompe na nossa vida. Um único grande dia, o dia de Cristo ressuscitado que não tem fim.

O Senhor visitou-nos nestes dias de Exercícios, e agora Ele está no meio de nós como esteve com os discípulos no cenáculo. Diz o Evangelho de João: «Chegada a tarde daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas da casa, foi Jesus, colocou-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado». Imaginem, imaginemos os Apóstolos: que espanto, que maravilha vê-lo vivo! O Evangelho de João diz simplesmente que «os discípulos se alegraram muito ao ver o Senhor». E com eles, também nós nos alegramos, porque nestes dias e na nossa vida O vimos.

A presença do Ressuscitado era uma coisa impensável para os Apóstolos, tanto que de todas as vezes que Jesus lhes tinha falado disso, não o tinham sequer tomado em consideração e não tinham acreditado nele. Agora veem-no, com as marcas físicas das feridas das mãos e das costas. É mesmo Ele, ressuscitado e vivo! Vê-l’O desperta a fé e a alegria. Não era uma fé pré-existente que os fazia ver. Primeiro estavam desconfiados e amedrontados, incrédulos. A fé é uma consequência do ver. Viam-no como nos aconteceu a nós, quando se fez presente num encontro mais verdadeiro e mais belo do que tudo o resto. Na Galileia do nosso primeiro encontro, nós vimos os sinais da paixão, as chagas gloriosas, o sinal inconfundível da Sua presença num rosto, numa relação que não se poderia explicar sem Ele. E seguimo-l’O, cada um no seu caminho; a mim, a dada altura, foi-me pedido para ir em missão para o Brasil, e essa foi a experiência mais arrebatadora da vida, mas

foi possível porque Ele está presente; e a voz de *don* Giussani que me convidava a partir era a voz do Senhor que se tornava presente.

Depois Jesus disse de novo aos discípulos: «A paz esteja convosco!» E acrescentou: «Assim como o Pai Me enviou, também vos envio a vós». Ele dá-nos o Espírito e redime os nossos pecados, tal como aconteceu nestes dias. O Senhor faz-se ver, escolhe-nos, vence o medo e envia-nos, assim como Ele foi enviado. Ele é o enviado e envia-nos por sua vez. Pela sua natureza, é inseparável do Pai, no qual sente toda a Sua consistência. Faz-nos antever o facto de que também nós só temos um rosto completo na referência a Nosso Senhor, que nos constitui desde a origem. Assim como para Jesus o Pai é tudo, a fonte e a vida, assim para nós o encontro com Ele é tudo, numa relação histórica. No encontro com o Ressuscitado hoje, reside a nova criação e a nossa consistência, no presente. E isso não porque somos bons e merecemos o Seu amor, mas porque Ele nos alcançou e assim nos enche de espanto e, portanto, de adoração. Acontece-nos a nós aquilo que aconteceu aos Apóstolos, que nunca mais conseguiram eliminar aquele encontro das suas vidas. E da mesma maneira, também nós não podemos eliminar a nossa Galileia da madrugada de cada dia que começa.

Mas Tomé, que naquele dia não estava com eles quando Jesus veio ao cenáculo, não acreditou nos Apóstolos que lhe falavam de Jesus ressuscitado da morte. Dizia: «Se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, se não meter a minha mão no Seu lado, não acreditarei». E Jesus, oito dias depois da Páscoa – exatamente como hoje –, veio, está no meio dos Apóstolos e diz a Tomé: «Mete aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos, aproxima também a tua mão e mete-a no Meu lado; e não sejas incrédulo, mas fiel!». Tal e qual como vemos no quadro de Caravaggio. Jesus fá-lo fazer experiência direta e pessoal da Sua presença; e depois de ter tocado nas mãos e no lado, Tomé diz a Jesus: «Meu Senhor e meu Deus!».

Aquele que tinha duvidado diante da fé dos Apóstolos rende-se perante a experiência de tocar no Senhor. Aquele que tinha ficado incrédulo e afastado das afirmações dos Apóstolos, tem o privilégio de tocar o lado de Jesus próximo do seu coração, faz experiência do Senhor, reconhece-O e proclama-O. Não porque tenha sido bom, mas porque foi amado e nem por um segundo recriminado.

São João Paulo II quis que este domingo fosse o «Domingo da Divina Misericórdia», a misericórdia de Jesus para com Tomé. O Senhor

mostra-Se, ama-nos e perdoa-nos. A fé nasce, também hoje, de factos concretos, do facto de o Senhor se mostrar num encontro vivo, com pessoas como nós, sinal concreto d'Aquele que está Vivo. Jesus diz a Tomé: «Tu acreditaste porque viste», e aqui um grande exegeta, Ignace de la Potterie, traduz assim o significado da afirmação de Jesus: «Bem-aventurados os que acreditaram sem terem visto [ou seja, *sem me terem visto a mim*, diretamente] *acreditaram*».¹³² E a alusão não é aos fiéis que vêm depois, que terão de «acreditar sem ver», mas aos apóstolos e aos discípulos que foram os primeiros a reconhecer que Jesus tinha ressuscitado, mesmo na escassez de sinais visíveis que o testemunhavam. Jesus quer indicar que é razoável acreditar no testemunho daqueles que *viram* sinais, indícios da presença viva do Senhor. Não é o pedido duma fé cega, porque trata-se da beatitude prometida àqueles que, em humildade, reconhecem a Sua presença a partir de sinais ainda que pequenos, e dão crédito à palavra de testemunhas credíveis, como nós aconteceu a nós.

No relato dos discípulos de Emaús, narrado em São Lucas, que acontece no mesmo dia (na noite do primeiro dia), Jesus, depois de ter caminhado com os dois, entra em casa deles, senta-se com eles (senta-se com eles!), parte o pão e os olhos deles abrem-se, o coração deles arde, como aconteceu a Tomé. O mesmo acontece depois aos discípulos dos Apóstolos e acontece-nos também a nós. Jesus senta-se connosco e o coração arde pela Sua presença. E ainda hoje o Senhor se senta connosco na Eucaristia, senta-se connosco na vida de todos os dias, na nossa unidade. Por isso Jesus orou ao Pai: «Eu neles e Tu em Mim, para que a sua unidade seja perfeita e para que o mundo conheça que Me enviaste e que os amaste como Me amaste».¹³³ Desde que O encontrámos, a nossa vida já não é a mesma, porque fomos introduzidos – através do batismo e da graça do carisma – no Seu corpo. Os sinais das Suas mãos e do Seu lado hoje são os sinais da nossa unidade; sinais da paixão do Senhor e da Sua glória.

São Paulo diz-nos: «Todas as vezes [...] que comerdes este pão e beberdes este este cálice, anunciareis a morte do Senhor, até 'que Ele

¹³² «Brani di difficile interpretazione della Bibbia VII, Gv 20,29», in I. de la Potterie, *Storia e mistero. Esegesei cristiana e teologia giovannea*, SEI-30Giorni, Turim-Roma 1997.

¹³³ Jo 17,23.

venha».¹³⁴ Nasce assim um desejo maior da Sua vinda. Da paixão do Senhor nasce a ressurreição que, como um rio imparável atravessa os tempos e chega até nós nos sacramentos, no sacramento da Igreja e no sacramento do nosso carisma, abraçado e reconhecido pelo Papa. Chega também através da graça destes Exercícios Espirituais e desta Eucaristia. Trazemos em nós os sinais inconfundíveis da Sua presença e anunciamo-lo ao mundo, até aos confins da terra, até que Ele venha.

«“Sim, Eu venho sem demora!”. Ámen. Vem, Senhor Jesus!».¹³⁵

¹³⁴ 1Cor 11,26.

¹³⁵ Ap 22,20.

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Papa Francisco

Santidade,

cerca de 32 mil pessoas, das quais 5 mil reunidas presencialmente em Rimini e as outras por videoconferência, a partir de diversas cidades italianas e do estrangeiro, fizeram nestes dias os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

O título dos Exercícios era *De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé* e foram pregados pelo padre Mauro-Giuseppe Lepori, Abade-geral da Ordem Cisterciense. Foi para nós, Santidade, uma ocasião para retomar os conteúdos e o fundamento da nossa fé em Cristo, único Salvador do mundo. O padre Mauro acompanhou-nos neste caminho, ajudando-nos a compreender como é que a fé, reconhecimento da presença de Cristo vivo e presente no meio de nós, “informa” com a sua pessoa toda a nossa vida, tornando-a atraente e digna de ser vivida. E que a fé em Cristo tem como forma a nossa comunhão na obediência a Ele e à Igreja, com a preocupação pela unidade do nosso movimento e de todos os fiéis cristãos. Assim, compreendemos ainda melhor as palavras que nos dirigiu na Praça de São Pedro no passado dia 15 de outubro: «Nunca vos esqueçais daquela primeira Galileia da chamada, daquela primeira Galileia do encontro. Voltai sempre lá, àquela primeira Galileia que cada um de nós viveu»: só naquele encontro encontramos constantemente palavras de vida eterna que, como repetia tantas vezes *don* Giussani, «podem explicar a existência» e nos voltam a lançar na tarefa missionária que nos foi confiada.

Gratos pela bênção que nos enviou e que nos acompanhou nestes Exercícios, continuamos todos a rezar por Vossa Santidade.

Davide Prosperi

S.E.R. cardeal Matteo Zuppi

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência reverendíssima,

no fim de semana que agora terminou, realizaram-se os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Participaram

cerca de 32 mil pessoas, das quais 5 mil reunidas presencialmente em Rimini e as outras por videoconferência, reunidas em grupos em diversas cidades italianas e do estrangeiro.

O título dos Exercícios era *De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé* e foram pregados pelo padre Mauro-Giuseppe Lepori, Abade-geral da Ordem Cisterciense.

O padre Mauro ajudou-nos a compreender como é que a fé, reconhecimento da presença de Cristo vivo e presente no meio de nós, “informa” com a sua pessoa toda a nossa vida, tornando-a atraente e digna de ser vivida, e tem como forma a nossa comunhão na obediência à Igreja. Neste trabalho, voltámos a ser lançados na tarefa missionária que nos foi confiada.

Agradecendo pela sua proximidade e invocando a sua bênção, saudamo-lo com a maior cordialidade.

Davide Prosperi

S.E.R. monsenhor Nicolò Anselmi
Bispo de Rimini

Eminência

Agradecendo novamente a sua proximidade e a saudação que quis dirigir-nos pessoalmente, escrevo para o informar que nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação – com o título *De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé* – participaram cerca de 32 mil pessoas, das quais 5 mil reunidas presencialmente em Rimini e as outras por videoconferência, reunidas em grupos em diversas cidades italianas e do estrangeiro.

A pregação do padre Mauro-Giuseppe Lepori, Abade-geral da Ordem Cisterciense, ajudou-nos a compreender como é que a fé, reconhecimento da presença de Cristo vivo e presente no meio de nós, “informa” com a sua pessoa toda a nossa vida, tornando-a atraente e digna de ser vivida, e tem como forma a nossa comunhão na obediência à Igreja. Neste trabalho, voltámos a ser lançados na tarefa missionária que nos foi confiada.

Invocando a sua bênção para o caminho da nossa Fraternidade, saudamo-lo com a maior cordialidade.

Davide Prosperi

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Por Sandro Chierici

Maria foi a primeira pessoa que teve o privilégio de poder fixar os olhos em Jesus, e o seu olhar não abandonou nunca a vida do seu Filho. Desde antes da Anunciação, totalmente confiada aos desígnios de Deus, soube confiar Jesus ao olhar bom de Simeão e confia-O hoje ao nosso olhar.

Natividade de Maria

- 01 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 02 Ícone, escola de Novgorod, Moscovo, Galeria Tretiakov
- 03 Carpaccio, Bergamo, Academia Carrara

Apresentação de Maria no Templo

- 04 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 05 Carpaccio, Milão, Pinacoteca de Brera
- 06 Vrancke van der Stockt, Mosteiro do Escorial, pormenor

Esponsais da Virgem

- 07 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 08 Raffaello, Milão, Academia de Brera
- 09 Raffaello, Milão, Academia de Brera, pormenor

Anunciação

- 10 Tapeçaria copta, Cidade do Vaticano, Museus do Vaticano
- 11 Paolo Veneziano, Veneza, Academia
- 12 Beato Angélico, Florença, Convento de São Marcos
- 13 Antonello da Messina, *Anunciação*, Palermo, Galeria Regional da Sicília
- 14 Leonardo da Vinci, Florença, Galeria dos Ofícios

Visitação

- 15 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 16 *Visitação*, Avorio, Salerno, Museu Diocesano
- 17 Pontormo, Carmignano (Prato), Santos Miguel e Francisco

Natividade

- 18 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 19 Agnolo Gaddi, Prato, Catedral, capela do Santo Cinto
- 20 Guido Reni, Nápoles, Certosa San Martino
- 21 Ícone, atelier de Rublêv, Moscovo, Galeria Estatal Tretiakov

Adoração dos Pastores

- 22 Matthias Stomer, *Adoração dos pastores*, Turim, Palácio Madama
- 23 Gherardo delle notti, Florença, Galeria dos Ofícios
- 24 Lorenzo Lotto, Brescia, Pinacoteca Tosio Martinengo

Adoração dos Magos

- 25 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 26 Zillis (Grigioni, Suíça), San Martino, teto em madeira, pormenor
- 27 Benvenuto di Giovanni, Londres, National Gallery

Apresentação no Templo

- 28 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 29 Avorio, Salerno, Museu Diocesano
- 30 Beato Angélico, Florença, Convento de São Marcos
- 31 Giovanni Bellini, Veneza, Fundação Querini Stampalia

Fuga para o Egito

- 32 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 33 Juan de Borgoña, Cuenca, Museu da Catedral
- 34 Caravaggio, Roma, Galeria Doria Pamphilj
- 35 Caravaggio, Roma, Galeria Doria Pamphilj (pormenor)

Jesus entre os doutores – Jesus achado no Templo

- 36 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 37 Mosaico, Monreale, Catedral
- 38 Simone Martini, Liverpool, Walker Art Gallery

Vida quotidiana da Sagrada Família

- 39 Raffaello, *Nossa Senhora do véu*, Chantilly, Museu Condé
- 40 Guido Reni, *Nossa Senhora cosendo*, Roma, Palácio do Quirinal
- 41 Rembrandt, *Sagrada família com anjos*, São Petersburgo, Museu Hermitage
- 42 Modesto Faustini, *Sagrada Família*, Loreto, Santuário da Santa Casa

Bodas de Caná

- 43 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 44 Avorio, Salerno, Museu Diocesano
- 45 Fresco, Dečani (Kosovo), pormenor

Maria aos pés da cruz

- 46 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 47 Rogier van der Weyden, *Deposição*, Madrid, Museu do Prado

Lamentação

- 48 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 49 Michelangelo, Pietà, Roma, São Pedro
- 50 Michelangelo, Pietà, Roma, São Pedro, pormenor
- 51 Bellini, Milão, Pinacoteca de Brera

Pentecostes

- 52 El Greco, Madrid, Museu do Prado
- 53 Ícone, Moscovo, Igreja da Santíssima Trindade de Nikitniki

Dormição da Virgem

- 54 Beato Angélico, Cortona, Museu Diocesano
- 55 Jacopo Torriti, mosaico, Roma, Santa Maria Maior
- 56 Paolo Veneziano, Vicenza, Museus civis

Assunção ao céu

- 57 Bartolomeo della Gatta, Cortona, Museu Diocesano
- 58 Tiziano, Verona, Catedral
- 59 Tiziano, Veneza, Basílica dos Frari

Coroação da Virgem

- 60 Giotto, Polittico Baroncelli, Florença, Santa Cruz, Capela Baroncelli
- 61 Jacopo Torriti, mosaico, Roma, Santa Maria maior
- 62 Paolo Veneziano, Nova Iorque, Frick Collection
- 63 Bergognone, Milão, São Simpliciano
- 64 Maestro di Cesi, Paris, Museu Marmottan

Juízo

- 65 Michelangelo, Cidade do Vaticano, Capela Sistina, pormenor
- 66 Michelangelo, Cidade do Vaticano, Capela Sistina, pormenor

Índice

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO 3

Sexta-feira, 14 de abril, noite

SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA 4

INTRODUÇÃO — «*Os meus olhos viram a tua salvação*» 12

SANTA MISSA — *HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA*
MONSENHOR GIUSEPPE BATURI 25

Sábado, 15 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — *A fé que informa a vida* 27

SANTA MISSA — *HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA*
CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL 47

Sábado, 15 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — *Para que o mundo creia* 53

Domingo, 16 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 77

SANTA MISSA — *HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA*
MONSENHOR FILIPPO SANTORO 93

TELEGRAMAS ENVIADOS 97

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 99

Tradução do italiano de Maria Inácia Ramos Ascensão

© 2023 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de L. Giussani, D. Prosperi e M.-G. Lepori

